



**FACULDADE DE ARQUITETURA**  
UNIVERSIDADE DE LISBOA

## **O Ideal e o Real: Quioto do plano histórico à cidade real**

**Filipe Miguel Brandão do Carmo**  
(Licenciado)

Projeto Final de Mestrado para obtenção do  
Grau de Mestre em Arquitetura  
Dissertação

**Orientação Científica:**  
Professora Doutora Maria João Pereira Neto (FAUL)  
Professor Doutor António Eduardo Barrento (FLUL)

**Júri:**  
Presidente Mário Say Ming Kong  
Vogal Paulo Jorge Garcia Pereira

Documento **Definitivo**

FA ULisboa, Lisboa, Dezembro de 2018

**O Ideal e o Real:**  
**Quioto do plano histórico à cidade real**

**Filipe Miguel Brandão do Carmo**  
(Licenciado)

Projeto Final de Mestrado para obtenção do  
Grau de Mestre em Arquitetura  
Dissertação

**Orientação Científica:**  
Professora Doutora Maria João Pereira Neto (FAUL)  
Professor Doutor António Eduardo Barrento (FLUL)

**Júri:**  
Presidente Mário Say Ming Kong  
Vogal Paulo Jorge Garcia Pereira

Documento **Definitivo**

FA ULisboa, Lisboa, Dezembro de 2018



Quioto do plano histórico à cidade real

## RESUMO

---

O Japão é um lugar único no mundo. Devido à sua insularidade desenvolveu aspectos culturais singulares. Neste trabalho propomo-nos a estudar as características que definem a sua arquitectura e cidades.

Para tal recuámos ao momento da sua concepção e idealização para percebermos os seus elementos e as dinâmicas que as compõem. Recorrendo a uma metodologia comparativa e a uma análise histórica, percorremos a evolução da cidade de Quioto desde a sua fundação como capital imperial, à sua maturação como modelo de urbanidade no Japão.

A cidade de Quioto, quando analisada morfológicamente e tipologicamente, constitui-se como um manual da formação das cidades japonesas e da forma das suas residências.

Idealizada sob a forte influência das capitais chinesas, analisámos como os acontecimentos históricos e as suas personagens moldaram o cenário da cidade, transformando e adaptando o que era um plano ideal, concebido para o ritual imperial, para uma cidade que respondia às necessidades dos seus residentes. Passando por destruições constantes, Quioto renasceu constantemente, revelando sempre as intenções dos responsáveis pela reconstrução.

Por ter sido o palco político de todo o Japão, Quioto foi também o local de experimentação e surgimento de novos estilos arquitectónicos. Pela importação de modelos e mutação de existentes, a arquitectura japonesa foi evoluindo para uma identidade que dialoga inequivocamente com a cidade. O estudo das duas escalas tornou-se incontornável para um resultado completo.

Por último, analisados os fenómenos arquitectónicos e urbanos, apontámos alguns aspectos importantes, que, revelando-se em certos momentos da história da cidade, são definidores do pensamento urbano e arquitectónico japonês e indispensáveis àquele que se propuser a intervir no espaço japonês.

Palavras-chave: Japão; História das cidades; Arquitectura japonesa; Morfologia urbana; Imagem da Cidade.

## ABSTRACT

---

Japan is a unique occurrence in the world. Due to its insular character, it developed singular cultural particularities. In the present work we set to study the characteristics that define its architecture and cities.

For such we reverted to the moment of its conception and conceptualization to understand its elements and the dynamics that are part of it. By way of a comparative methodology and a historical analysis, we range through the evolution of the city of Kyoto from its foundation as the Japanese capital, until its maturation as an urban model of Japan.

The city of Kyoto, when analyzed morphologically and through the types of its residences, becomes a manual on the formation of the Japanese city and of the form of its residences.

Relying heavily on the influence of the Chinese capitals, we observed as the historical developments and its characters shaped the city scenario, transforming and adapting what was an ideal plan, thought for imperial pageantry, to a city that tackled its habitants needs. Going through razing several times, Kyoto rebirthed every time, revealing each time the intentions of those responsible for its reconstruction.

Having been the political stage of all Japan, Kyoto was also the place for experimenting and emergence of new architectural styles. Through the importation of outside models and mutation of existing ones, Japanese architecture evolved to an identity that unequivocally dialogues with the city. This two-sided study was indispensable for a complete result.

At last, having analyzed the architectural and urban phenomena, we concluded some important aspects, that, revealed at certain historical moments of the city, define the Japanese urban and architectural thought and are indispensable for those wanting to intervene in the Japanese space.

**Keywords:** Japan; City's History; Japanese Architecture; Urban Morphology; Image of the City.

## O Ideal e o Real

## AGRADECIMENTOS

---

À professora Maria João Pereira Neto, pela paciência e apoio total neste tema novo e por desbravar. Pelas leituras e enorme cultura que me incutiu ao longo dos anos, inspirando-me sempre a alcançar mais e a chegar mais longe.

Ao professor António Barrento, externo à nossa faculdade, mas que me acompanhou como se de um aluno seu se tratasse. Pelo rigor e vasto conhecimento, do qual o presente trabalho muito beneficiou.

Ao professor Luís Afonso, pela disponibilidade constante em explicar o fenómeno urbano, as suas origens e, principalmente, a sua forma. Um pedagogo sempre disponível a partilhar o seu vasto conhecimento.

Ao professor José Cabido, por me ter iniciado neste percurso gigante que é a Arquitectura. Sem a sua paixão contagiosa, o meu entendimento desta disciplina seria muito menos profundo.

À professora Joana Malheiro, pelo seu interesse e completa abertura para a discussão dos assuntos urbanos. Também pelo carinho e pela ajuda constante que demonstrou.

Ao Francisco, pelo espírito crítico e incentivos constantes, pelo apoio e pelo interesse demonstrado na minha carreira académica. Um amigo constante e que me valoriza mais do que o devido.

À Joana pela sua irreverência e por destabilizar bases que eu muitas vezes admito seguras. Sem o seu olhar aguçado e incisivo, de uma inteligência incomum eu não teria chegado ao final deste percurso.

Ao Rafael, companheiro de aventuras que sempre me desafia a melhorar.

Aos meus pais, por tudo o que são para mim e ao meu irmão sem o qual não seria a pessoa que sou hoje.

A todos um enorme e sentido obrigado.



## O Ideal e o Real

## INDICE

---

Resumo.....	4
Abstract .....	5
Agradecimentos .....	7
Indice .....	9
Indice de Figuras .....	14
Introdução.....	17
Metodologia .....	19
Nihonjiron.....	21
Estrutura do documento .....	22
Estado da Arte .....	25
I   Ideais Chineses .....	31
1.1   A China Imperial sob os Sui e os Tang .....	34
1.1.1   A <i>dinastia Sui</i> 隋朝 (581-618 d.C.).....	34
1.1.2   O confucionismo.....	35
1.1.3   <i>Tang</i> 唐朝 (618-907) .....	38
1.2   Capitais chinesas.....	39
1.2.1   As novas cidades.....	39
1.3   Luoyang 洛陽.....	42
1.4   Chang'an 長安.....	46
1.5   Reflexões Parciais .....	48

II   Do ideal ao Real .....	51
.....	52
2.1   Do primeiro reino às primeiras capitais .....	54
2.2   Antigas capitais.....	61
2.3   Heiankyou – A cidade Ideal .....	66
2.3.1   O plano .....	68
2.3.2   Complexo Imperial.....	75
2.3.3   Quarteirões.....	80
2.3.4   <i>Shinden</i> - as casas ideais .....	84
2.4   A Cidade Real.....	89
2.4.1   A ocupação da cidade .....	89
2.4.2   O primeiro polo - <i>Kamigyou</i> .....	93
2.4.3   O segundo polo - <i>Shimogyou</i> .....	95
2.4.4   Terceiro polo – Os <i>In</i> e os <i>Kenmon</i> , para lá da cidade.....	98
2.5   Luz/ Sombra - O Ideal e o Real.....	101
2.6   Reflexões parciais .....	106
III   Uma nova classe na cidade – os Bushi .....	109
3.1   Divisão do estado central - Kamakura 鎌倉時代 (1185-1333).....	112
3.2   Rakuchuu/Rakugai 洛中 / 洛外.....	113
3.3   Os quarteirões e a sua modificação .....	118
3.4   Machiya 町家 – as casas dos cidadãos.....	122
3.5   Os guerreiros que queriam ser aristocratas - Os Ashikaga 足利時代 (1333-1468).....	125
3.6   Plano de Yoshimitsu .....	130
3.7   Os Palácios .....	135
3.7.1   Complexo <i>Sanjouboumon</i> 三条坊門殿.....	136
3.7.2   Palácio <i>Muromachi</i> .....	137
3.7.3   Novo Complexo <i>Sanjouboumon</i> .....	140
3.8   Shouin .....	140
3.9   Cultura de Kitayama e os Palácios afastados .....	145
3.10   Hare/ Ke.....	148
3.11   Reflexões Parciais .....	151

IV   Interregno.....	155
4.1   As guerras .....	158
4.2   Destruição da cidade .....	162
4.3   Horizontalidade - Os Ikki e as novas associações .....	165
4.4   Reconstrução da cidade .....	170
4.5   Uma nova idealização.....	173
4.6   Distritos e os quarteirões alargados.....	176
4.7   Sukiya – uma variação .....	179
4.8   Reflexões Parciais .....	182
 V   Reconstrução e Recriação – A cidade Moderna.....	 185
5.1   A pacificação das províncias em guerra .....	188
5.2   A política nacional de Hideyoshi.....	191
5.3   As novas cidades.....	195
5.4   O plano urbano de Hideyoshi – cidades castelo.....	198
5.5   O centro da nova Quioto – o <i>Jurakudai</i> .....	199
5.6   Verticalidade e cidades castelo .....	211
5.7   Representações <i>ukiyo</i> e e uma nova classe burguesa.....	214
5.8   Reflexões Parciais .....	217
Reflexões Finais .....	219
 Bibliografia .....	 227
História da cidade.....	227
China.....	227
História do Japão.....	228
Urbanismo Japonês .....	230
Arquitetura Japonesa .....	231
Pensamento Japonês.....	232





## INDICE DE FIGURAS

---

Figura 0 – O pagode do templo Touji, na antiga entrada de Quioto	
Figura 1 – O grande canal construído pela dinastia Sui.	36
Figura 2 – A cidade ideal de Luyang dos Zhou.	36
Figura 3 – Chang'an dos Tang.	40
Figura 4 – Planta de Luoyang.	44
Figura 5 – Planta de Chang'an.	45
Figura 6 – Heiankyou. Capital da Paz e Tranquilidade.	52
Figura 7 - Izanami e Izanagi criam o Mundo fazendo emergir do oceano a ilha do Japão.	55
Figura 8 – Localização das primeiras capitais.	60
Figura 9 – Orografia da região central de Kinai.	60
Figura 10 – Planta de Nara.	65
Figura 11 – Comparação entre as capitais de Changan e Quioto.	70
Figura 12 – Heiankyou, a capital ideal.	73
Figura 13 – Maquete de Heiankyou como idealizada.	78
Figura 14 – Esquema das Estruturas do Complexo Imperial.	78
Figura 15 – O Daigokuden de Quioto.	79
Figura 16 – Daigokuden de Nara.	79
Figura 17 – Divisão dos da cidade e dos seus bairros.	83
Figura 18 – As divisões da cidade de Heiankyou.	83
Figura 19 – Uma residência Shinden.	85
Figura 20 – O interior de uma residência Shinden.	86
Figura 21 – O Sunokoen e o Hisashi.	86
Figura 22 – Quioto Fraturada	94
Figura 23 – Esquema de uma casa pré Heian no Japão.	102
Figura 24 – O Sunokoen.	102
Figura 25 – A Luz no espaço japonês.	104
Figura 26 – Rakuchuu/Rakugai.	110
Figura 27 – Rakuchuu/Rakugai.	115
Figura 28 – Os Yomyomachi.	119

Figura 29 – Os Yonmenmachi.	119
Figura 30 – Os Yonchoumachi.	120
Figura 31 – Os Ryougawamachi.	120
Figura 32 – Machiya e o surgimento da rua.	121
Figura 33 – O interior do quarteirão.	121
Figura 34 - Planta e Corte de uma casa Machiya.	123
Figura 35 – O plano de Yoshimitsu.	133
Figura 36 – Reconstrução do plano do Palácio Muromachi.	139
Figura 37 – O palácio Muromachi.	139
Figura 38 – Um Quarto Shoin.	144
Figura 39 – O Kinkakuji.	146
Figura 40 – Uma cerimónia Imperial em frente ao Daigokuden de Nara.	150
Figura 41 – Ran. Distúrbio, rebelião ou desordem.	156
Figura 42 – Uma batalha durante o período Ounin.	161
Figura 43 – Portão Principal do Toudaiji.	168
Figura 44 - Vista aérea a partir da SkyTree.	168
Figura 45 – Quioto fortificada.	171
Figura 46 – A horizontalidade.	174
Figura 47 - Seiganjibon Rakuchu Rakugai-zu.	174
Figura 48 – Um quarto sukiya no templo Ninnaji.	181
Figura 49 – Um quarto sukiya no templo Ninnaji.	181
Figura 50 – Joukamachi ou as cidades-castelo.	186
Figura 51 – Cidades com mais de 100000 habitantes no século XVI.	196
Figura 52 – A fortaleza de Hideyoshi, o Jurakudai.	200
Figura 53 – Planta do Jurakudai.	200
Figura 54 – O plano de Hideyoshi para a cidade de Quioto.	202
Figura 55 – A Odoi.	206
Figura 56 – Edo (Tóquio) durante a década de 1840.	210
Figura 57 – O castelo de Himeji.	210
Figura 58 – O castelo de Osaca construído por Hideyoshi.	212
Figura 59 – Castelo Azuchi.	213
Figura 60 – Nihombashi em Edo durante a década de 1830, pelo artista Hokusai.	215
Figura 61 – Jurakudai Byobozu.	215



O Ideal e o Real

## INTRODUÇÃO

---

Para qualquer investigador português disposto a investigar sobre o Japão a tarefa apresenta-se árdua. Não só pela barreira cultural e linguística, além da geográfica, mas também pela escassez de fontes bibliográficas no mundo ocidental. Ainda que o mundo académico português responda com algumas publicações<sup>1</sup>, a carência de informação e da sua divulgação são notórias.

No caso do tema da arquitectura japonesa, as publicações são ainda menos do que nos restantes campos, estando este campo subestimado na produção portuguesa.

Os estudos neste campo podem revelar não só aspectos importantes para a História do Japão, como também podem despertar novas ideias e métodos de abordagem na Arquitectura.

As principais publicações existentes são de índole não científica e revestem-se de um carácter casuístico. Um dos mais reconhecidos nipófilos terá sido Wenceslau de Moraes<sup>2</sup>. Apaixonado por um país que descobriu em missão diplomática, é o primeiro a descrever vários aspectos da cultura nipónica. O nipófilo Armando Martins Janeira, no seu livro “O Impacto Português sobre a Civilização Japonesa” (1970), fornece algumas pistas na análise das relações entre as duas nações e a importância que os portugueses tiveram no desenvolvimento da civilização japonesa. O historiador João Paulo Oliveira e Costa, tem-se

---

<sup>1</sup> O CHAM, a Sociedade de Geografia e o Instituto de Estudos Orientais (FCH-UCP) são os grandes centros de estudo das temáticas orientais, sendo que o *Bulletin of Portuguese - Japanese Studies* é um importante contributo no estudo e análise dos assuntos orientais.

<sup>2</sup> Wenceslau de Moraes (1854-1929) foi um militar da Marinha Portuguesa, que em missão militar é enviado em 1888 para Macau, tendo sido destacado para várias cidades chinesas. Em 1895 publicou *Traços do Extremo Oriente e Dai-Nippon*, tendo já visitado o Japão em 1889. Em 1898, parte definitivamente para o Japão, tendo em 1899, começado carreira diplomática como cônsul em Kobe. Autor de uma profusão de estudos orientais, foi dos primeiros escritores contemporâneos a debruçar-se sobre a temática japonesa. KEMNITZ, Eva-Maria von - *Dicionário de Orientalistas de Língua Portuguesa*. [em linha]. [Consult. 15 set. 2018]. Disponível na internet:<URL: <https://orientalistasdelinguaportuguesa.wordpress.com/>>.

debruçado sobre os primeiros contactos entre os portugueses e japoneses. Se acrescentarmos os relatos dos primeiros jesuítas no Japão, entre os quais os padres Gaspar Vilela, Luís Fróis e João Rodrigues, no século XVI, começamos a perceber que a produção literária, escrita em português é pouca e limitada a certos períodos.

Ultimamente, pela abertura de programas de intercâmbio entre o Japão e Portugal, o contacto entre as duas culturas tem sido maior. O número de teses que incidem sobre a realidade construída e a arquitectura japonesa têm vindo a aumentar.<sup>3</sup>

No entanto, a carência de um fundo teórico consolidado e fundamentado é notória. Por isto, um dos objectivos deste trabalho é tentar agregar o máximo de informação existente sobre a arquitectura e a história da arquitectura e da cidade japonesa e sua evolução. Ainda que este objectivo não seja cumprido na sua totalidade, o início estabelece-se aqui, para futuros e melhores aprofundamentos sobre o paradigma japonês. A partir de um estudo mais aprofundado será possível abordar e intervir nas cidades japonesas mais seguramente e eficazmente.

Com vista a este objectivo, tentámos recuar às origens de uma cultura arquitectónica japonesa.

O balizamento temporal da presente dissertação é desde a introdução da cultura chinesa no Japão, em meados do século VI d.C., à unificação do Japão e o aparecimento das cidade-castelo, no século XVI. Ao longo destes mil anos pode-se perceber não só as primeiras influências do pensamento chinês na cultura arquitectónica e urbanística japonesa, como também o seu desenvolvimento. O afastamento progressivo do pensamento japonês destas influências exógenas permitiu-nos perceber em que é que consistiam os princípios identitários da arquitectura e da morfologia da cidade japonesa.

---

<sup>3</sup> A título de exemplo refira-se as teses de Mestrado de Simões (2018), Paiva (2018), Marques (2014) e tese de Doutoramento de Silva Leite (2016), entre outras.

Quanto ao local de análise focámo-nos no centro do desenvolvimento da cultura urbana no Japão: Quioto. A sua capital e único caso de urbanidade desde o abandono de Nara no século VIII às primeiras cidades-castelo no século XVI, foi local de experimentação de novos modelos arquitectónicos e urbanos, assim como local de evolução dos mesmos.

Até ao surgimento das cidade-castelo, quase toda a cultura se desenvolveu em Quioto, sendo esta que forneceu os modelos para o resto do país. Quioto foi a capital ideal, conceptualizada, segundo os ideais chineses, para ser o assento do imperador absoluto e indisputado. Começando com uma ideologia de poder centralizado, veremos como a cidade evoluiu e se afastou do ideal chinês para revelar novas dinâmicas nacionais.

Além deste objectivo de introduzir o estudo da cidade e arquitectura japonesas, pretendemos também perceber em que é que o pensamento japonês é único. Tendo herdado grande parte do desenho das suas capitais das capitais imperiais chinesas, em que é que este modelo diferiu? De que forma se transformou e, a partir dessa mudança, que características é que podem ser inferidas?

Por último pretendemos perceber o desenho das cidades japonesas e os seus modelos, além de orientações que podem ser estabelecidas a partir do estudo morfológico de Quioto.

## METODOLOGIA

Os estudos e análises neste documento foram realizados sempre em duas vertentes. Se por um lado analisámos a escala da cidade e o pensamento urbano, tentando perceber a morfologia da capital e a sua evolução, assim como as dinâmicas presentes; por outro analisámos os principais edifícios e estruturas da cidade, procurando perceber como influenciaram o desenho urbano.

Esta relação é sempre tão recíproca e inquebrável que nos parece que qualquer análise focada numa só destas vertentes será demasiado simplista e invariavelmente incompleta.

Ainda que a presente dissertação tenha o seu foco principal na disciplina de Arquitectura, a inclusão de dados históricos e socioeconómicos é inevitável, de modo a perceber e poder explicar a origem dos fenómenos arquitectónicos observados. Não é possível perceber completamente a formação de um certo estilo ou de um certo modelo urbano, sem se analisar as motivações dos seus responsáveis e o ambiente em que se inseriam.

O desenvolvimento de qualquer cidade tem explicação nos fenómenos históricos, tenham eles tido origem em algum personagem maior ou na população em geral.

Preferências de assentamento, a topografia, locais privilegiados, zonas de influência, guerras e períodos conturbados são todos relatados pela história e só os analisando em profundidade é que podemos perceber o desenvolvimento dos estilos arquitectónicos e o desenvolvimento da cidade.

Mesmo autores como Coaldrake <sup>4</sup> ou Stavros <sup>5</sup>, que escreveram publicações com um foco primário na arquitectura ou urbanismo, não puderam rescindir da história e fizeram-no de forma extensiva e profunda.

A partir deste estudo histórico conseguiram perceber as dinâmicas que explicam as formas construídas ou idealizadas. Coaldrake advoga<sup>6</sup> que o estudo da arquitectura do Japão antiga tem de ser feito com recurso a descrições históricas, representações pictóricas ou descobertas

---

<sup>4</sup> COALDRAKE, William – Architecture and Authority in Japan. Londres: Routledge, 1996.

<sup>5</sup> STAVROS, Mathew – Kyoto: An Urban History of Japan's Premodern Capital. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2016.

<sup>6</sup> COALDRAKE, William – Architecture and Authority in Japan. Londres: Routledge, 1996. pp. 8-10.

arqueológicas, visto que grande parte dos edifícios antigos foram destruídos.

Por outro lado, procurámos analisar a cidade na sua componente morfológica, *id est*, a evolução da sua forma e, reconhecendo a cidade como algo mutável e adaptável, perceber como evoluíram as suas dinâmicas.

Partimos sempre de uma escala nacional, percebendo as dinâmicas e os fenómenos históricos, reduzindo progressivamente para o nível da cidade e depois para os estilos arquitectónicos.

Por aqui se percebe uma linha contínua que une todos estes planos e como todos eles são manifestações das mudanças sociais e simbólicas. A divisão entre o urbanismo e a arquitectura parece-nos difícil de estabelecer e uma incursão no estudo da cidade tem necessariamente de passar pelas duas áreas de estudo, arriscando-se com a ignorância de uma de perder aspectos fulcrais.

Por estas perspectivas percorremos os momentos mais significativos da história urbana de Quioto, para perceber as características da arquitectura japonesa, o que as influenciou e de que forma se manifestaram.

Em muitos pontos recorreu-se à cidade ocidental e ao desenvolvimento histórico ocidental, como contraponto para entender o caso japonês. Através da comparação foi-nos possível perceber as similaridades, mas, mais importante, as diferenças. Assim, conseguimos identificar aquilo que é único na cultura japonesa e na sua idealização da arquitectura e da cidade.

#### NIHONJIRON

No estudo das características essenciais da cultura japonesa, importa introduzir o tema do Nihonjiron. Surgido dos Kokugaku, os estudos nacionais (japoneses), em meados do século XVIII, este género, desenvolveu-se ao longo do século XIX e XX, numa perspectiva

nacionalista e que procurava enaltecer as características dos japoneses como algo não só único, como superior aos outros povos.

Ainda que nos debrucemos, neste estudo, sobre características únicas dos japoneses, não pretendemos nunca elevar estas características a um plano de excelência. Recorremos apenas aos fenómenos arquitectónicos e urbanos manifestados, mantendo um rigor e parcialidade científicos. Perante estes factos que revelam uma idiosincrasia inegável, revelámos alguns aspectos que nos parecem ser importantes na abordagem ao projecto no Japão.<sup>7</sup>

Ressalvamos ainda que nenhum destes aspectos é exaltado ou visto como superior, sendo apenas diferente de outras culturas. Por outro lado, admitimos que cada cultura, ainda que partilhe alguns aspectos, retém sempre algumas características únicas, pelo que é importante estudá-las e não as ignorar.

#### ESTRUTURA DO DOCUMENTO

Ainda que o intervalo temporal tenha sido estabelecido entre a fundação de Quioto e a sua reinvenção como uma cidade-castelo, o presente estudo recorreu a um período anterior ao da fundação, especificamente ao período da unificação da China, a partir do século VI d.C. Também em questões espaciais necessitámos de recorrer a informações fornecidas pelas capitais chinesas que influenciaram de forma indelével a idealização da capital japonesa de Quioto.

No primeiro capítulo explorámos as capitais chinesas, principais informadoras dos planos das capitais japonesas. Através do estudo da sua origem como centros do poder imperial formado sob as dinastias Sui e Tang, percebemos como o esforço centralizador destes imperadores

---

<sup>7</sup> Um estudo profundo e uma defesa aos estudos japoneses e das suas particularidades é feito em LEBRA, Takie Sugiyama - *The Japanese Self in Cultural Logic*. Honolulu: Hawai'i, 2004.

criaram um modelo de cidade que seria espalhado para as culturas em volta – especificamente o Japão.

No segundo capítulo, percebemos como Quioto foi fundada, no século VIII, assente em experiências de capitais anteriores e influenciada pelo modelo das capitais chinesas. Pelas faltas das capitais anteriores, Quioto surgiu como o epitome da cidade capital, assimilando os melhores resultados dos casos anteriores.

Ainda neste capítulo analisámos a forma da cidade, à altura da sua fundação, e os seus diferentes elementos e constituintes. A tipologia das residências ideais e o estudo da idealização da capital, serão postos em contraste com a sua fracturização e afastamento deste ideal. Veremos como a matriz ideal foi apropriada pelos seus intervenientes, a população residente, e foi transformada.

No terceiro capítulo, mostrámos como, a partir do século XII, a insinuação da classe guerreira nos assuntos políticos se manifestou na morfologia da cidade. Dinâmicas fracturantes e revolucionárias, confrontadas com dinâmicas reacionárias e anacrónicas estabeleceram tensões na cidade que se revelaram na sua forma urbana. Também a introdução de partições no espaço limpo do *Shinden* e outras alterações ao estilo idealizado da arquitectura, continuou esta dinâmica social de tensão entre grupos opostos.

No quarto capítulo, analisámos a cidade a partir do século XIV, e assistimos à ruptura anunciada no capítulo anterior, percebendo que através dela a cidade se reinventou e criou novas dinâmicas urbanas. A população dos estratos mais baixos teve possibilidade de se manifestar tanto a nível da formação da cidade como dos estilos arquitectónicos, criando novos espaços que se coadunavam com a sua utilização.

No quinto capítulo, percebemos como através da unificação do país nos séculos XV e XVI, a capital foi o local privilegiado de criação de um novo poder central e como, ao final de quase um milénio, o ciclo se fechou, e Quioto se tornou de novo o centro do país e da política nacional. Um



novo modelo foi experimentado na capital e, pelo seu sucesso, foi aplicado a cidades como Edo e Nagoya, que surgiram pelo esforço de pacificação dos unificadores do Japão.

Em cada capítulo um pequeno texto, introduz os temas a ser desenvolvidos e as questões a ser resolvidas, apresentando-se, igualmente, no final de cada um, uma síntese dos resultados obtidos. Assim conseguiu-se de forma mais eficaz apresentar um fio condutor que uniu todo o processo do capítulo.

Por último, apresenta-se um capítulo de reflexões finais, em que todo o processo foi analisado, extraindo-se daí considerações pertinentes que informem o estudo da arquitectura e história da cidade japonesa. Incluíram-se questões pendentes e propostas para desenvolvimentos futuros.

## ESTADO DA ARTE

---

A história das cidades do Japão começa com as influências chinesas. STEINHARDT (1990) no seu *Chinese Imperial City Planning* delinea a evolução das capitais das dinastias chinesas, o seu planeamento inicial e a sua evolução ao longo dos séculos. A importância destas cidades que centralizavam o poder foi marcante na história da China, mas também influenciou os territórios circundantes, nomeadamente o Japão e as capitais de Nara e Quioto. Aqui expõe também parte da cosmologia que determinava os planos das capitais e de que forma foi aplicada. Este estudo é fundacional no campo da morfologia da cidade chinesa.

Em *Chinese City and Urbanism*, SIT (2010) expõe os factores históricos que levaram à execução das capitais chinesas. O autor foca-se mais nos aspectos quantizáveis e, deste modo, não explica os fenómenos urbanos e as suas dinâmicas profundamente.

COTTERELL (2007) em *The Imperial Capitals of China*, apesar de não aprofundar na descrição das capitais dos Sui e dos Tang, explica o significado das capitais chinesas, o pensamento que as originou e os acontecimentos históricos que levaram à sua fundação.

Por último, KONG (2012) no seu *Harmonia e Proporção* e FENG (2012) no seu *Chinese architecture and metaphor*, elucidam como os preceitos confucionistas e do *WuXing* moldaram o espaço arquitectónico. Uma relação inequívoca entre princípios de harmonia e proporcionalidade e a arquitectura é estabelecida por estes dois autores que recorrem a uma análise do antigo manual de construção *Yingzao fashi*.

O estudo da história de Quioto tem sido feito principalmente com um foco nos acontecimentos históricos que ocorreram na cidade. Apesar do nosso foco para a análise de Quioto ser a sua morfologia, entendemos que a sua história se torna imprescindível.

As primeiras instituições no Japão surgem na região central do Japão, denominada como Kinai. Desenvolvidas a partir de uma família que reina

sobre as outras estabelece-se a base para a figura do imperador. ASAKAWA (1903) em *The early Institutional Life of Japan*, SAMSON (1958) e MITSUSADE (1993) *The Century of Reform societies*, apontam todos para o mesmo ponto: as primeiras instituições governamentais japonesas dependiam de um ponto central de onde governar. As reformas impostas em 645 d.C. só o reforçaram e burocratizaram. Nestas publicações é ainda possível perceber como partindo de um conjunto de tribos, um estado surgiu, procurando demonstrar o seu poder através de capitais e edifícios.

MUCCULLOUGH (1999) em *The Heian court, 794-1070* elucida-nos ainda para o desenvolvimento e composição da corte de Quioto, permitindo assim perceber as estruturas onde operavam e os rituais de que se compunha a sua actividade.

HALL (1988) em *Kyoto as Historical Background* inicia na historiografia japonesa, escrita em inglês, a tendência do estudo de Quioto no seu aspecto urbano. Partindo de uma perspectiva histórica procura explicar o surgimento de Quioto e o seu desenvolvimento. Desde o plano urbano idealizado até à Quioto contemporânea estabelece uma metodologia para, através dos acontecimentos políticos que se deram na cidade, analisar a morfologia da mesma.

A Quioto medieval é analisada por GAY (2001) em *The Moneylenders of Late Medieval Kyoto*. Aqui a autora alia o estudo morfológico da cidade aos destiladores de *sake* e aos financiadores, principais agentes de evolução da cidade, a partir do momento em que o estado central perde a força. O desenvolvimento da rua está correlacionado com a condução de negócios destes profissionais, que alterando a utilização da cidade, inauguram um novo tipo de habitação na cidade: a *Machiya*. Este estudo tem se revelado uma grande influência no entendimento das transformações sociais e urbanas da cidade de Quioto, um momento definidor da história da cidade.

Na mesma linha de pensamento, TATSUSABURO & ELISON (1977) em *Kyoto in the Muromachi Age* e BERRY (1991) em *The Cuture of Civil War*

*in Kyoto* já tinham começado a analisar a história da cidade pela sua dimensão social, fazendo pequenas referências à transformação do tecido urbano. Os autores explicam como, através da destruição das estruturas de poder e da fuga dos constituintes do governo central, durante os séculos XIV e XV, a cidade e os seus habitantes desenvolveram associações de manutenção da defesa e da ordem na cidade.

BERRY (1991) analisa ainda o fenómeno da guerra em Quioto e como a partir desta a forma da cidade se altera, assim como a sua representação no imaginário japonês. A autora introduz ainda o tema da horizontalidade e da representatividade nos seus estudos, limitando-o ao tempo que analisa, não o relacionando ainda com a evolução das futuras cidades japonesas.

Outras vertentes do estudo de Quioto como a de COALDRAKE (1996) no seu *Architecture and Authority in Japan* focam-se no estudo alargado de toda a história da Arquitectura do Japão para perceber as dinâmicas da cidade e da política. Usando como premissa a capacidade de os edifícios serem utilizados como instrumentos de autoridade, percebe como esta foi sendo manifestada ao longo da história. Ainda que o seu trabalho seja bastante abrangente, a questão urbana é pouco explorada.

STAVROS (2016) no seu *Kyoto: An Urban History of Japan's Premodern Capital* estabelece as bases da presente dissertação, partindo muitas das nossas questões de aspectos menos resolvidos no seu trabalho. O autor analisa o desenvolvimento urbano de Quioto percebendo como os diferentes agentes modificaram a sua forma.

Introduz também o tema do *Hare/ Ke* e relaciona-o com o *Rakuchu/Rakugai*, assim como com a política de *Yoshimitsu*. No entanto, falha em estabelecer a relação entre este fenómeno e o novo estilo de arquitectura que se insinuava: o *Shouin*.

A análise de Quioto e da sua história tem de passar invariavelmente pela sua morfologia e, apesar de grande parte dos estudos realizados já terem proposto esta análise, só Stavros é que a inicia, propondo-se a presente dissertação a continuar esta linha de estudo. Contudo, propomos além

disto, perceber as tipologias inseridas na cidade e de que forma a cidade as influenciou. A relação entre a arquitectura e o urbanismo japonês é rara, tendo sido feito algum trabalho neste sentido por Stavros e Coaldrake.

À escala arquitectónica TEIJI & NOVOGRAD (1977) no seu *The Development of Shoin-Style Architecture* revelam como a partir do estilo *Shinden*, novas estruturas começaram a surgir, aliando este surgimento ao desenvolvimento político que ocorreu na capital.

Mais recentemente SADLER (2009) em *Japanese Architecture* elabora um extenso e compreensivo acervo da arquitectura japonesa, assim como NISHI & HOZUMI (2012) em *What is Japanese Architecture?*. Nishi e Hozumi estabelecem, além disso, uma relação entre a pacificação e o surgimento de novas cidades, das quais tomámos para estudo a cidade-castelo.

No que se refere ao estudo das características japonesas únicas autores como LEBRA (2004), VARLEY (1973), BENEDICT (1946), HENDRY (1987) e SAND (2013), no contexto dos estudos urbanos, apontaram várias características do pensamento japonês. Todos se baseiam no pressuposto de que a cultura japonesa tem características únicas que diferenciam a população japonesa.

Contudo, críticas que se inserem numa corrente de pensamento crítica ao *Nihonjiron* como as de SUGIMOTO (1997), KAZUFUMI & BEFU (1993), veem estudos que apontam para a singularidade do caso japonês como exageros e generalizações. Apontam para a ligação dos estudos de *Nihonjiron* com uma ideologia nacionalista japonesa da década de 1940 que visava exaltar um certo espírito japonês.

Contudo, como já referido, defendemos a unicidade do pensamento japonês e reconhecemos a sua singularidade quando confrontada com o caso ocidental ou chinês. Um dos pressupostos desta tese é a diferença do pensamento japonês do pensamento chinês. Só reconhecendo esta

diferença poderemos começar a explicar o afastamento dos modelos chineses por parte dos japoneses.

A singularidade da arquitectura japonesa é explicada por TANIZAKI (1933), em *O Elogio da Sombra*. YASUHARA ET AL (2001) expandiram este estudo, focando-se na sombra como motivo de definição do espaço japonês. Estes autores estabeleceram a ligação entre a transformação do estilo *Shinden* para o estilo *Shoin*, através do carácter sombrio dos novos espaços.

TOSHIROU (1998) em *The Garden as Architecture*, refere tal como STAVROS, o aspecto do *Hare/Ke* no plano da arquitectura e explica a evolução do espaço *Shinden* para o *Shoin*, pondo em evidência a diferença na percepção do espaço entre japoneses e chineses.

Assim procurámos, baseados no conhecimento existente, reformular uma análise de Quioto mais abrangente e que incluísse não apenas o estudo morfológico da cidade, mas também aspectos tipológicos e arquitectónicos.



## I | IDEAIS CHINESES

---





As dinastias *Sui* e *Tang* são as principais influências na formação do estado japonês à época de Nara e Heian. A introdução do Budismo não trouxe apenas preceitos religiosos, introduzindo também um conjunto de valores e preceitos culturais. O sistema político chinês de um governo centralizado sob a autoridade de um imperador divino, requeria uma série de estruturas arquitectónicas e uma capital com um plano urbano que dignificasse e engrandecesse a figura hegemónica do imperador.

Contudo, apesar de os modelos terem sido importados, cedo desapareceram e as semelhanças entre os governos dos dois países foram, progressivamente, transformando-se em diferenças. Tentaremos perceber que preceitos foram importados e que parte da cultura chinesa teve um papel decisivo na construção de uma identidade japonesa.

Para tal precisámos de analisar a evolução do estado chinês nos séculos VI a X, percebendo o que potenciou a construção de um poder centralizado. A filosofia chinesa também foi analisada pela sua influência.

Tentaremos depois perceber o modelo da cidade japonesa, analisando as suas principais manifestações: Luoyang, pelo seu carácter inovador e Chang'an por ter sido o apogeu do modelo urbano sob a dinastia dos Tang.

O estudo destas duas capitais será fundamental para se perceber as influências do pensamento chinês, nas primeiras experiências urbanas no Japão.

## 1.1 | A CHINA IMPERIAL SOB OS SUI E OS TANG

### 1.1.1 | A DINASTIA SUI 隋朝 (581-618 D.C.)

Os Sui tiveram um reino relativamente curto, contudo conseguiram estabelecer as bases do que seria a China imperial e deram o suporte à era dourada do regime Tang. Tendo conseguido unificar a China, *Yang Jian* 楊堅 (541-604 d.C.), um general dos *Zhou* do Norte, sobe ao trono em 581 d.C., fundando, assim, a dinastia dos Sui.<sup>8</sup>

No seu reinado (a que se seguirá apenas mais um imperador da mesma dinastia) embarca num plano de melhoramentos pelo país inteiro. A construção de importantes e extensos canais permitiram uma maior irrigação dos campos e um crescimento da produção de alimento e riqueza, assim como um mais eficiente transporte de mercadorias e tropas.

A construção de estradas pelo país inteiro reforçou o controlo a partir do topo, criando-se um sistema burocrático apertado de oficiais subordinados ao imperador. Este sistema contava com mais de uma dezena de milhar de oficiais, que constituíam a elite do conhecimento, sendo admitidos por árduos exames inspirados na doutrina confucionista.

A dependência do poder de uma máquina burocrática rígida permitiu a estabilização do domínio a partir do topo: “(...) estas foram realizadas com o objectivo de reclamar legitimidade para governar e desenvolver um largo corpo de oficiais estatais necessários à concretização leal dos cargos administrativos. Permitiu ao corpo governativo evitar a excessiva dependência nos poderes militares ou hereditários das famílias aristocráticas”.<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> WRIGHT, Arthur – The Sui Dynasty. In TWITCHETT, Denis – The Cambridge History of China. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1979. vol. 3. Parte 1. pp. 48-150.

<sup>9</sup> “(...) these were done with the purposes of claiming legitimacy to rule and to develop a large body of state officials required for loyal performance of administrative functions. It helped the ruling house to avoid over-dependence on the military and the hereditary

Tudo isto permitiu a consolidação da figura do imperador, fundamental para o controlo efectivo do extenso território que era a China unificada.

Tendo sido adoptado como religião estatal, o confucionismo foi a base do sistema burocrático e, em conjunto com o budismo (religião exótica e exógena), das artes e, por extensão, da arquitectura. A escola confucionista dava acesso ao conhecimento a todos, descriminando apenas pelo mérito e pela capacidade de adquirir conhecimento. Uma vasta rede de escolas e mosteiros espalhou-se pelo país, levando as doutrinas de Confúcio.

*“Os membros da longa linha dinástica dos Tang tinham, sabiamente, adoptado o Confucionismo como religião oficial. Taizong (o segundo imperador Tang) disse: ‘A base do Estado é o seu povo’, e ‘o núcleo do império é o bem-estar do cidadão comum’. Esta dinastia também encorajou activamente o treino escolástico. (...) Um sistema de escolas estatais e colégios provinciais foi implementado, seguindo a prática da dinastia dos Han. A Universidade Imperial na capital tinha inscritos 8000 alunos, enquanto que os estudantes inscritos em colégios provinciais excediam os 60000. Além disto, colégios e escolas privados eram também incentivados.”<sup>10</sup>*

### 1.1.2 | O CONFUCIONISMO

O confucionismo, um sistema de crenças, estabelece preceitos culturais que têm e tiveram uma importância inequívoca na formação da cultura chinesa. Esta importância reflectiu-se por sua vez na arquitectura.

---

power of aristocratic families.” SIT, Victor – *Chinese City and Urbanism: Evolution and Development*. Singapura: World Scientific Publishing Company, 2010. p. 141.

<sup>10</sup> “The Tang’s long line of rulers had wisely adopted Confucionism as the official religion. Taizong (the 2nd ruler of Tang) once said: ‘The foundation of the State is its people’, and ‘the core of the reign is the welfare of the common folk’. The dynasty also actively encouraged scholastic training. (...) A system of state schools and local colleges was established following the practice of the Han. The Imperial University at the capital had an enrolment of 8,000 students while students in provincial colleges numbered more than 60,000. Besides, privately run colleges and school were also encouraged.” Ibidem. pp. 141-142.

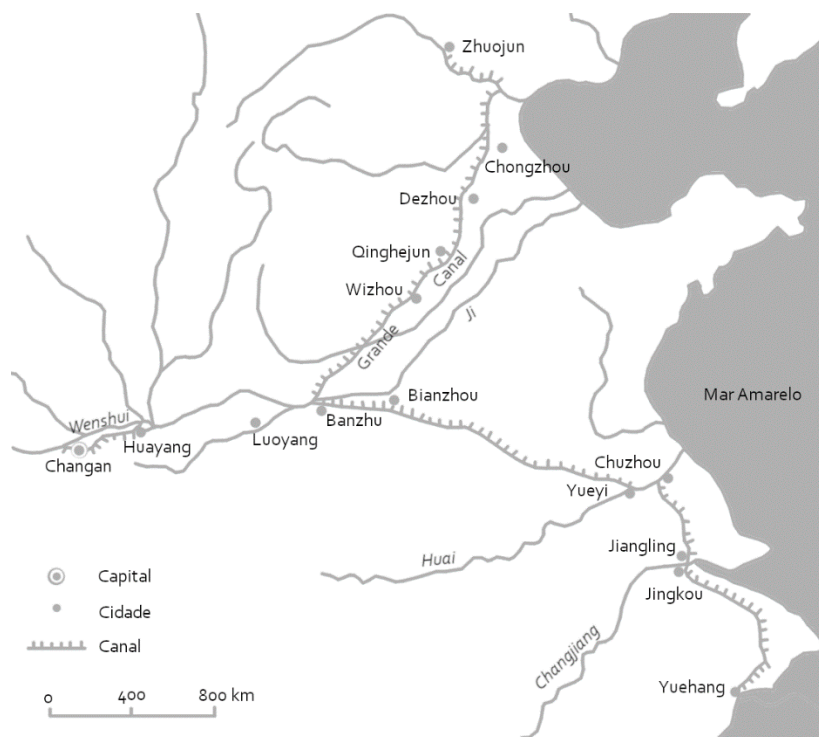


FIGURA 1 – O GRANDE CANAL CONSTRUÍDO PELA DINASTIA SUI. ESTE CANAL FOI A BASE PARA O CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO E PARA A CONSTRUÇÃO DO SEU IMPÉRIO. A DINASTIA TANG TAMBÉM BENEFICIÁRIA DAS INFRAESTRUTURAS HERDADAS DOS SUI, EXPANDINDO-AS. (SEGUNDO VÍCTOR SIT)

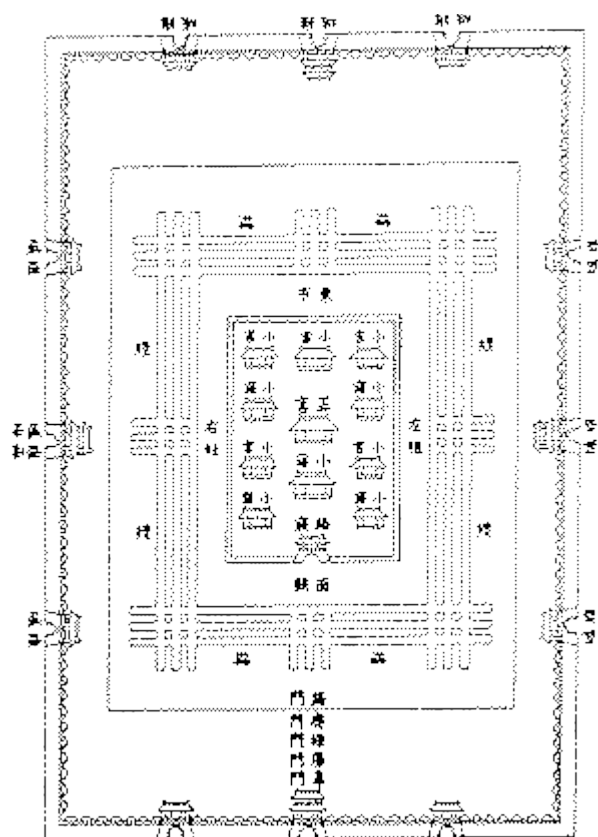


FIGURA 2 – A CIDADE IDEAL DE LUYOANG DOS ZHOU. A CIDADE IDEAL DOS CHINESES ERA SIMÉTRICA E DESENVOLVIA-SE EM CAMADAS CONCÊNTRICAS. NO SEU CENTRO ESTAVA O IMPERADOR E A SUA CIDADE, LUGAR DE REPRESENTAÇÃO DO SEU PODER. FONTE: COTTERELL.

Kong elucida sobre grande parte destes conceitos. Apesar de poderem parecer algo esotéricos, estes conceitos tiveram influência efectiva na construção dos edifícios e cidades chinesas.

Incluídos nos preceitos de harmonia estavam os conceitos de simetria e proporcionalidade das construções.

Os alinhamentos assim como a orientação dos edifícios e a sua localização eram vitais para a harmonia destes e para um ambiente auspicioso e sem mácula.

O confucionismo prescrevia a veneração dos antepassados e do chefe de família, pondo um grande ênfase nas hierarquias. Por extensão deste pensamento, o imperador era o poder supremo acima de todos os outros e o centro de onde emanava a ordem e estabilidade do país. Pelo seu poder o povo podia viver em harmonia.<sup>11</sup>

Por outro lado, a numerologia chinesa também estabelece determinados valores aos números. O número 9 é muito associado ao imperador e a um reino longo e duradouro. Assim veremos a referência a este número em vários edifícios chineses, mas principalmente nas suas cidades capitais. Changan tinha 9 quarteirões a Sul da avenida horizontal mais importante e este esquema de 9 quarteirões será transportado para o Japão também. “A razão para este facto é que o número nove representa o mais elevado grau de qualidade Yang e é especialmente merecedor de representar o poder Imperial.”<sup>12</sup>

Na arquitectura são vários os exemplos e foram já referidos por Kong (2012), pelo que não nos alongaremos no assunto.<sup>13</sup>

---

<sup>11</sup> COTTERELL, Arthur – The Imperial Capitals of China. Londres: Pimlico, 2007. pp. 14-16.

<sup>12</sup> KONG, Mário – Harmonia e Proporção: Um Olhar sobre o Desenho Arquitectónico no Ocidente e no Oriente. Lisboa: Insidecity, 2012. p. 90.

<sup>13</sup> Para além do autor citado ver SICKMAN, Laurence; SOPER, Alexander – The Art and Architecture of China. 3ªed. Londres: Penguin Books, 1968. E FENG, Jiren - *Chinese architecture and metaphor: Song culture in the Yingzao fashi building manual*. Honolulu: Hawai'i University Press, 2012. pp 114-117.

### 1.1.3 | TANG 唐朝 (618-907)

Com o final da dinastia Sui em 618, os Tang conseguiram rapidamente tomar o controlo do país. Seguindo no encalço das políticas anteriores, a nova dinastia soube continuar com as políticas anteriores, especialmente na construção de uma vasta rede de estradas: “Além disso, os Tang melhoraram as grandes estradas das precedentes dinastias, aumentando para um sistema de 50000 km de estradas de comunicações que tinham o seu centro em Changan.” <sup>14</sup>

Aproveitaram o grande aumento da população e os ganhos adquiridos com o estabelecimento de novas cidades. Souberam também expandir o sistema confucionista e a burocracia, reforçando ainda mais o poder civil no interior do país, mantendo os militares ocupados com campanhas no estrangeiro.

Os Tang tendo unificado o país inteiro, partem para a conquista de territórios estrangeiros. Tendo conquistado grande parte da Coreia e dos territórios a Sul, partem para a conquista no ponto Oeste do seu império, tendo conquistado reinos independentes como Karasahr em 644, Kucha em 649 e entrado em território turco, nomeadamente o canato de Ashina Helu, em 657. <sup>15</sup> Talvez este foco Ocidental e os contínuos ataques por parte destes inimigos tenham prevenido uma invasão ao território nipónico.

No entanto, a ameaça pesou sobre a terra do Yamato. Esta grande potência que superava o Japão em termos económicos e militares, era, para além disso, um polo de cultura e de exuberância exibindo um

---

<sup>14</sup> “Besides, the Tang had improved the expressways of former dynasties into a system of 50,000 km of postal roads that focused on the capital Changan.” SIT, Victor – *Chinese City and Urbanism: Evolution and Development*. Singapura: World Scientific Publishing Company, 2010. p. 144.

<sup>15</sup> O estudo do contacto destes dois povos neste período pode constituir-se fundamental para o reconhecimento de transmissão de conhecimentos e mistura de culturas. Os turcos pela extensão do seu império, tinham fronteiras com o mundo ocidental e o mundo oriental, criando uma ponte, constituindo-se como um importante ponto de transmissão. SKAFF, Jonathan - *Sui-Tang China and Its Turko-Mongol Neighbors: Culture, Power, and Connections, 580–800*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2012. pp.31-41.

controlo absoluto de uma vasta nação sob a figura de um imperador. Quer tenha sido pela ameaça, quer tenha sido pela reverência, os japoneses partiram numa assimilação da cultura estrangeira, importando e aprendendo ao máximo com aqueles que os superavam.

## 1.2 | CAPITAIS CHINESAS

### 1.2.1 | AS NOVAS CIDADES

O grande desenvolvimento das infraestruturas por todo o país levou a um aumento da população, que não aumentou apenas o número de cidades, mas também as diversificou. Não só as estradas permitiam um controlo alargado sobre o território, como os diferentes canais construídos permitiram a comunicação e o comércio rápidos entre as cidades emergentes e a capital.

O Grande Canal, acabado de construir em 610 d.C.,<sup>16</sup> não transportava apenas água a zonas sem irrigação, sendo uma importante linha de comércio e transporte de bens. Em conjunção com as novas estradas construídas por ordem do governo, surgiu uma necessidade de entrepostos comerciais e de controlos aduaneiros, estabelecendo-se portagens para o uso das principais estradas. Ligadas a estas novas vias de comunicação começaram a surgir povoações que acabaram por se desenvolver para cidades inteiras.<sup>17</sup>

Com a unificação da China sob os *Tang*, surge uma maior preocupação com as relações exteriores. Procura-se estabelecer novas rotas comerciais marítimas, que, em relação às terrestres, tinham maior

---

<sup>16</sup> WRIGHT, Arthur – The Sui Dynasty. In TWITCHETT, Denis – The Cambridge History of China. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1979. vol. 3. Parte 1. pp. 135-137, 144.

<sup>17</sup> SIT, Victor – *Chinese City and Urbanism: Evolution and Development*. Singapura: World Scientific Publishing Company, 2010. pp. 143-145.



alcance e rapidez. Assim, foi desenvolvida a linha costeira, com uma série de portos a partir dos quais se desenvolveram cidades portuárias.<sup>18</sup>

Estes novos tipos de cidades, em conjunto com as cidades capitais, estabelecem o paradigma da China dos Tang, não apenas estabelecendo um tipo de governo imperial, mas igualmente dando pistas dos principais grupos socio económicos que adviriam.

A expansão do Estado burocrático e a necessidade de controlo de um governo central, veio a reflectir-se na forma urbana. O centro da cidade passaria a ser dominado pelos edifícios de representação estatal e os necessários à administração da mesma.

Seguindo esta realidade, houve necessidade de criação de escolas, que passariam também a ocupar estes centros da cidade. O ensino e o governo estavam intimamente ligados e ambos eram providos pelo Estado imperial.<sup>19</sup>



FIGURA 3 – CHANG'AN DOS TANG. FONTE: SHAANXI HISTORY MUSEUM.

<sup>18</sup> In TWITCHETT, Denis – Introduction. In TWITCHETT, Denis – The Cambridge History of China. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1979. vol. 3. Parte 1. pp. 22-25

<sup>19</sup> SIT, Victor – *Chinese City and Urbanism: Evolution and Development*. Singapura: World Scientific Publishing Company, 2010. pp. 141-142. COTTERELL, Arthur – *The Imperial Capitals of China*. Londres: Pimlico, 2007. pp. 16.

### 1.2.2 | Estrutura das capitais

As capitais chinesas eram o local do trono imperial. Sendo a China regida por princípios confucionistas, os imperadores aplicaram-nos às suas capitais, de modo a trazer protecção e harmonia com o ambiente em redor.

Os princípios de geomancia prescritos pelo Wu eram aqui aplicados, nomeadamente, na exposição a Sul da cidade e dos palácios, na principal avenida direccionada a Sul e na protecção por montanhas a Norte.<sup>20</sup>

Cada quadrante é associado a uma característica. O Norte associado à morte, necessitava de ser protegido por montanhas simbolizando a Tartaruga Negra 北方玄武. Também a Este e Oeste, respectivamente associados ao Dragão Verde 東方青龍 e ao Tigre Branco 西方白虎, deveria haver montanhas que protegeriam contra os ventos nefastos. Finalmente o Sul, associado ao pássaro vermelho 南方朱雀, devia ser o único quadrante sem montanhas, preferindo-se uma abertura e exposição a este quadrante que trazia conforto e calor. Este quadrante era associado ao elemento fogo, associado ao poder imperial.<sup>21</sup>

Apesar de haver um quinto elemento no centro destes todos, associado à Serpente, que devia enraizar toda a construção, este parece ter influído apenas nas primeiras cidades, tendo sido este centro progressivamente deslocado para a parte Norte da cidade. O modelo da cidade imperial no centro da cidade é exemplificado em cidade como Wangcheng dos Zhou e Jiankang, capital de seis diferentes dinastias<sup>22</sup>, mas em Changan e na Luoyang dos Wei já se tinha deslocado para Norte, aproximando-se das montanhas que lhe dariam protecção.

---

<sup>20</sup> COTTERELL, Arthur – *The Imperial Capitals of China*. Londres: Pimlico, 2007. p. 14.

<sup>21</sup> KONG, Mário – *Harmonia e Proporção: Um Olhar sobre o Desenho Arquitetónico no Ocidente e no Oriente*. Lisboa: Insidecity, 2012. e STEINHARDT, Nancy – *Chinese Imperial City Planning*. Honolulu: University of Hawaii Press, 1990. pp. 8-9.

<sup>22</sup> Wangcheng foi capital dos Zhou entre 1021 a.C. até 510 a.C. Mais tarde seria aqui que os Han fundariam a capital de Luoyang em 25 d.C., ainda com um modelo com o palácio centralizado. Jiankang foi capital de seis diferentes dinastias entre 229 d.C. e 589 d.C., dando origem mais tarde a Nanjing. STEINHARDT, Nancy – *Chinese Imperial City Planning*. Honolulu: University of Hawaii Press, 1990. pp. 76-78.

As capitais imperiais chinesas eram um símbolo do poder divino do imperador, tendo a configuração de um quadrado ou rectângulo figuras proporcionais. Muralhadas por todos os lados, fechavam dentro de si o espaço sagrado dos rituais imperiais, representando estas muralhas a autoridade imperial. Cada face continha três portões compondo doze números, número da perfeição temporal.<sup>23</sup>

Divididos por uma grelha ortogonal os quarteirões eram rectangulares, e eram intercalados por grandes avenidas que se podiam estender por centenas de metros, em alguns casos. Toda a cidade era governada, idealmente por uma simetria, que proporcionava ao desenho urbano harmonia e atestava o poder ordenador do imperador.

No centro destes quarteirões, um espaço era alocado para a cidade dos palácios. Aqui residia o imperador e eram edificadas as estruturas que lhe permitiam conduzir os rituais imperiais. O centro da cidade era também o centro do cosmos e toda a China convergia para este ponto.

Junto aos aposentos imperiais estava a cidade imperial, o principal local da burocracia do país. Aqui os oficiais, parte da elite organizavam regiões distantes e tratavam dos assuntos administrativos.<sup>24</sup>

### 1.3 | LUOYANG 洛陽

Esta capital, fundada em 495 d.C., antes da dinastia dos Sui, durante a dinastia dos Wei do Norte (386-535 d.C.), veio estabelecer muitos dos princípios que caracterizariam as futuras cidades imperiais. Pelo seu carácter precursor das capitais imperiais dos Sui e Tang, e por extensão das japonesas, decidiu-se inclui-la.

O planeador de Luoyang fundada pela dinastia Sui, em 605, *Yuwen Kai*, irá planear a cidade incorporando antigos preceitos confucionistas, mas

---

<sup>23</sup> COTTERELL, Arthur – The Imperial Capitals of China. Londres: Pimlico, 2007. p. 19.

<sup>24</sup> Ibidem. p. 21.

afastando-se em certos aspectos. Esta primeira cidade dos Wei terá a Nortes montanhas, que tanto serviriam para defesa militar, como para defesa de espíritos nefastos. Para a explicação desta escolha recordamos a citação de Rickwert:

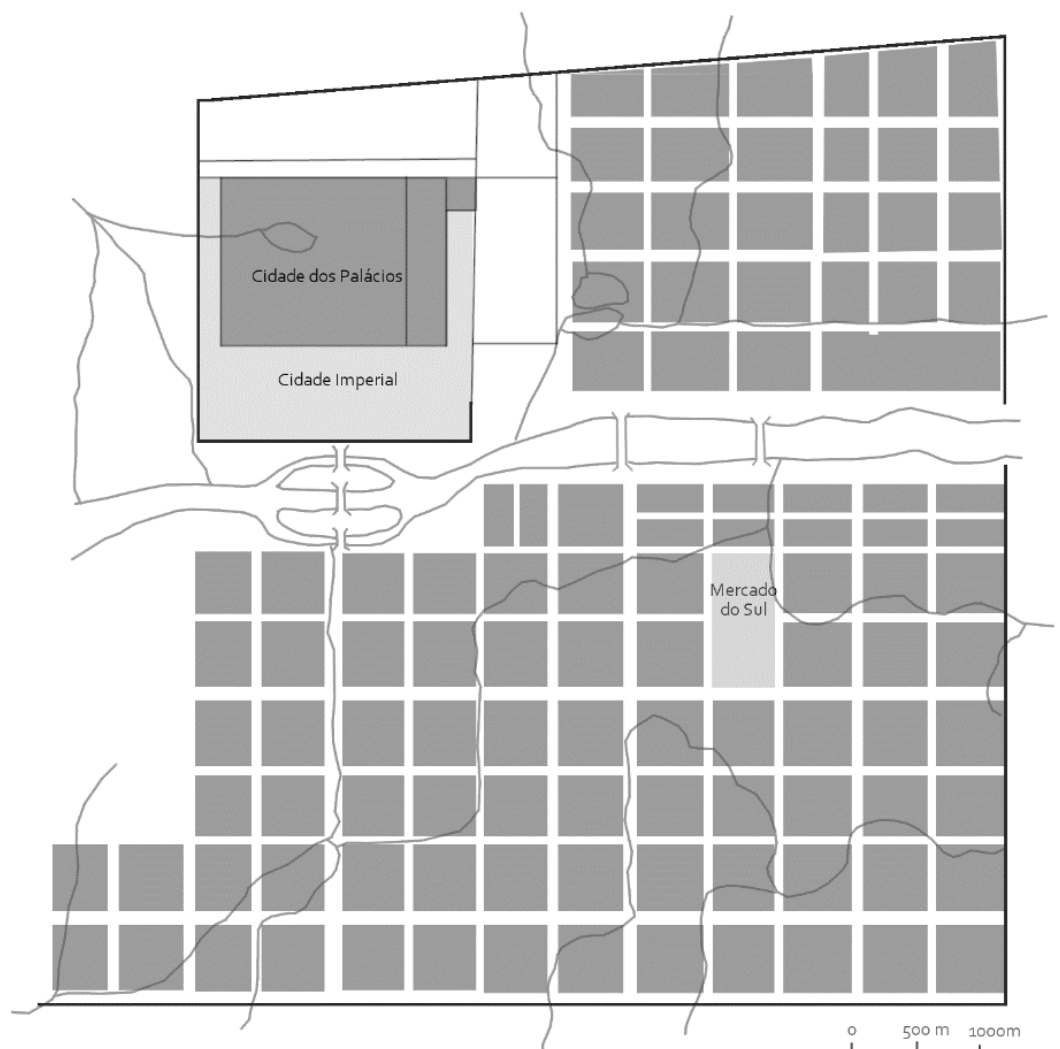
*“Os escritores modernos vêem como uma artificialidade irrelevante, para o que lhes parecem ser motivos óbvios: o evitar da sobrepopulação e expansão económica. Têm a sua razão claro, nem eu quero opôr considerações económicas às de natureza ritual. Mas os factores económicos e higiénicos foram sempre vistos pelos antigos numa perspectiva mítica e ritual.”*<sup>25</sup>

Considerando isto, sabemos que terá havido razões defensivas para este assentamento da cidade, contudo estas terão partido de uma preocupação mais ritual e religiosa, do que propriamente defensiva. Com esta grande massa a Norte, a cidade imperial e dos palácios “encostam-se” ao topo Norte, estando assegurada a sua protecção às influências nefastas do quadrante Norte.

Até ao planeamento de Luoyang, as cidades imperiais eram perfeitamente simétricas, inscrevendo-se o centro do poder – as cidades imperiais e dos palácios – no centro da cidade. O novo modelo proposto irá ser replicado como modelo para as futuras cidades. Determinante na implantação das cidades imperiais e dos palácios nesta capital será o atravessamento da mesma pelo rio Luo. Assim, a centralidade prescrita não pode ser aplicada, optando-se por afastar as cidades para o quadrante Norte.

---

<sup>25</sup> “Modern writers will always see irrelevant flummery behind what seems to them pedestrian motives: avoidance of overpopulation or economic expansion. They are right of course, nor do I wish to oppose economic to ritual considerations. But the economic and hygienic factors were always seen by the ancients in mythical and ritual terms” RYCKWERT, Joseph - The Idea of a Town. Nova Jérícia: Princeton University Press, 1976. p.31.



**FIGURA 4 – PLANTA DE LUOYANG. APESAR DE PRESENTE O COMPLEXO IMPERIAL NÃO SE ENCONTRA NO CENTRO E A CIDADE NÃO APRESENTA SIMETRIA. CONTUDO, NOTE-SE A CIRCUNSCRIÇÃO DA CIDADE DOS PALÁCIOS PELA CIDADE IMPERIAL E A GRANDE AVENIDA QUE PARTE DESTES COMPLEXO IMPERIAL. FONTE: STEINHARDT.**

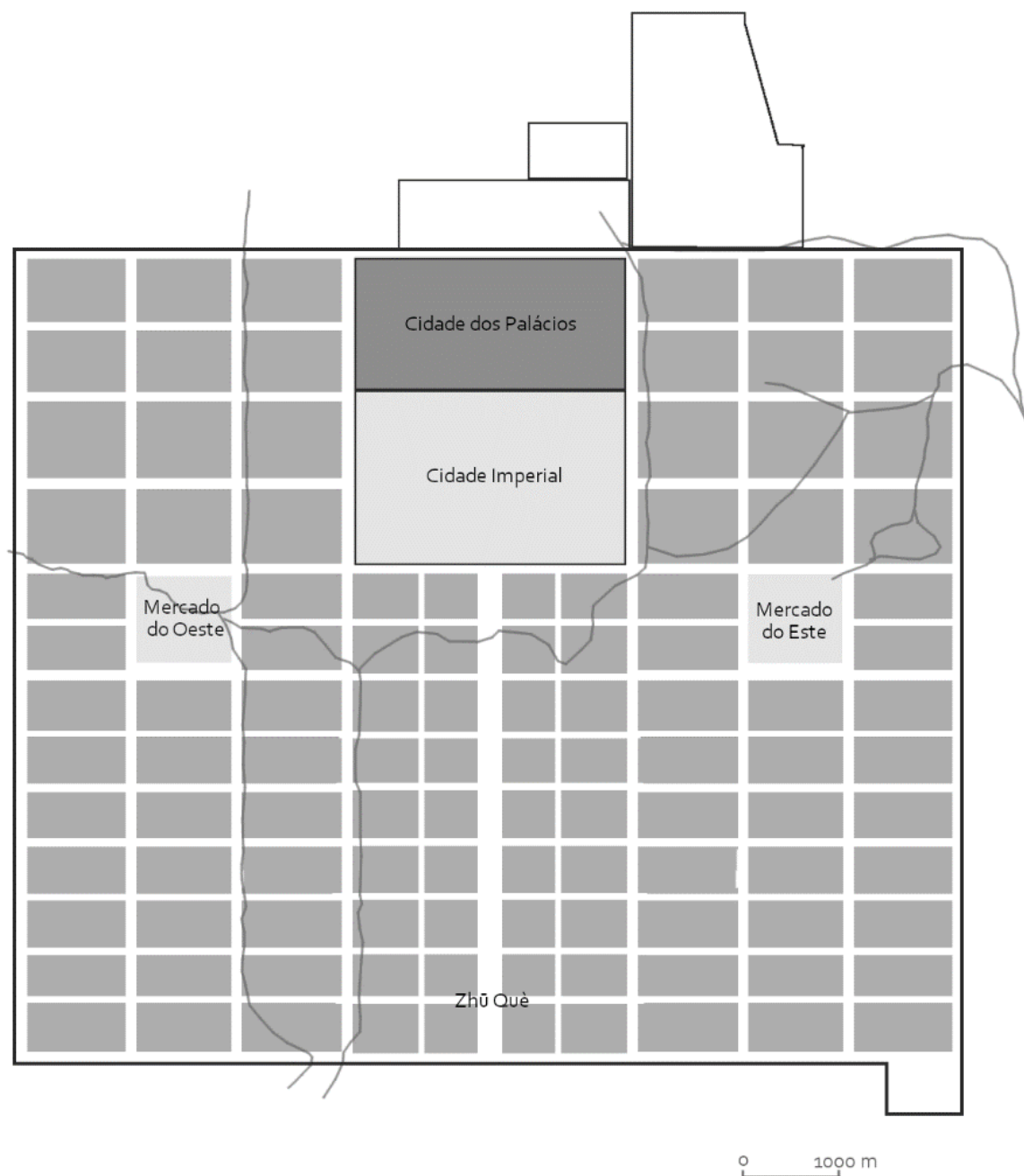


FIGURA 5 – PLANTA DE CHANG'AN MOSTRANDO A PERFEITA SIMETRIA SEGUNDO O EIXO N-S, ASSIM COMO A SEPARAÇÃO DA CIDADE IMPERIAL E DOS PALÁCIOS. A GRELHA ORTOGONAL É APLICADA EM PERFEIÇÃO ESTANDO A AVENIDA ZHUQUE A DIVIDIR SIMETRICAMENTE A CIDADE. FONTE: STEINHARDT.

## 1.4 | CHANG'AN 長安

Em 582 d.C., Chang'an (junto da actual Xian) foi fundada, sendo consagrada como capital dos Sui. Feita a mando do imperador *Wendi* 隋文帝 (541-604 d.C.), primeiro imperador dos Sui, teve como principais planeadores *Yuwen Kai* e *Gao Jiong*.<sup>26</sup> Foi a capital por excelência, adoptando todos os preceitos já experimentados pelas dinastias anteriores, tornando-se o modelo que seria exportado para os países limítrofes da China.

Com a cidade imperial e cidade dos palácios a Norte, o centro da cidade segue o modelo estabelecido em *Luoyang*<sup>27</sup>. A cidade de Chang'an virava-se para Sul, tendo, a Norte, montes que a protegiam das influências nefastas associadas a este quadrante.

A cidade dos palácios saiu da cidade imperial constituindo-se como um lugar exterior a esta, mas formando em conjunto com esta um complexo imperial de representação.

Este complexo representava o imperador e o seu poder absoluto sobre a China. Toda a ordem vinha dele e a sua vontade era divina. A arquitectura destes palácios reforçava ainda mais esta centralidade.

Ao contrário das cidades anteriores que se formavam em muralhas concêntricas, desde a muralha exterior até à muralha da cidade palaciana, agora a cidade dos palácios partilha a muralha exterior, cobrindo as montanhas a Norte esta menor defesa das muralhas. Esta nova forma da cidade irá criar um sistema de hierarquia espacial, diferente das capitais anteriores.

---

<sup>26</sup> COTTERELL, Arthur – *The Imperial Capitals of China*. Londres: Pimlico, 2007. p. 102.

<sup>27</sup> No futuro, cidades como Pequim voltarão ao modelo do palácio como centro da cidade e das muralhas concêntricas. KONG, Mário – *Harmonia e Proporção: Um Olhar sobre o Desenho Arquitetónico no Ocidente e no Oriente*. Lisboa: Insidcity, 2012. e STEINHARDT, Nancy – *Chinese Imperial City Planning*. Honolulu: University of Hawaii Press, 1990. pp. 171-178.

Havendo um novo ponto mais a Norte, o maior afastamento ao palácio, denota um menor estatuto. Os mercados, até aqui a Norte da cidade imperial, vão estabelecer-se a Sul do complexo imperial. A presença da cidade dos palácios a Norte cria uma maior reclusão do imperador e gera maior privacidade nos seus aposentos pessoais, constituindo-se uma progressão de exclusividade desde o exterior das muralhas até ao quarto do imperador. O imperador torna-se numa figura misteriosa e sobrenatural, filho do céu e supremo líder da China.<sup>28</sup>

Quanto às dimensões da cidade tinha de área total 87 km<sup>2</sup>, as suas muralhas variavam entre 9 a 12 metros de largura. O traçado da cidade era disposto em grelha irregular com 14 avenidas verticais e 11 horizontais. A avenida mais larga e de maior importância ritual estava dentro da cidade imperial e dividia esta da cidade dos palácios, medindo 220 m de largura. A avenida *Zuo Què* 朱雀, que terá uma homónima em *Heiankyou* tinha 150 metros de largura, sendo a principal avenida de aproximação à cidade imperial, o primeiro contacto com a magnificência da cidade e dos seus rituais.<sup>29</sup>

Chang'an foi a capital do império dos Tang que se estendia desde o Mar Amarelo até à Ásia Central. Lugar de reunião de várias culturas e várias ideias, foi antes de tudo, o assento de poder do imperador. Foi a cidade que o representava e que mostrava ao mundo o seu poder.

---

<sup>28</sup> COTTERELL, Arthur – *The Imperial Capitals of China*. Londres: Pimlico, 2007. pp. 7-9.

<sup>29</sup> STEINHARDT, Nancy – *Chinese Imperial City Planning*. Honolulu: University of Hawaii Press, 1990. p. 94.



## 1.5 | REFLEXÕES PARCIAIS

Entendemos assim que só a partir da unificação do país sob uma dinastia sem oposição, é que um Estado centralizado surgiu na China. Este Estado potenciou o crescimento económico do país permitindo avançar consideravelmente o desenvolvimento das estruturas de apoio à população. O Grande Canal, uma rede de estradas e o estado de paz foram proezas que permitiram o aumento da população, fazendo aparecer inúmeros aglomerados por todo o país.

Para governar uma nação cada vez mais vasta, a dinastia dos Tang precisou de um assento imperial que dignificasse a figura do poder central. O imperador, como líder supremo e apoiado por um ideal confucionista, era a razão das capitais e Luoyang e Chang'an serviam para a demonstração do seu poder.

A aplicação de princípios de geomancia e de harmonia, como o alinhamento com os pontos cardeais e a simetria de toda a cidade, conferiam um governo auspicioso ao imperador. A imposição de um sistema de grelha ortogonal e regrado atestava ainda mais para a autoridade do imperador.

O desenho da cidade chinesa foi um instrumento de governo conferindo legitimidade ao imperador, não apenas no governo da cidade, como ao resto do país.

Quioto do plano histórico à cidade real



## **II | DO IDEAL AO REAL**

---

平  
安  
京

FIGURA 6 – HEIANKYOU. CAPITAL DA  
PAZ E TRANQUILIDADE  
[HTTP://REDFINCHJAPANESE.COM/?A  
CTION=KANJI\\_DICTIONARY](http://redfinchjapanese.com/?ACTION=KANJI_DICTIONARY)

*Heiankyou* (a presente Quioto) surgiu como a última capital num longo historial de capitais do império japonês. Antes desta derradeira capital, muitas outras foram construídas, desenvolvendo-se um modelo que procurava cada vez mais aproximar-se das capitais chinesas. No entanto, como é que o pensamento chinês chegou ao arquipélago japonês? Quais das suas características é que são aplicadas às capitais antigas japonesas?

A partir do estudo da morfologia da cidade, perceberemos a evolução da cidade de Quioto analisando a sua divisão, os seus locais simbólicos e de representação e a principal tipologia da habitação dos aristocratas.

A idealização da cidade e da habitação, como prescrita pelos ideais chineses, não se mantiveram e a cidade conformou-se ao pensamento japonês. O que era um ideal de cidade e residência rapidamente se modificou. O resultado desta transformação teve um carácter bastante diferente daquele que tinha sido idealizado.

Por último percebemos como o aspecto da Luz e da Sombra ajuda a explicar grande parte da divergência entre os pensamentos chinês e japonês, sendo um aspecto caracterizador do pensamento arquitectónico japonês.

## 2.1 | DO PRIMEIRO REINO ÀS PRIMEIRAS CAPITALS

No período do Yamato 大和 (250 – 710 d.C.), um aumento na produção agrícola e no poder militar, potenciou a estratificação, estabelecendo-se as primeiras instituições sociais.

O surgimento de clãs (*uji* 氏) deu origem a um dos grupos mais fundamentais e significativos na mentalidade japonesa, estabelecendo uma elite e o conceito de descendência. Estes clãs que se formavam por laços familiares foram as principais unidades sociais, sendo bastante mais alargados do que a família nuclear.<sup>30</sup>

O primeiro reino a estabelecer-se foi o grande império de *Yamato*, por volta do século III d.C. Com o seu território na área central do País, começou por ser um agregado de vários clãs que prestavam vassalagem a um clã dominante. Este foi o primeiro impulso na unificação do Japão sob um único governo.

A introdução da escrita, a sabedoria do ferro e da irrigação deram uma vantagem económica e política a este primeiro estado, que começou também a desenvolver uma política centralizadora.<sup>31</sup>

Com este império, começou a ideia, pilar central do poder imperial, da descendência divina do imperador.

Através de documentos escritos, mais tarde compilados no *Kojiki* e *Nihon Shoki*, foi estabelecida uma genealogia que começava num primeiro imperador *Jinmu* 神武天皇 que, segundo a mitologia nacional, seria descendente directo da deusa Amaterasu<sup>32</sup>.

---

<sup>30</sup> ASAKAWA, K. – *The early Institutional Life of Japan: A Study in the Reform of 645 A.D.* Tóquio: Tokyo Shueisha, 1903. pp.51-66.

<sup>31</sup> MITSUSADA, Inoue – The Century of Reform societies. In HALL, John et al, org. – *Cambridge History of Japan*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1993. vol. 1. pp. 188-193.

<sup>32</sup> Apesar de ser referido como primeiro imperador pela mitologia nipónica, a historiografia não comprova a sua existência, podendo só confirmar a existência a partir do imperador Sujin, o décimo na sucessão. Ver KIDDER, J. Edward - *Himiko And Japan's*



FIGURA 7 -IZANAMI E IZANAGI CRIAM O MUNDO FAZENDO EMERGIR DO OCEANO A ILHA DO JAPÃO. O CENTRO DO JAPÃO É A SUA ILHA INTEIRA E NÃO UM PONTO ESPECÍFICO NELA. O MITO CRIADOR APONTA PARA ESTA LIGAÇÃO ENTRE O CÉU E A TERRA FEITA POR TODA A ILHA E NÃO POR UM PONTO CENTRAL. TODA A ILHA É SAGRADA PORQUE É CRIADA PELOS DEUSES. FONTE: WIKIPEDIA (MUSEUM OF FINE ARTS BOSTON)

*Elusive Chieftdom Of Yamai : Archaeology, History, And Mythology.* Honolulu: University of Hawai'i Press, 2007. pp 1-4.



A entrada do budismo, através de uma oferenda do rei de *Baekje* 백제, Muryong de Baekje (462–523), em 513 d.C., contendo textos budistas, marca o início do período Asuka 飛鳥時代 (538-710 d.C.), tendo em 552, o rei seguinte Seong (r.523-554) enviado estatuetas budistas<sup>33</sup>. Com origem na Índia, esta religião passa pela China, que tornando-se o seu difusor, faz o percurso inteiro até ao Japão. Apesar dos esforços de alguns aristocratas, houve originalmente algum ressentimento, pois o Japão já possuía uma religião – o xintoísmo – profundamente interligada com o espírito nacional e a figura do imperador.

Mas não é apenas o budismo que atravessa o estreito de Tsukushima. O confucionismo, a hierarquia e sistema de governo chinês fazem a sua entrada no Japão aliados a esta nova e exótica religião. Em parte, por admiração, em parte por temor do novo gigante chinês expansionista que se tinha unido sob a dinastia dos Sui, o país começa a adoptar este novo sistema, criando um Estado mais hierárquico e dependente de cargos estatutários. Em 603 d.C. um novo sistema de postos na corte é adoptado.

A morte do filho do adorado príncipe *Shotoku*, o responsável pela propagação do budismo no país, o crescente descontentamento com as políticas autoritárias da família *Soga* e a sua oposição à introdução de novas políticas e ideias, levaram a um golpe contra o poder instituído da família *Soga*.<sup>34</sup> Um triunvirato composto pelo futuro imperador *Tenji* 天智天皇 (626-672 d.C.), *Nakatomi no Kamatari* 藤原 鎌足 e membros da família *Soga*, elaboraram um plano para assassinar *Soga no Iruka*, o responsável pela política nacional.

---

<sup>33</sup> SANSOM, George - *A History of Japan to 1334*. 7ªed. Tóquio: Tuttle, 1990. p. 47. e MITSUSADA, Inoue – *The Century of Reform societies*. In HALL, John et al, org. – *Cambridge History of Japan*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1993. vol. 1. p.171

<sup>34</sup> MITSUSADA, Inoue – *The Century of Reform societies*. In HALL, John et al, org. – *Cambridge History of Japan*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1993. vol. 1. pp. 188-193.

Com o sucesso do golpe político, em 645 d.C., a imperatriz abdicará a favor do novo imperador *Kotoku* (em substituição do imperador *Tenji* que só reinará em 661), que terá como família de apoio os *Fujiwara* com o seu chefe *Kamatari* que introduzirá novas ideias. Criação de novos ministérios, maior controlo do Estado sobre os diferentes estados e clãs e finalmente as reformas *Taika* 大化の改新, um conjunto de quatro éditos, que passam todas as terras para a propriedade do imperador (deixando de haver senhores locais). Os censos e registo de terras, a sua administração e respectivas taxas, também eram instituídos por estes éditos. O conjunto destas medidas constitui o código *Ritsuryou* 律令.

Com o avanço das forças militares de Tang e o seu domínio total da península coreana em 668 d.C., o imperador reforça diversos pontos das ilhas japonesas, resultando estes prolongados esforços nos impostos taxados num descontentamento na corte. Outros incidentes e a recusa da sucessão ao seu irmão, levam a mais uma revolta em 672 d.C. ascendendo desta vez o irmão de *Tenji* ao trono, o imperador *Tenmu* 天武天皇 (631-686 d.C.), que daria início a uma nova era no Japão, centrada na cidade imperial de Nara.

A cidade de Nara é fundada em 710 d.C. e é esta a data apontada para o início do período homónimo. Contudo, o percurso que leva à sua fundação começa em 672 com o golpe de estado do imperador *Tenmu*. Com o aumento de poder no continente, nomeadamente do ressurgimento do reino de Silla e a sua insurreição contra os Tang, uma urgência de defesa do império leva ao aumento do controlo imperial. O novo imperador focou-se em constituir um império que não dependesse dos clãs, reforçando as medidas da reforma *Taika*.<sup>35</sup>

Exaltou a sua figura e, à semelhança do pensamento chinês e do Reino de Silla, propôs a figura de um imperador que actuava directamente no governo do país, afastando a influência das grandes famílias e clãs.

---

<sup>35</sup> KOJIRO, Naoki - The Nara state. In In HALL, John et al, org. – *Cambridge History of Japan*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1993. vol. 1. pp. 221-268.

Antes de Nara já tinham sido construídos alguns edifícios para albergar o imperador e a sua corte, sendo que a primeira capital a integrar todos os elementos do planeamento urbano chinês terá sido *Fujiwarakyou*. Foi este o centro de poder de 686 a 707 d.C., medindo a nova cidade 3 km por 2km. Tanto o seu plano como os edifícios presentes eram construídos à semelhança da capital de Luoyang.

Ainda que *Fujiwarakyou* apresentasse alguns aspectos de uma cidade imperial, outra mudança de capital torna-se necessária. A nova capital *Heijoukyou*, mais tarde Nara, é o primeiro e verdadeiro assento do imperador e do seu poder.

Devido à sua grandiosidade e magnificência, esta capital superou todas as outras e foi o primeiro centro de poder de um Estado finalmente centralizado e totalmente burocrático, sob a alçada do imperador, descendente dos deuses. Não só era uma cidade de dimensões bastante maiores do que a sua capital antecessora, como foi aqui que começou um ressurgimento do espírito budista associado à figura do imperador. Novos templos foram construídos e outros, presentes junto a capitais antigas, foram movidos para esta nova capital (*Asukadera, Yakushiji, Daianji, Kofukuji*). A estrutura da cidade já se organizava em grandes avenidas enformadas num quadrado com o palácio a dominar a Norte da cidade. Curiosamente e talvez de forma a criar uma relação com a capital predecessora, as grandes avenidas e a configuração da nova capital alinham com Fujiwara, estabelecendo-se Nara a Norte desta. A mudança de capital era algo comum com a mudança de imperador, associando-se o antigo palácio ao espírito do predecessor.<sup>36</sup>

As reformas *Taika* cedo perderam a sua força, sendo o novo código de leis corrompido e ignorado, não apenas nas províncias distantes da capital, mas também junto do imperador, que veria o seu poder minado. Os clãs que ascendiam aos cargos na corte passaram a domina o rumo da política nacional reduzindo progressivamente o poder do imperador.

---

<sup>36</sup> Ibidem.

O budismo foi adoptado como religião estatal e cada província foi obrigada a construir um templo.

O expoente do impulso dado ao budismo foi a construção do grande Buda e do complexo monástico destinado a albergá-lo: o *Toudaiji*. Terminado em 752, este complexo iria tornar-se no centro religioso de um vasto sistema imposto pelo imperador *Shoumu*, que dava apenas a este templo da capital o poder de ordenar novos sacerdotes. A importância deste mosteiro era crucial no destino não só religioso como político da nação, visto que os dois se imiscuíram perigosamente nesta altura.

Com o reinado da imperatriz *Kouken* (718-770 d.C.) o império rapidamente caiu em problemas financeiros. Depois de uma revolta dos Fujiwara, uma quase subida ao trono de um monge budista, a linha de *Tenmu* foi interrompida, não havendo descendentes da imperatriz. Os Fujiwara não foram afastados da esfera de influência, sendo que nesta crise de sucessão tiveram um papel crucial em assegurar que a linha de *Temmu* não progredia, preferindo a antiga linha do seu irmão *Tenji*. Assim, conseguiram eleger um descendente do antigo imperador *Tenji*, o imperador *Kanmu*.<sup>37</sup>

A influência do poderoso clã enfraquecido pela morte do seu líder, permitiu a este determinado imperador retomar o controlo da nação.

De forma a afastar-se do que tinha sido a capital e centro de poder de *Temmu*, da influência dos poderes estabelecidos, religiosos e políticos, muda a capital para *Nagaoka* em 784, numa zona ligada à sua ascendência.

---

<sup>37</sup> TOBY, Robert - Why Leave Nara?: Kammu and the Transfer of the Capital. *Monumenta Nipponica*. [Em linha]. Vol. 40, nº3 (1985). [Consult. 15 Abr. 2018]. Disponível na internet:<URL: <http://www.jstor.org/stable/2384764> .>.

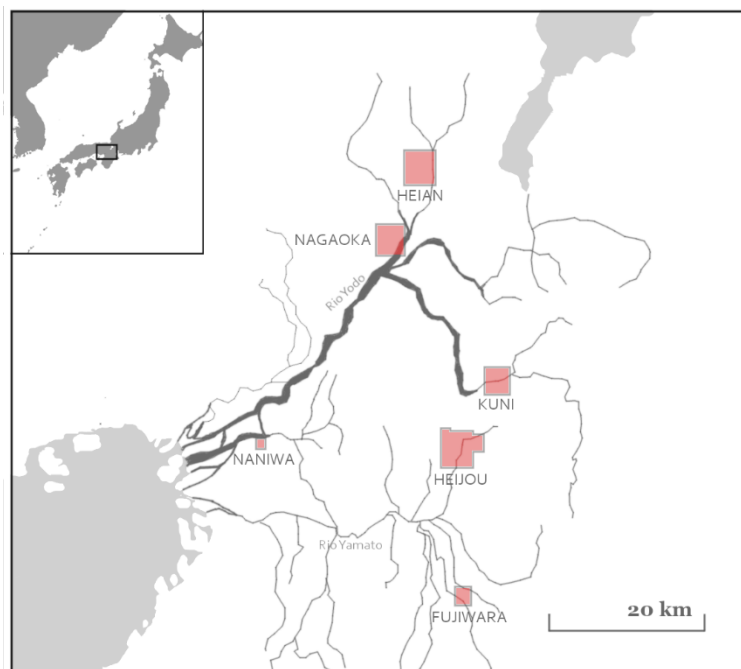


FIGURA 8 — LOCALIZAÇÃO DAS PRIMEIRAS CAPITALS. FONTE: SANSOM.



FIGURA 9 — OROGRAFIA DA REGIÃO CENTRAL DE KINAI MOSTRANDO OS ACESSOS A QUIOTO E A NARA. PODE-SE OBSERVAR COMO QUIOTO FOI FUNDADA NO CRUZAMENTO DE IMPORTANTES ESTRADAS E JUNTO A PORTOS IMPORTANTES. FONTE: SANSOM.

## 2.2 | ANTIGAS CAPITALIS

Na era de Yamato não havia ainda um centro de poder, lutando diferentes famílias pelo controlo da região. A que conseguiu mais influências junto das outras conseguiu impor-se como líder da pequena nação do Yamato. Esta pequena nação embrionária não tinha um centro político bem definido, nem sequer formalizado, denominando-se vagamente como Miyako 宮古 (literalmente, o palácio). Esta palavra denotava não apenas o imperador, mas também a sua residência e a sua corte.<sup>38</sup>

Até 645 d.C., o centro político foi ganhando maior complexidade, devido a um aumento da carga administrativa requerida pela junção de mais territórios. A criação de templos budistas (com a religião introduzida por volta de 552), santuários xintoístas e o estabelecimento de residências aristocráticas veio ainda potenciar mais esta complexidade. Os primeiros edifícios públicos surgem já seguindo o modelo chinês, único modelo de um Estado centralizado conhecido dos japoneses.<sup>39</sup>

Em 645, o golpe de estado põe no controlo uma facção a favor da influência continental (o clã *Soga*), promovendo a importação dos modelos de estado chineses: hierarquias, burocracia, divisão de terras, sistema de impostos e divisão administrativa das províncias – tudo trazido do continente para melhorar o controlo por parte de um Estado centralizado, fundando-se o Estado imperial.

*“Mas as principais conclusões a ser retiradas do registo das capitais itinerantes residem nos campos políticos e sociais. Primeiro, a “corte”, que consistia num grupo finito de famílias hereditárias aristocráticas, era, desde o início, suficientemente pequena e coesa para se mover facilmente. Também, até à época de Heian, estas famílias habitavam em zonas rurais,*

---

<sup>38</sup> SADLER, Arthur L. – *Japanese Architecture: A Short History*. Vermont: Tuttle Publishing, 2009. p.51.

<sup>39</sup> STEINHARDT, Nancy – *Chinese Imperial City Planning*. Honolulu: University of Hawaii Press, 1990. pp.109-118.

*não sendo as suas residências na capital habitação exclusiva. Em segundo lugar, o balanço político de poder, composto como era de grupos relativamente pequenos de famílias dominantes e instituições religiosas, nunca era muito estável e podia mover o imperador para um ou outro lado, consoante as facções se desenvolviam.”*<sup>40</sup>

O primeiro planeamento urbano dá-se na cidade de *Naniwa* 浪花 (perto de Osaka).<sup>41</sup> Formaliza-se a instituição do imperador e da sua máquina estatal no palácio imperial e complexo de ministérios adjacentes. O *Choudouin* é criado aqui pela primeira vez, reunindo não só os edifícios burocráticos, mas também o pavilhão de audiências, formalizando o simbolismo e enquadrando os rituais do imperador.

Apesar de se constituir como a concretização de um poder político centralizado, *Naniwa* é abandonada ao fim de nove anos, em 654 d.C.

Para se compreender esta e as sucessivas mudanças de capital, Steinhardt (1990) explica-nos:

*“Até este ponto, cada soberano tinha construído o seu palácio de novo, por vezes construindo mais de uma residência palaciana, e a ocupação póstuma do palácio por outro soberano era tabu”*<sup>42</sup>.

O poder imperial japonês ainda não tinha compreendido o alcance de um centro estável concretizado numa capital permanente. Assim, em 654

---

<sup>40</sup> “But the main conclusions to be drawn from the record of itinerant capitals lie in the social and political realm. First, the “court”, which consisted of a finite group of hereditary aristocratic families, was at the outset sufficiently small and cohesive so that it could be moved fairly easily. Also until the time of Heian, these families maintained rural establishments, so that residence at the capital was not by any means their exclusive domicile. Second, the political balance of power, comprised of as it was of relatively small group of leading families and religious establishments, was never very stable and could pull the emperor one way or another as factions developed.” Em HALL, John – *Kyoto as Historical Background*. In HALL, John; MASS, Jeffrey – *Medieval Japan: Essays in Institutional History*. Palo Alto: Stanford University Press, 1988. p. 11.

<sup>41</sup> STEINHARDT, Nancy – *Chinese Imperial City Planning*. Honolulu: University of Hawaii Press, 1990. pp.109-118.

<sup>42</sup> “Up to this point, each ruler had built his or her palace anew, sometimes constructing more than one palatial residence, and posthumous occupation of the palace by another ruler was taboo” Ibidem. p. 109.

estabelece-se a capital em *Asuka* 飛鳥京, passando em 667 para *Outsu* 大津, perto do lago *Biwa*.

Em 672, a guerra de sucessão imperial, leva a capital de volta para *Asuka*, denominando-se *Kiyomihara* 飛鳥浄御原. Aqui é pela primeira vez introduzido o princípio da divisão em duas metades da cidade por uma grande avenida Norte-Sul. Apesar de ser de influência chinesa, os japoneses renomeiam cada metade em metade esquerda e direita, a partir da perspectiva do imperador.<sup>43</sup>

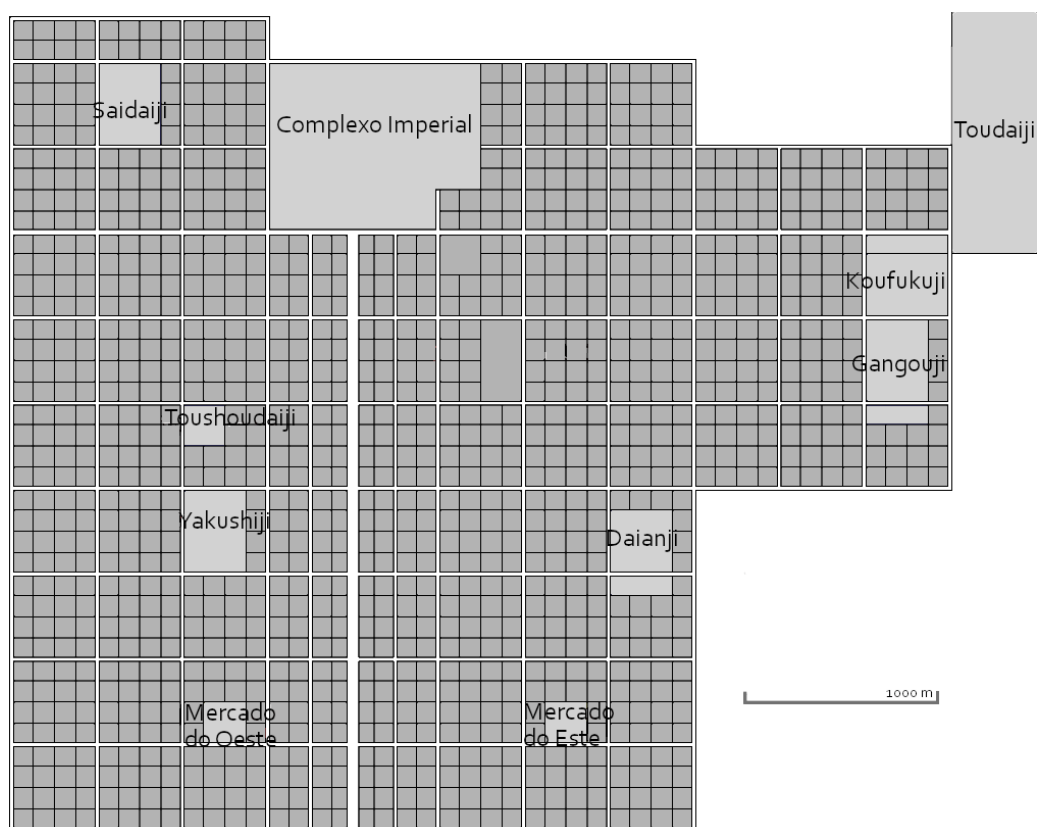
Em 694, esta capital deixa de conseguir acomodar a população crescente nos seus limites e a capital é mudada para *Fujiwarakyou* 藤原京 que integrará maior parte dos princípios continentais, incluindo uma atenção à geomancia e o sistema de grandes avenidas que intersectando-se formarão os grandes quarteirões. Apesar do sistema de grelha já ser imposto, os quarteirões, ou *jou*, não são loteados, sendo distribuídos inteiros. Contando com mais de 1500 fogos, a cidade deixa de conseguir comportar toda a população e mais uma vez a capital é realocada para *Heijoukyou*.<sup>44</sup>

---

<sup>43</sup> Ibidem.

<sup>44</sup> Em HALL, John – *Kyoto as Historical Background*. In HALL, John; MASS, Jeffrey – *Medieval Japan: Essays in Institutional History*. Palo Alto: Stanford University Press, 1988. p. 6.





**FIGURA 10 – PLANTA DE NARA.** HEIJOUKYOU FOI A PRIMEIRA CAPITAL A INTEGRAR TODOS OS ELEMENTOS DA CIDADE CHINESA, CONTUDO NOTE-SE, EM CONTRASTE COM A FUTURA HEIANKYOU, A PRESENÇA DE INÚMEROS TEMPLOS BUDISTAS. FONTE: [HTTP://WWW.HGEO.H.KYOTO-U.AC.JP/SORAMITSU/HEIJOKYO\\_PLAN.HTML](http://www.hgeo.h.kyoto-u.ac.jp/soramitsu/heijokyo_plan.html).

A partir de *Heijoukyou* (a presente Nara) a preocupação passa a ser a manutenção de apenas uma capital. A mudança de capitais era um trabalho moroso e que acarretava demasiada despesa. Assim, uma localização junto a comunicações importantes, quer por estrada, quer por rio com acesso ao porto de *Naniwa*, foi escolhida e, em 710, a corte muda-se para esta nova capital, dando início a uma nova era. As mudanças constantes de capitais deveram-se sobretudo às pressões e influência das famílias aristocráticas e mesmo de membros da própria família imperial. Muitas vezes a mudança de capital afastava certas famílias do poder, aproximando outras.<sup>45</sup>

Noutra tentativa de balançar o equilíbrio do domínio da política, o imperador *Shoumu*, atraiu a influência do budismo. Instituiu a política *Kokubunji*, que prescrevia a construção de um templo em cada província. Todavia, é esta influência religiosa – chegando o número de templos aos 48 – que se provará ruínosa, levando ao abandono da cidade.

Ainda que tenha sido testemunha de algumas decisões atrapalhadas de mudança de capital entre 741 e 746 (para *Kunikyô*<sup>46</sup> e *Shigarakikyô*), *Heijoukyô* gozou de uma estabilidade sem precedentes durante 74 anos, mais do que qualquer outra capital imperial anterior. Ainda assim, em 784 a mudança tornou-se inevitável e, depois de uma tentativa em *Nagaokakyô*, para a qual se transferiram alguns edifícios, a cidade escolhida foi *Heiankyô* que seria capital até meados do século XIX, provando-se esta como a capital imperial derradeira.<sup>47</sup>

---

<sup>45</sup> Ibidem.

<sup>46</sup> Esta capital atravessada por montanhas de Norte a Sul e por um rio de Este a Oeste, pôs o plano regular à prova, testando-o contra as determinantes geográficas. A cidade foi dividida não apenas pela avenida principal, mas principalmente pelas montanhas referidas, ficando o complexo imperial do lado Este, quebrando a harmonia e a simetria do plano. Ainda que de forma menos abrupta a mesma situação pode ser observada na cidade de Luoyang já referida. Para planos e mais informação ver STEINHARDT, Nancy – *Chinese Imperial City Planning*. Honolulu: University of Hawaii Press, 1990. p. 114.

<sup>47</sup> .” Em MCCULLOUGH, William - The capital and its society, 794-1070. In MCCULLOUGH, William; SHIVELY, Donald – *The Cambridge History of Japan*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1999. vol. 2. p. 97-102.

## 2.3 | HEIANKYOU – A CIDADE IDEAL

Em 784, seguindo-se a um atentado à sua vida em 782 e a diversos factores, o imperador *Kanmu* 钦明天皇 (737-806, r.781-806) toma a decisão de abandonar *Heijoukyou* 平城京. A primeira escolha será *Nagaoka* 長岡京, mais a Norte no planalto de Yamato.

Esta nova capital será abandonada apenas 9 anos depois. O assassinio em 785 do ministro *FujiwaranoTanetsugu* 藤原種継, (737-785 d.C.), assim como o suicídio forçado do príncipe herdeiro *Sawara* 早良親王 (750-785 d.C.), trouxeram maus auspícios e, mais do que o presságio, trouxeram o receio do imperador, que via a influencia dos poderes da antiga capital estender-se àquela que ainda nem tinha sido acabada. Em 793, foi anunciada pelo imperador nova mudança de capital, para a planície ainda mais a Norte – a que viria a ser *Heiankyou* 平安京, a capital da paz e tranquilidade. Em 794, a cidade é consagrada e uma nova era iniciada pelo poderoso imperador *Kanmu* tem início.

Consequência das influências nefastas das famílias aristocráticas e das seitas religiosas da antiga capital, esta mudança ditou um aumento de poder por parte do imperador, que iria aproveitar o enfraquecimento das maiores famílias, para limitar o seu poder junto da corte.

*Kanmu* foi o último imperador com capacidade efectiva de controlar o rumo da política nacional:

*“Depois dele [Imperador Kanmu], o foco do centro político histórico mudou consistente e rapidamente, afastando-se da pessoa do suserano, para os antigos titulares de cargos nominalmente subordinados da corte, homens de crescente poder que limitavam os seus suseranos a funções predominantemente ritualísticas e cerimoniais.”*<sup>48</sup>

---

<sup>48</sup> “After him, the limelight of central political history shifted steadily and rapidly away from the person of the sovereign toward erstwhile holders of nominally subordinate court posts, roles men whose growing power at length confined their suzerains to largely

Duas razões são apontadas por diferentes autores para a fundação de Heiankyou, a futura Quioto. Esta capital seria a derradeira tentativa de agregar toda a máquina estatal e servir como símbolo do imperador.

A razão mais comumente apontada pela historiografia japonesa é a tentativa por parte do Imperador Kenmu de se afastar da influência budista. Como vimos, esta influência tinha vindo a crescer ao longo dos anos, até ao ponto de a capital anterior, Heijoukyou, se ter tornado ingovernável. Mesmo a primeira tentativa de mudança de capital para Nagaokakyou não logrou neste objectivo, conseguindo o poder instituído da antiga capital exercer controlo suficiente aqui para mandar assassinar o ministro principal encarregue da construção.<sup>49</sup>

Uma teoria mais recente proposta por Robert Toby em 1985 refere ainda um desejo de quebra da influência da antiga linha dinástica de *Tenmu* e uma demarcação e afirmação da linha dinástica de *Tenji*. Por isto, o imperador *Kanmu*, irá mover a capital para o território da antiga linhagem dos seus antepassados.

*“(...) sugere que a cidade “capital” Heijō de Nara partilha muito do carácter de corte da dinastia de Tenmu. (...) Heian-kyō, por contraste, é não somente longe de Heijō, mas é também convenientemente perto do velho palácio dos Tenji em Ōtsu, e ainda mais perto do tumulo de Tenji, o túmulo em Yamashina, para lá de Higashiyama na Quioto presente. Quando Kanmu se estabelece finalmente no local de Heian-kyō, depois de escapar do alcance da linhagem de Tenmu na planície de Nara, estava a regressar ao foco da base ritual da linhagem de Tenji, assim como à base de poder dos seus parentes maternos.”*<sup>50</sup>

---

ritualistic and ceremonial functions.” Em MCCULLOUGH, William - The Heian court, 794-1070. In MCCULLOUGH, William; SHIVELY, Donald – The Cambridge History of Japan. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1999. vol. 2. p. 25.

<sup>49</sup> Ibidem.

<sup>50</sup> “(...) suggests that the Nara ‘capital’ city of Heijō partakes heavily of the character of a ‘court’ for the Tenmu dynasty. (...) Heian-kyō, by contrast, is not only far from Heijō, but is also conveniently near Tenji’s old palace site at Ōtsu, and even closer to the site of Tenji’s tomb, the burial mound in Yamashina, just across Higashiyama from modern-day Kyoto. When, after escaping the grasp of the Tenmu line in the Nara Plain, Kanmu finally settled on the site of Heian-Kyō, he was returning to the focus of the Tenji line’s ritual

Como analisado anteriormente, Quioto é a segunda das capitais a seguir à queda de *Nara*, tendo a primeira escolha – *Nagaoka* – falhado nas expectativas.<sup>51</sup>

A nova capital iria localizar-se na intersecção das duas estradas mais importantes, a *Toukaidou*, que percorria o Leste do país e a *Sanin* que partia para Nordeste a partir de Quioto. Procurava-se com isto ligar a capital com o resto do território. O rio *Yodo* 淀川 imediatamente a Sul da nova cidade permitia o acesso ao mar através de *Naniwa* e a partir daí a qualquer região do Japão. Também o porto de *Otsu* a Este da cidade permitia a navegação no lago *Biwa* conectando o Norte do país à sua capital. Esta facilidade de acesso permitia um movimento rápido das tropas e de oficiais pelo país. Este aspecto era vital não só pela questão das regiões ainda por tomar no Nordeste do país como pela manutenção dos domínios já subordinados.

Estabelecida entre dois rios (*Kamo* e *Katsura*), a cidade encontrava-se rodeada por montanhas em três dos seus quadrantes que para além de constituírem uma defesa natural, também coincidiam com os preceitos geomânticos prescritos pelo confucionismo. Estes preceitos herdados da cultura chinesa, tinham sido aplicados extensivamente pelas dinastias *Tang* e *Sui* nas suas capitais como visto no capítulo anterior<sup>52</sup>.

### 2.3.1 | O PLANO

Apesar de inspirada nas capitais chinesas das dinastias *Sui* (581-617) e *Tang* (618-907), *Changan* e *Luoyang*, Quioto foi testemunha de uma divergência do modelo chinês, começando pela dimensão.

Tendo um perímetro de 36,8 km, *Chang'an* era bastante maior que a nova capital japonesa que contava com 19,2 km. A principal avenida

---

base, as well as being near the power base of his maternal relatives.” TOBY, Robert - Why Leave Nara?: Kammu and the Transfer of the Capital. *Monumenta Nipponica*. [Em linha]. Vol. 40, nº3 (1985), p. 343. [Consult. 15 Abr. 2018]. Disponível na internet:<URL: <http://www.jstor.org/stable/2384764> .>.

<sup>51</sup> Ver “2.2 | Antigas Capitais”.

<sup>52</sup> Ver “1.2.2 | Estrutura das Capitais”.

chinesa *Zuo Què*, 朱雀, media 150 metros de largura enquanto que, a homógrafa *Suzaku* 朱雀大路 em Quioto, chegava apenas aos 85 metros de largura. A diferença de escala das duas capitais deve-se não tanto a uma questão habitacional, mas sim a questões orçamentais.<sup>53</sup> É importante lembrar que o império ainda não estabilizara as suas fronteiras, encontrando-se aberta a guerra de subjugação dos *Emeshi*, um povo originário do Norte do Japão.

Perante estas despesas constantes e a ameaça do crescimento das mesmas, o plano para Quioto foi idealizado desde o início em dimensões menores que as das capitais chinesas.

---

<sup>53</sup> Em HALL, John – Kyoto as Historical Background. In HALL, John; MASS, Jeffrey – *Medieval Japan: Essays in Institutional History*. Palo Alto: Stanford University Press, 1988. pp. 7-15.

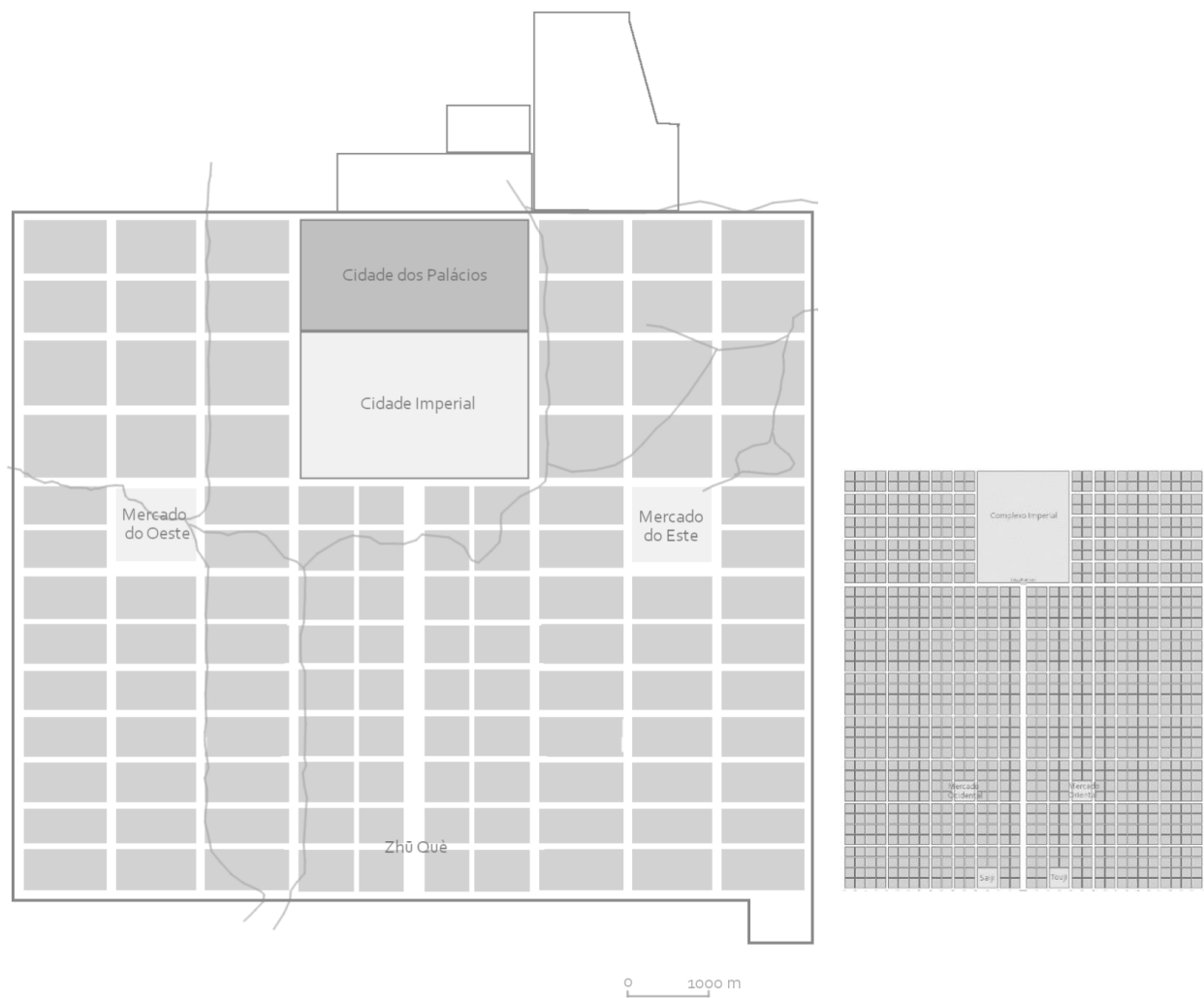


FIGURA 11 – COMPARAÇÃO ENTRE AS CAPITAIS DE CHANGAN E QUIOTO. AS DUAS PLANTAS ESTÃO À MESMA ESCALA. FONTE: STEINHARDT E STAVROS.

Em 805 d.C., face a pressões crescentes por parte de senhores descontentes com os aumentos dos encargos tributários, *Kanmu* é obrigado a parar a construção da capital, provando que Quioto nunca atingiria tão grande esplendor como as suas originárias.<sup>54</sup>

A nova capital não previa uma muralha, ao contrário da capital chinesa na qual se inspirou. Apesar do complexo imperial ser muralhado, o perímetro limítrofe da cidade não beneficiou da mesma protecção.

Este será um aspecto crucial, visto que a falta deste limite físico irá provocar uma expansão da cidade de formas não previstas. Fazemos aqui uma referência a fontes contrastes, apontando Steinhardt que faz referência da excepção de Quioto no que se refere a possuir muralhas: “Ainda assim provas arqueológicas confirmaram que as zonas periféricas de ambas as capitais Heijō e Heian eram de facto muralhadas.”<sup>55</sup>.

Contudo referências como Hall (1988) e Stavros (2016) afirmam que apenas uma modesta defesa de terra batida teria sido contruída, advindo daqui a confusão.

*“(...) elas nunca adoptaram a grande muralha periférica (...) Heian era rodeada por um muro de terra batida de tamanho modesto”*<sup>56</sup>

---

<sup>54</sup> “Perhaps from the outset, the bar on capital construction was set lower in Japan than in China. After all, building a city wall on the scale of those that surrounded Chang’An and Luoyang (...) would have required a level of sustained resource and labor management we have no reason to believe existed in Japan until perhaps the late sixteenth century, when warlords began building early modern castles and castle-towns.” STAVROS, Mathew – *Kyoto: An Urban History of Japan’s Premodern Capital*. Honolulu: University of Hawai’i Press, 2016. p. 10.

<sup>55</sup> “Yet archaeological evidence has confirmed that the outer regions of both Heijou and Heian capitals were indeed walled.” Em STEINHARDT, Nancy – *Chinese Imperial City Planning*. Honolulu: University of Hawaii Press, 1990. p.116.

<sup>56</sup> “they never adopted the large outer wall (...) Heian was encompassed by an earthen embankment of rather modest size” Em HALL, John – *Kyoto as Historical Background*. In HALL, John; MASS, Jeffrey – *Medieval Japan: Essays in Institutional History*. Palo Alto: Stanford University Press, 1988. p. 12.



*“Existem provas documentais e arqueológicas de uma muralha de terra batida que se estendia de ambos os lados do Portão Rajō, mas o resto da cidade era rodeada por pouco mais do que um pequeno muro”<sup>57</sup>*

Os japoneses nunca necessitaram de muralhas. A sua única cidade, por muito tempo, foi protegida apenas pelo mandato divino do imperador (e pelos exércitos do Xogum mais tarde), que todos os habitantes viam como sagrado e inalcançável.

A cidade não era um bastião, um forte de defesa de um povo ou de uma cultura contra outra, como no caso europeu. Não havia ameaças próximas, sendo que a China, a mais próxima, tinha um mar de distância. Não havendo ameaças, o conceito de exterior e de demarcação não se formou com tanto vigor. Toda a ilha era dos japoneses e só para lá dela é que existia o exterior.<sup>58</sup>

Se pensarmos nas muralhas como a separação física entre o exterior, selvagem e ameaçador, e o interior, ordenado, percebemos que tal não se aplicava ao Japão, e, portanto, a sua capital baseava-se na legitimidade do imperador e na sua ascendência divina, para a sua defesa. A sua forma ideal e a sua escala magnânima eram uma forma de manter sob controlo os diferentes contendores ao poder imperial.

---

<sup>57</sup> “There is early textual and archaeological evidence of an earthen bulwark that extended out from both sides of the Rajō Gate, but the rest of the city was surrounded by little more than a low embankment (...)” Em STAVROS, Mathew – Kyoto: An Urban History of Japan’s Premodern Capital. Honolulu: University of Hawai’i Press, 2016. p. 8.

<sup>58</sup> O centro foi conceptualizado ao longo da história como a união entre o céu e a terra. Partindo do pressuposto que o ser humano procura o eterno e permanente, o autor explica que só a partir de um protótipo celeste podia o ser humano construir um modelo de uma cidade ideal. Este centro manifesta-se assim nas diferentes construções religiosas e seculares que serviam como organizadoras do espaço e da cidade antiga. Os zigurates, na Mesopotâmia, as pirâmides no Egipto, os templos budistas, no Oriente, todos convergiam para o céu, formando um *axis mundi*. O Japão constitui-se como um caso diferente. Apesar de ter um centro, o Japão tem um centro difuso, que engloba todo o arquipélago. Devido ao seu mito criador, formulado pelo Xintoísmo, em que as ilhas do Japão são criadas pelos deuses especificamente para os japoneses habitarem; os japoneses conceptualizaram todo o seu território como sagrado, como a terra dos deuses. Podemos por aqui explicar a diferença fundamental, na limitação das cidades. No caso japonês os limites não eram criados pelas muralhas. ELIADE, Mircea – Cosmos and History: The Myth of the Eternal Return. Trad. Willard Trask. Nova Iorque: Harper Torchbooks, 1959.

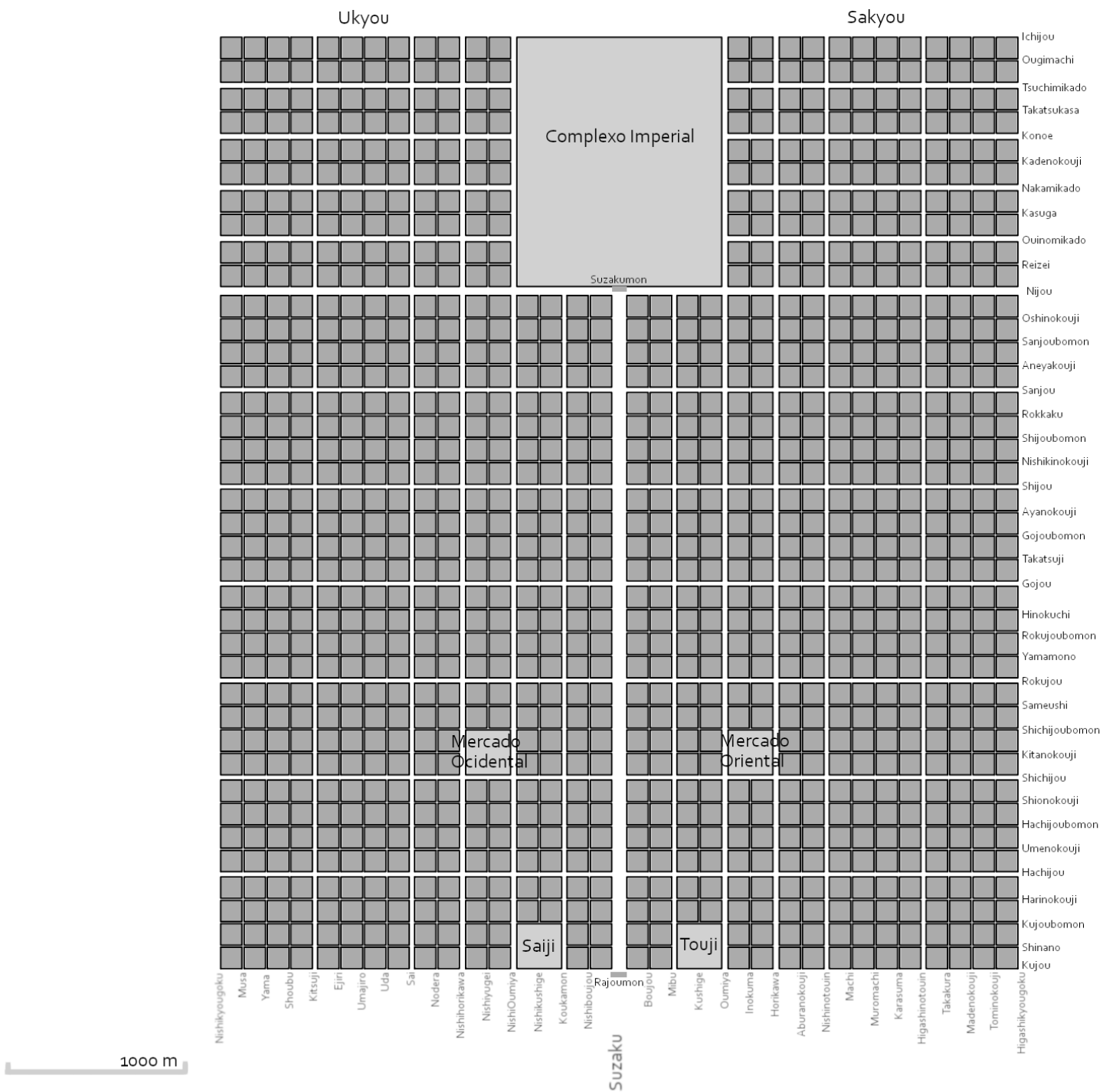


FIGURA 12 – HEIANKYOU, A CAPITAL IDEAL. O PLANO ERA O EXPOENTE DE UM DESENHO SIMÉTRICO E CENTRADO NA FIGURA DO IMPERADOR.  
FONTE: STAVROS.

A cidade era dividida numa perfeita simetria por um eixo Norte-Sul, formalizado na avenida principal *Suzaku* 朱雀大路. Os princípios de geomancia de inspiração confucionista foram aplicados também nesta cidade. Revendo os princípios denotados no subcapítulo sobre os princípios confucionistas aplicados às capitais chinesas<sup>59</sup>, podemos constatar que, em Quioto, o complexo imperial estava a Norte, virando o seu “tardoz” para o quadrante Norte, associado à morte. Para Sul abriam-se não apenas o palácio imperial, mas também as residências aristocráticas.

A suprarreferida avenida ligava o portão principal, *Rajoumon* 羅城門, a Sul e o complexo imperial, *Daidairi* 大内裏, a Norte. Palco das maiores procissões e demonstração do poder do governador supremo, era nesta avenida que as grandes embaixadas eram recebidas, no meio do esplendor e ostentação de uma avenida arborizada de 85 metros de largura e 3,8 quilómetros de extensão, dividida em três vias<sup>60</sup>.

A *Suzaku* recebia o seu nome do mítico pássaro que dominava o quadrante Sul e, portanto, estava direcionada nesta direcção. Regida pela influência benéfica deste quadrante era suposto trazer boa energia à cidade.

As avenidas que delimitavam a cidade eram igualmente importantes. À falta de muralhas serão elas que as responsáveis por delimitar a cidade e estabelecer o que estava dentro e fora da capital.<sup>61</sup> Assim, o limite a Oeste será definido pela avenida *Nishikyougoku*, a Este pela *Higashikyougoku*, a Norte pela *Ichijou* e a Sul pela *Kujou*.

Mais tarde, serão importantes marcos para o estabelecimento de limites legais à cidade, instituindo onde e quem podia construir.

---

<sup>59</sup> Ver “1.2.2 | Estrutura das Capitais”.

<sup>60</sup> Uma via para aproximação ao complexo, uma para saída e a outra, a central, para deslocação exclusiva do imperador. STEINHARDT, Nancy – *Chinese Imperial City Planning*. Honolulu: University of Hawaii Press, 1990. pp. 109-118.

<sup>61</sup> Ver “3.2 | Rakuchuu/Rakugai 洛中 / 洛外”.

Desta forma, toda a cidade assentava num sistema em grelha ortogonal. Morris (1994) explica este fenómeno não apenas pela influência chinesa, mas também de uma perspectiva morfológica. O sistema de divisão de terras para agricultura, o *jouri*, parcelava a terra de cultivo em quadrados que mais tarde iam influir no desenho das cidades. Ainda que este sistema possa ter influenciado *Dazaifu*, em *Kyushu*, *Suho*, em *Hiroshima* e *Izumo*, em *Shimane*, não nos parece ter influenciado o assentamento da capital de Quioto. Contudo, como o mesmo autor refere este sistema originou uma diferença na forma dos bairros da capital japonesa. Ao contrário da sua congénere chinesa que tinha os bairros em forma rectangular, dispostos no eixo Oeste-Este, Heiankyo instituiu bairros quadrados.<sup>62</sup>

Este sistema de grelha iria ser o modelo definidor de uma zona urbana. O assentamento de grandes povoações nunca foi nem necessário, nem fácil de executar na geografia acidentada do arquipélago japonês. Desta forma, os japoneses nunca tendo tido mais cidades do que Quioto, nunca desenvolveram uma cultura urbana muito marcada, nem desenvolveram formas específicas de formas urbanas.

O sistema de grelha importado da China seria o único aplicado e, portanto, o definidor da urbanidade. Posteriores assentamentos urbanos ou expansões de cidades – mesmo em casos urbanos como as cidade-castelo – iriam sempre recorrer a este tecido.<sup>63</sup>

### 2.3.2 | COMPLEXO IMPERIAL

---

<sup>62</sup> Esta forma vem de uma divisão da terra que evolui do sistema de parcelamento de terra agrícola. Os *Jouri* eram estes terrenos, quadrados na sua configuração que dividiam o país inteiro. Pela sua configuração influenciaram o desenho do tecido urbano de Quioto. MORRIS, Anthony – *History of Urban Form: Before the Industrial Revolution*. 3ªed. Londres: Longman Scientific & Technical, 1994. p.405. E Iwamoto Jiro. Jori system-division of cultivated land in Ancient Japan. In: *Dialogues d'histoire ancienne*. Vol. 12. (1986). pp. 471-478. [Consult. 16 Mai. 2018]. Disponível na internet:<URL: [https://www.persee.fr/doc/dha\\_0755-7256\\_1986\\_num\\_12\\_1\\_1736](https://www.persee.fr/doc/dha_0755-7256_1986_num_12_1_1736)>.

<sup>63</sup> Ver “5.3 | As novas cidades”.

No topo Norte da cidade localizava-se o complexo imperial composto por ministérios, departamentos e gabinetes que compunham a máquina estatal.

Antes de *Heiankyou* o complexo imperial podia ser descrito da seguinte forma: “No topo Sul [do complexo imperial] estava o *Choushu-den* (Pavilhão da Reunião Imperial) que se abria para um pátio rodeado por dois edifícios que se abriam para este pátio. Seguidamente, estava a secção administrativa, chamada *Choudouin*, que consistia, normalmente, em doze gabinetes em formação U que abria para Norte. Em terceiro estava o *Daigoku-den* (Grande Pavilhão do Conselho), que incluía um ou mais edifícios também dispostos à volta de um pátio. No topo Norte estava o *Dairi* (Grande Interior), a residência do imperador.”<sup>64</sup>.

Contudo, como podemos observar na figura 14, o eixo central dos sucessivos pavilhões foi destruído em Quioto, não havendo nem eixos orientadores nem simetria na disposição dos edifícios.

Os edifícios mais simbólicos, onde toda a máquina do Estado central tinha a sua representação, seriam o *Chodouin* e o *Burakuin*.

O *Chodouin* localizado imediatamente a seguir ao portão principal, *Suzakumon*, era o local das procissões estatais e no topo Norte, continha o *Daigokuden*, onde a corte e os ministros se juntavam abaixo do imperador. Aqui os nobres reuniam-se sob o olhar do imperador, que não se deixava vislumbrar, e ouviam-no a declarar éditos, promoções e decretos imperiais tudo concorrendo para a sua importância como estadista.

---

<sup>64</sup> “Farthest south was the Choushu-den (Imperial Assembly Hall) which opened onto a courtyard flanked by two buildings that faced it. Next was the administrative section of the palace, called Chodouin, consisting usually of twelve official bureaus that formed a U which opened to the north. Third was the Daigoku-den (Great Hall Council), which included one or more buildings also arranged around a courtyard. Farthest north was the Dairi (Great Inner), the imperial residence.” Em STEINHARDT, Nancy – *Chinese Imperial City Planning*. Honolulu: University of Hawaii Press, 1990. p.109.

O *Burakuin*, sendo o pavilhão dos prazeres abundantes, era o local dos festivais e das celebrações que compunham o calendário religioso e cerimonial, todos subordinados à ideia imperial.

Ao contrário de *Chang'an*, onde havia uma cidade imperial e uma cidade dos palácios, estando as duas separadas, neste caso, a cidade dos palácios estava inserida na cidade imperial; no Japão o sistema de duas cidades não existia, havendo apenas o complexo imperial que continha todos os edifícios públicos. A única separação existente era entre os aposentos reais, o *Dairi* 内裏, e o resto do complexo imperial.

Apesar de a cidade seguir os princípios de ordenação e princípios estéticos chineses, os aposentos reais mantinham-se verdadeiramente japoneses, não renegando o imperador da sua alma nacional: “Provas textuais e pictóricas confirmam que o *Dairi* divergia dos estilos continentais em vários aspectos cruciais. Telhados de casca de cipreste e o escasso uso de tinta davam ao complexo uma compleição distintamente subtil de tons terra. Retrospectivamente a aparência tem sido chamada mais “japonesa”. Assim, se pensarmos no *Dairi* como o centro político e físico do bastante maior complexo imperial, notamos que pode ser descrito como um núcleo Japonês rodeado por uma casca chinesa”<sup>65</sup>.

O contraste era notório entre os edifícios de inspiração chinesa de tons garridos de vermelhão, contra os edifícios de madeira não pintada, com telhados de casca de cipreste. Os japoneses mantinham a sua identidade intacta e aproveitavam-se dos rituais e simbolismos chineses.

---

<sup>65</sup> “Textual and pictorial evidence confirms that the *Dairi* departed from continental styles in several key ways. Cypress-bark roofing and the scant use of paint throughout gave the compound a distinctly subtle, earth-tone complexion. Retrospectively, the appearance has been called more “Japanese”. If, therefore, we back up to think of the *Dairi* as the physical and political center of the much larger imperial enclosure, we notice what might be described as a Japanese nucleus surrounded by a Chinese shell.” Em STAVROS, Mathew – *Kyoto: An Urban History of Japan's Premodern Capital*. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2016. p. 20.



FIGURA 13 – MAQUETE DE HEIANKYOU COMO IDEALIZADA. AO CENTRO DA IMAGEM VEMOS O COMPLEXO IMPERIAL E O DAIGOKUDEN, O PRINCIPAL LOCAL DE REPRESENTAÇÃO DO ESTADO CENTRAL. ABAIXO PODEMOS OBSERVAR A GRANDIOSA AVENIDA SUZAKU. FONTE: WIKIPEDIA (KYOTO CITY HEIANKYO SOSEIKAN MUSEUM).

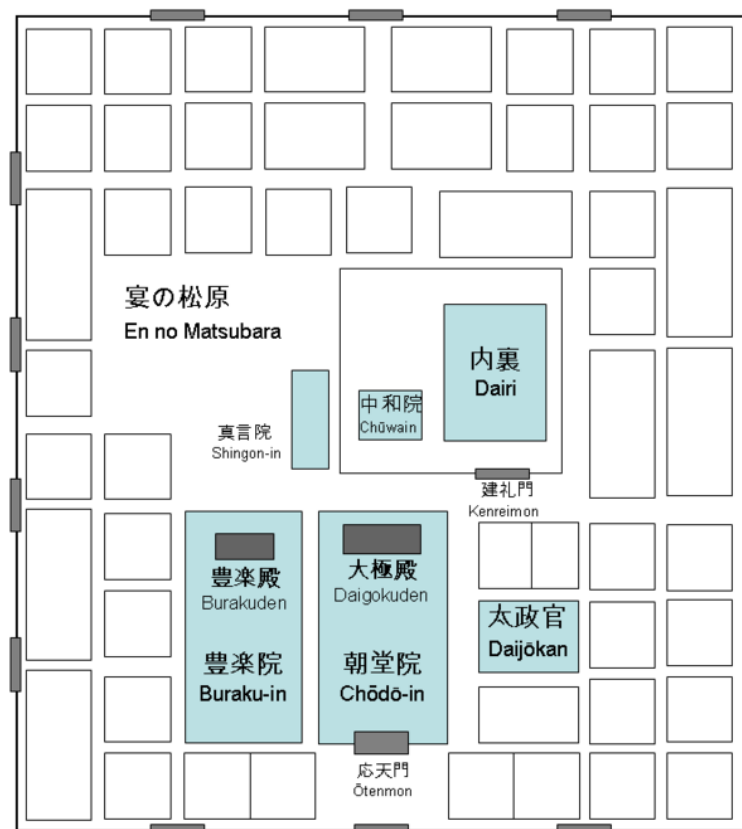


FIGURA 14 – ESQUEMA DAS ESTRUTURAS DO COMPLEXO IMPERIAL. APESAR DO CHODOUIN ESTAR INSCRITO NO EIXO SIMÉTRICO, VEMOS COMO O DAIRI DESTABILIZA ESTA SIMETRIA, REVELANDO UM GOSTO PELA ASSIMETRIA NO ESPÍRITO JAPONÊS. FONTE: WIKIPEDIA.



FIGURA 15 – O DAIGOKUDEN DE QUIOTO. O IMPERADOR PROTEGIDO DA LUZ OBSERVA O RESTO DOS DIGNATÁRIOS ABAIXO DE SI. FONTE: STAVROS (UNIVERSIDADE DE QUIOTO FACULDADE DE LETRAS).



FIGURA 16 – DAIGOKUDEN DE NARA. NENHUMA RECONSTRUÇÃO DO DAIGOKUDEN DE QUIOTO FOI TENTADA, CONTUDO EM NARA TRABALHOS DE INTERPRETAÇÃO LEVARAM À RECONSTRUÇÃO DESTA EDIFÍCIO QUE SERIA MUITO SIMILAR AO SEU CONGÊNERE EM QUIOTO. FONTE: FOTO DO AUTOR.



As duas metades divididas pela *Suzaku*, *Ukyou* e *Sakyou* ficavam respectivamente a Oeste e a Este. Curiosamente estes nomes, traduzidos significam capital direita e capital esquerda, respectivamente, o que parece errado olhando o plano orientado a Norte (Figura 12). É preciso ter em conta que terão sido nomeadas pela vista do imperador que sentando-se a Norte vislumbrava a cidade para Sul, sendo o seu ponto de vista o mais importante.

Além do grande assento imperial a Norte, outros edifícios pontuavam a cidade, sendo os mais importantes na planificação da capital os seus mercados, cada um numa metade. Estes mercados eram subordinados ao controlo do imperador e eram obrigados ao pagamento de taxas.<sup>66</sup>

De modo a afastar a influência do Budismo, os templos foram banidos e foram construídos apenas dois templos patrocinados pelo estado. Estes deveriam rezar pelo imperador, sua permanência e sucesso das suas políticas. Flanqueando a *Suzaku*, junto do *Rajoumon*, faziam parte da grande recepção da cidade, ajudando a impor com os seus pagodes a dignidade do imperador e da sua capital., à entrada da cidade, cada um na sua metade.

Tanto os mercados como os templos respeitavam a simetria imposta estando equidistantes da *Suzaku*. A cidade desenhava-se perfeita, sem desvios ao ideal planeado. A aplicação dos princípios de simetria era fundamental para a harmonia e prosperidade da capital da paz.<sup>67</sup>

### 2.3.3 | QUARTEIRÕES

Ainda que a grelha ortogonal, pela sua monumentalidade aparente, ser o elemento formador da cidade, não foram as grandes avenidas a desenhar a cidade. Foi sim a partir dos seus quarteirões que a cidade foi desenhada.

---

<sup>66</sup> PONSObY-FANE, Richard – Kyoto: The Old Capital of Japan (794-1869). Quioto: The Ponsoby Memorial Society, 1956.

<sup>67</sup> Ibidem.

Ao contrário das capitais anteriores, como Nara, onde era primeiro imposto o tecido urbano e só depois divididos os espaços intersticiais, em Quioto foram primeiro estabelecidos os quarteirões e depois, entre eles, acrescentadas as ruas.

Deste modo, a rua não retirava espaço ao quarteirão mantendo-se a área de todos uniformes. Pretendia-se desta forma evitar problemas com a distribuição de lotes que ocorriam em Nara.

Por exemplo, quarteirões junto à grande avenida viam-se reduzidos por quase 30 metros num dos lados, reduzindo bastante a sua área. Para se perceber a extensão do problema causado, pense-se que os funcionários mais graduados tendiam a estabelecer-se junto das grandes avenidas, por questão de representação, estatuto e de acessibilidade.

Acabavam com esta perda por ter quase tanta área de construção como funcionários de posições inferiores que se estabeleciam mais afastados das grandes avenidas.

Em Quioto, os planeadores estabeleceram quarteirões, ou *Machi* 町, de área inviolável, 120x120 metros (14400 m<sup>2</sup>) e só depois acrescentaram as ruas estando estas fora da área dos Machi.<sup>68</sup> Estes quarteirões agrupavam-se em grupos de 16 e formavam um *Bou*.<sup>69</sup>

Pela intersecção de cada avenida principal horizontal, *Jou*, 条 e vertical, *Ouji* 大路, surgia um *Bou*. Por sua vez, estes quarteirões eram divididos por pequenas ruas Este-Oeste e Sul-Norte, formando *machi*.

Estes eram alocados aos diferentes funcionários segundo a sua posição na hierarquia estatal: oficiais de postos mais altos (a partir do 3º grau para cima) recebiam um Machi inteiro. 4º e 5º graus recebiam metade de um Machi (7200 m<sup>2</sup>) e 6º grau e inferior recebiam um quarto (3600m<sup>2</sup>). No entanto, não eram apenas os oficiais que habitavam na cidade,

---

<sup>68</sup> STAVROS, Mathew – *Kyoto: An Urban History of Japan's Premodern Capital*. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2016. pp.11-12.

<sup>69</sup> MORRIS, Anthony – *History of Urban Form: Before the Industrial Revolution*. 3ªed. Londres: Longman Scientific & Technical, 1994. pp. 404-409.

havendo uma grande comunidade de artesãos, mercadores e construtores que seguiam os aristocratas para servirem as suas necessidades. Estes tinham direito a 1 *Henushi*, um trinta e dois avo de um *Machi*, de 30x15 metros (450 m<sup>2</sup>).<sup>70</sup> Estes lotes mais pequenos eram organizados no sistema *Shigyou-hachimon* que consistia na divisão de um *Machi* em quatro colunas por oito filas.

As ruas impostas na cidade eram de importância fundamental no ritual urbano e no estabelecimento de hierarquias. A grelha ortogonal era composta por quatro avenidas Norte-Sul, em cada metade da grelha, chamadas *Ouji*, sendo as suas paralelas mais pequenas as *Kouji*. Nove grandes avenidas constituíam as linhas horizontais Oeste-Este, as *Jou*, numeradas a partir do Norte. A primeira e a segunda grande avenida horizontal, a *Ichijou* e a *Nijou*, distavam duas vezes e meia o que as outras distavam entre si. A *Nijou*, medindo 51 metros e a *Suzaku*, com 85 metros, eram as duas avenidas mais importantes, sendo importantes lugares de procissões imperiais e a entrada para o grande centro simbólico imperial.

A *Suzaku*, a avenida que ligava o complexo imperial ao portão da cidade, *Rajoumon*, era destinada apenas aos oficiais superiores, ao imperador e a embaixadas estrangeiras, sendo o palco público mais importante da cidade.

Em Quioto, a principal função das avenidas, era de representação do poder e ritual imperial, estando o comércio restringido aos mercados

Ao contrário das civilizações ocidentais, que se manifestavam principalmente no exterior em grandes praças, vivendo os habitantes destas civilizações a cidade, *Heiankyou* ordenou lugares específicos para cada uma das suas funções.

---

<sup>70</sup> Ibidem.

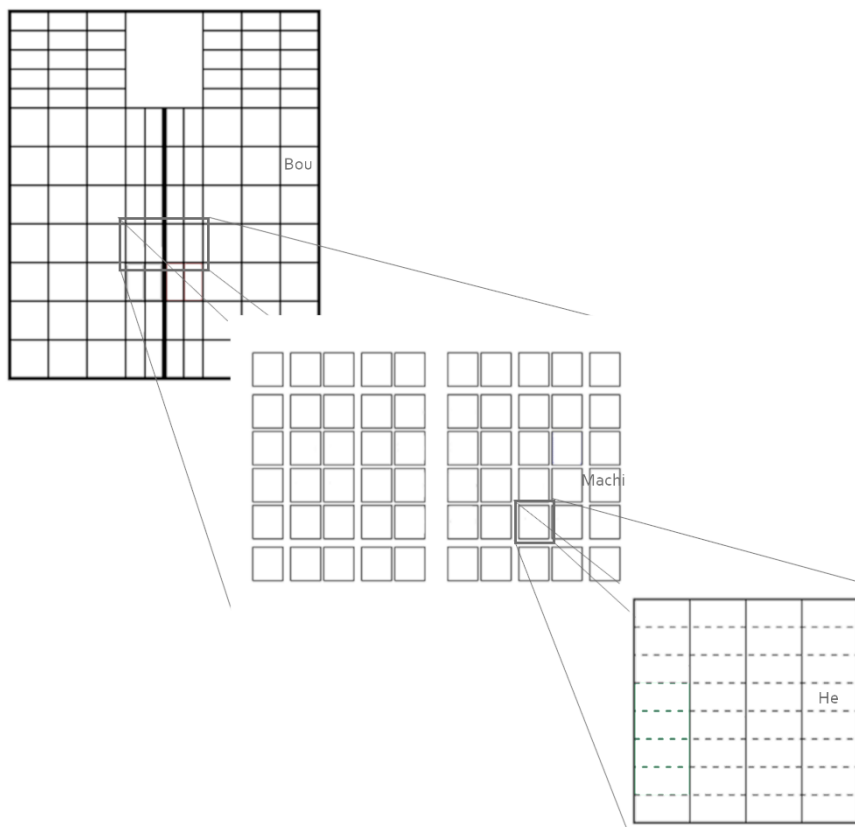


FIGURA 17 – DIVISÃO DOS DA CIDADE E DOS SEUS QUARTEIRÕES. UM BOU ERA CONSTIRUIDO POR 16 MACHI, QUE POR SUA VEZ ERAM DIVIDIDOS EM 32 HE.



FIGURA 18 – AS DIVISÕES DA CIDADE DE HEIANKYOU. FONTE: WIKIPEDIA (KYOTO CITY HEIANKYO SOSEI-KAN MUSEUM).

#### 2.3.4 | *SHINDEN* - AS CASAS IDEAIS

A grande dimensão dos quarteirões *Machi* destinava-se, principalmente às grandes residências aristocráticas. Muralhadas, procuravam a satisfação dentro de si próprias isolando-se totalmente da cidade à sua volta. O mundo hostil ficava do outro lado dos muros e nos diversos jardins e casas etéreas procurava-se a paz de espírito, mantendo sempre a noção simbólica dos rituais grandiosos.

Seguindo um desejo de ritualização e purificação da vida doméstica, adoptou-se para os recintos domésticos um espaço limpo e vazio, em que conceitos como simetria e ausência de tarefas mundanas eram mais importantes. O modelo veio, mais uma vez da China *Tang* (do estilo *Azumazukuri*), tendo primeiro sido utilizado pela família imperial, em meados do século VIII. Foi espalhando-se por desejo de imitação, transformando o espaço doméstico de algo confortável para algo cerimonial e que não permitia a vida no seu interior.<sup>71</sup>

Quando olhado em planta, uma típica residência era constituída por um pavilhão central, o pavilhão *Shinden*, 寝殿 (literalmente o palácio para dormir) o qual nomeia o estilo.

Neste pavilhão eram combinadas as funções de aposentos do senhor e sala de audiências e de recepção de convidados. Esta estranha junção é explicada pela abnegação das necessidades humanas básicas. Os espaços eram idealizados limpos e sem objectos a interromper a sua leitura como espaço cerimonial. Todos os objectos que servissem para tarefas do quotidiano eram retirados e arrumados. Assim, o pavilhão inscrito no centro, aquele com maior relevância, seria o escolhido para as maiores funções.

---

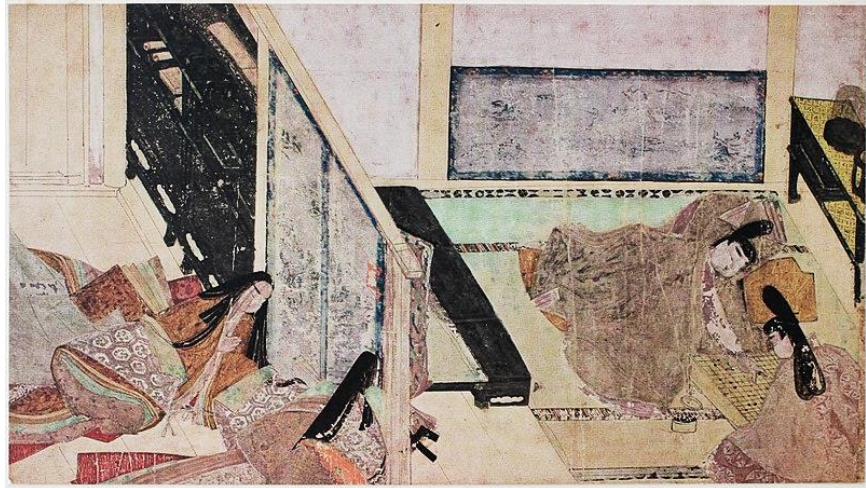
<sup>71</sup> STAVROS, Mathew – *Kyoto: An Urban History of Japan's Premodern Capital*. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2016. pp.24-26.

A Sul deste pavilhão, era usual haver um pequeno lago de contemplação. Aqui, mais uma vez, podemos ver claramente a influência confucionista. Desde a escala da cidade à escala da habitação, os princípios de exposição aos quadrantes eram aplicados. “(...) para os chineses, um lugar ideal para construir é um local virado a sul, com colinas a norte, a este, oeste e um lago à frente.”<sup>72</sup>



FIGURA 19 – UMA RESIDÊNCIA SHINDEN. FONTE: KAOKU ZAKU.

<sup>72</sup> KONG, Mário – Harmonia e Proporção: Um Olhar sobre o Desenho Arquitetónico no Ocidente e no Oriente. Lisboa: Insidcity, 2012. p. 105.



**FIGURA 20 – O INTERIOR DE UMA RESIDÊNCIA SHINDEN. A PARTIÇÃO DO ESPAÇO ERA FEITA POR OBJECTOS MÓVEIS. FONTE: WIKIPEDIA (GENJI MONOGATARI EMAKI)**



**FIGURA 21 – O SUNOKOEN E O HISASHI ERAM OS ESPAÇOS DE TRANSIÇÃO, ESTANDO A MULHER PROTEGIDA NO INTERIOR DA HABITAÇÃO NO LUGAR MAIS SOMBRIO. FONTE: WIKIPEDIA (GENJI MONOGATARI EMAKI)**

Os pavilhões secundários, *Tainoya* 対の屋, eram ligados ao principal por via de corredores-pavilhão denominados *Watadono* 渡殿. Estes pavilhões hospedavam membros da família e alguns serventes. A partir destes partiam, para Sul, corredores muito estreitos e compridos, os *Rou* 廊, que desembocavam em pequenas estruturas de contemplação junto ao lago a Sul. A meio destes corredores, abriam-se portões, os *Chuumon* 中門, que dividiam o pátio interior dos terrenos de entrada. Estes corredores terminavam em pavilhões, um deles um pavilhão de pesca, o *Tsuridono* 釣殿, projectado sobre o lago, e outro o pavilhão da fonte, o *Izumidono*, 泉殿.

No perímetro exterior da casa ainda haveria mais uma barreira: um muro de taipa, com portões que, consoante o posto do oficial, podiam abrir directamente para as ruas principais ou para outras mais secundárias.<sup>73</sup>

Idealmente e segundo os preceitos confucionistas, todo o complexo deveria estar disposto segundo um eixo de simetria Norte e Sul. O caso japonês aqui diverge do modelo chinês, havendo poucos casos de simetria perfeita. Apesar dos edifícios terem uma direcção Norte Sul, o espaço *Shinden* progredia de um portão a Este ou Oeste para o outro, criando assim esta assimetria. Também factores de constrangimento de terreno levaram às adaptações realizadas.<sup>74</sup>

Uma certa austeridade ritualística caracterizava este estilo. Devido à sua imagem de pureza, as necessidades de vida básicas não eram previstas na arquitectura, conferindo a todos os espaços um carácter temporário e sem função.

Assim, tarefas como comer e dormir eram relegadas para plano secundário, não moldando o espaço, nem conferindo nenhum carácter especial ao mesmo.

---

<sup>73</sup> NISHI, Kazuo; HOZUMI, Kazuo – *What is Japanese Architecture*. Tradução de de H. Mack Horton. Nova Iorque: Kodansha USA, 2012. pp. 64-67.

<sup>74</sup> Ibidem, p. 64. e INAJI, Toshirō – *The Garden as Architecture*. Trad. Pamela Virgilio. Tóquio: Kodansha International, 1998. p.11. O tema da assimetria no estilo *Shinden* é explorado em detalhe na referência anterior.



As paredes não eram fixas, fazendo-se a separação do exterior por painéis de madeira reticulados. A falta de privacidade e intimidade proporcionada por este modelo, levou à adopção de biombos que podiam, temporariamente, dividir o espaço.

Até o chão continuava esta linha de austeridade, sendo usado o soalho de madeira. Para permitir algum conforto ao sentar, começaram a ser usados pequenos tapetes móveis feitos de fibra de arroz entrelaçada, os *Tatami* 畳.<sup>75</sup>

Ocasionalmente eram usados painéis moveis, os *Shouji*<sup>76</sup>, que mais tarde tomaram o nome *Fusuma*, que dividiam o espaço em grandes salões, eram muitas vezes pintados e, em conjunto com os pilares, de secção redonda, eram os únicos elementos que pontuavam o espaço.

A divisão com o exterior era feita por meio de portadas reticuladas, *Shitomido* 部戸, que abriam paralelamente ao solo.<sup>77</sup>

No final do século VIII, o estilo tinha proliferado, constituindo-se uma gramática bem definida. Alguns aspectos como a estética dos portões e a sua abertura para as grandes avenidas *Ouji*, assim como a borda de alguns *Tatami*, denotavam o posto do dono da casa na hierarquia imperial, estabelecida pelo código *Ritsuryou*. O estatuto era dominante na sociedade da capital imperial.<sup>78</sup>

---

<sup>75</sup> NISHI, Kazuo; HOZUMI, Kazuo – *What is Japanese Architecture*. Tradução de de H. Mack Horton. Nova Iorque: Kodansha USA, 2012. pp. 64-67.

<sup>76</sup> Esta palavra irá designar também os painéis deslizantes, feitos de papel pintado, caracterizadores do estilo *Shoin*. Ver “3.8 | Shouin”.

<sup>77</sup> SADLER, Arthur L. – *Japanese Architecture: A Short History*. Vermont: Tuttle Publishing, 2009. p.51.

<sup>78</sup> As principais fontes primárias para a história do estilo Shinden são os contos desta época e os rolos de pinturas que os descreviam. Destacamos o *Genji Monogatari* Emaki, o *Murasaki Shikibu Nikki* Emaki e o *Makura no Soushi* Emaki.

## 2.4 | A CIDADE REAL

O Japão, na sua demanda pela assimilação de um conhecimento, apesar de todas as embaixadas e de todos os especialistas trazidos, não conseguiu implementar completamente o sistema chinês.

Os oficiais burocráticos nomeados permitiam-se estabelecer laços com as terras que administravam, sendo mesmo o cargo herdado. A falta de controlo imperial devia-se não apenas a esta corrupção, como também a uma rede de estradas pouco trabalhada e mesmo à não dominação total das ilhas, com os *Emishi* no Norte do país ainda independentes. A perda de controlo das províncias, especialmente das mais afastadas da capital, levava ao desmembramento da união do país, levando mais tarde ao surgimento dos feudos por todo o país. Estas falhas no domínio do território eram também falhas na capital. O imperador rapidamente perdeu o poder efectivo dos assuntos do Estado, tendo sido subjugado pelas famílias aristocráticas que o rodeavam.

Falhando o plano imperial na imposição de um poder centralizado e autoritário, o plano desintegrou-se e foi perdendo alguns dos seus aspectos formais.

### 2.4.1 | A OCUPAÇÃO DA CIDADE

Segundo Stavros (2016) a população estimada da cidade dividir-se-ia em setenta mil funcionários, tendo de apoio um total de vinte a trinta mil trabalhadores, entre os quais artesãos, comerciantes, construtores e plebeus. Contabilizando esta população e correspondendo-lhes a propriedade a que tinham direito, como prescrito pelo *Ritsuryou*, o autor chega à conclusão que o plano, que previa mil cento e trinta e seis quarteirões, não conseguiria acomodar toda esta população.<sup>79</sup>

---

<sup>79</sup> STAVROS, Mathew – *Kyoto: An Urban History of Japan's Premodern Capital*. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2016. pp. 30-31.

Assim, poder-se-ia pensar que a pressão imobiliária seria tal que muitos procurariam terrenos fora da cidade e esta começaria a expandir-se para lá dos seus limites (recorde-se, não concretizados fisicamente).<sup>80</sup>

Determinados documentos dos séculos IX e X<sup>81</sup> mostram que a *Ukyou*, a metade Oeste da cidade, estava abandonada e quase deserta. Esta assimetria verificada na cidade, é explicada pelas condições geográficas da zona. Sendo uma zona de muitas cheias e com os terrenos demasiado alagados, esta parte da cidade não promovia nem a salubridade nem a construção de edifícios.<sup>82</sup>

O abandono foi progressivo, mas desde a fundação da cidade que esta zona estava condenada ao abandono. As estruturas espelhadas do Oeste seguiriam no seu encalço, sendo também preteridas a favor da parte Este da cidade, a *Sakyou*.

Os lotes previstos no plano eram insuficientes e ainda assim metade da cidade estava desocupada. Não houve uma expansão significativa para além dos limites da cidade. A única forma de a população referida habitar a cidade era densificando a ocupação.

Esta densidade também leva a crer que os códigos que estabeleciam as propriedades para todos os habitantes tenham sido ignorados. Grande parte dos oficiais viviam em terrenos mais pequenos do que os prescritos, preferindo as zonas mais junto ao palácio. A parte Nordeste era a zona por que aspiravam a habitar.

Esta preferência é explicada não apenas por razões de maior salubridade, sendo uma zona mais alta da cidade, mas principalmente pela arquitectura do complexo imperial.

---

<sup>80</sup> Ver “2.3.1 | O plano”.

<sup>81</sup> STAVROS, Mathew – *Kyoto: An Urban History of Japan's Premodern Capital*. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2016. pp. 29-32.

<sup>82</sup> MORRIS, Anthony – *History of Urban Form: Before the Industrial Revolution*. 3ªed. Londres: Longman Scientific & Technical, 1994. p.407.

Apesar de ter a sua entrada principal virada para Sul, no portão *Suzakumon*, este destinava-se apenas para grandes procissões e eventos estatais, estando mesmo os oficiais de menor posto proibidos de por aqui entrar. Assim o principal portão de entrada para os funcionários era o *Youmei*, no limite Este do *Daidairi*. A posição deste acesso levou à maior concentração de oficiais nesta zona e a uma pressão imobiliária maior nesta zona.

*“Muito simplesmente, tratava-se de conveniência. Durante o início do período Heian, os oficiais do governo trabalhavam dentro do recinto do Daidairi, mas habitavam fora dele. Quando se dirigiam para o seu gabinete, o seu acesso ao recinto do palácio era feito através do Portão Yōmei, o portão oriental mais importante do Daidairi. O portão central meridional, Suzaku, era reservado apenas para as ocasiões mais formais (...)”*<sup>83</sup>

O complexo imperial, o centro e ponto fulcral do plano de *Heiankyou*, também sofrerá um destino diferente do planeado. Não se coadunando com o pensamento político japonês, as estruturas ideais herdadas dos chineses cairão em desuso e acabarão por ser destruídas sem se assistir à sua reconstrução.

As crises de sucessão vão seguindo-se, influenciando cada vez mais as grandes famílias, especialmente os *Fujiwara*, na escolha de um novo imperador. Os imperadores *Kanmu* e *Saga* tentaram, no período dos seus reinos, gozando da relativa paz na corte, impor medidas para limitar este problema, incluindo a criação do Gabinete do Camareiro, em 810 d.C.. Apesar de esta criação ter sido uma tentativa de organizar melhor a relação do imperador com a corte, com o aumento do poder e funções deste cargo, o Camareiro acabou por minar não só o poder político do

---

<sup>83</sup> “Quite simply, that was convenience. During the early Heian period, government officials worked within the Daidairi yet lived outside of it. When commuting to and from their offices, they accessed the grounds of the palace enclosure through the Yōmei Gate, the Daidairi’s most important egress on the eastern side. The central southern gate of Suzaku was reserved for only the most formal occasions (...)” In STAVROS, Mathew – *Kyoto: An Urban History of Japan’s Premodern Capital*. Honolulu: University of Hawai’i Press, 2016. p. 49.

imperador, mas também por levar ao fim do *Chousei* 朝政, as cortes que se reuniam todas as manhãs no *Choudouin* 朝堂院, principal edifício estatal na condução do poder imperial e da sua máquina burocrática.

Na segunda metade do século IX as cortes já não se reuniam junto ao imperador em grandes rituais, preferindo a segurança de locais mais protegidos, mas menos simbólicos.

Usando cada vez menos o *Dairi*, este torna-se cada progressivamente obsoleto e os rituais estatais começam a ocorrer nas casas senhoriais.

O *Byoudouin* será, deste grupo, o primeiro edifício a não ser reconstruído após um incêndio em 1063. O *Choudouin* terá o mesmo destino, sendo destruído em 1177. Mais tarde o *Dairi* é abandonado de vez, perdendo-se o outrora centro da cidade, político, religioso e representativo, engolido pelo tecido urbano. A *Suzaku*, antiga avenida de entrada magistral da cidade, assim como o seu portão, o *Rashoumon*, serão também sobrepostos. A primeira será abandonada ainda antes do complexo imperial, começando-se por permitir o cultivo nas suas margens. Com o tempo passará a ser um reduto de bandidos, fechando-se e separando-se definitivamente da zona oriental. O *Rashoumon*, após fortes tempestades em 980, já não será mais reconstruído. Este abandono, assim como dos palácios destinados a albergar as embaixadas estrangeiras, explica-se pelo cessar de relações diplomáticas com o continente. Com a queda do império dos Tang em 907, o único grande parceiro diplomático do Japão desaparece. As grandes estruturas imperiais destinadas à sua recepção desaparecem com ele e a influência chinesa deixa de ser tão presente.

*“A meio do século X maior parte das funções da burocracia central e do elaborado sistema de ministérios tinha sido ignorada e os órgãos formais da administração estatal serviam principalmente como mecanismos para a resolução de conflitos de interesse entre as principais famílias da corte. Os rituais imperiais e a rotina burocrática para os quais as grandes*

*estruturas publicas tinham sido erigidas, perderam todas as suas funções à excepção das cerimoniais e simbólicas.*<sup>84</sup>

Com a perda de influência do poder imperial e com a fracturação do centro formado pelo complexo imperial, novos pólos começam a formar-se. Três enclaves vão surgir, agregando vários tipos de populações, respondendo a objectivos diferentes.

#### 2.4.2 | O PRIMEIRO POLO - KAMIGYOU

O que tem sido referido neste documento até aqui como funcionários, era uma classe que apesar da sua uniformidade social, mantinha objectivos diferentes entre os seus constituintes, entrando em conflito e disputas frequentemente.

Os *Kuge* 公家 eram a aristocracia de *Heiankyou*, aqueles que mais influenciavam o poder político. Tendo acumulado grande riqueza<sup>85</sup>, esta classe estabeleceu-se principalmente junto ao palácio procurando aumentar sempre mais a sua influência na corte imperial.

Os seus magníficos palácios eram não apenas os cenários de luta pelo poder, ao acolherem reuniões entre diferentes partidos, mas eram também a sede administrativa das propriedades dos senhores.

---

<sup>84</sup> “By the middle of the ninth century most functions of the central bureaucracy and the elaborate system of ministries had been bypassed, and the formal organs of state administration were serving chiefly as mechanisms for the resolution of the competing interests among the main court families. The imperial ritual and the bureaucratic routine for which the great public buildings had been erected lost all but their ceremonial and symbolic function.” HALL, John – *Kyoto as Historical Background*. In HALL, John; MASS, Jeffrey – *Medieval Japan: Essays in Institutional History*. Palo Alto: Stanford University Press, 1988. p. 10.

<sup>85</sup> Apesar de o seu financiamento ter começado por vir do imperador e do estado, cedo estas famílias começaram a adquirir posses privadas. Muitas das terras privadas, *Kokugaryou*, passaram a ser geridas e posteriormente a ser propriedade privada destes nobres. A construção de templos ou palácios privados eram patrocinados com a concessão das receitas de impostos de províncias. Os *Shouen*, apesar de terem começado como concessões a certos gabinetes e ministros, de forma a poderem ter um financiamento estável, acabaram por passar a ser propriedade dos clãs que detinham os cargos. Com a hereditariedade destes cargos, o controlo destas províncias e os seus impostos passaram a pertencer aos *Kuge*. Todos estes factores levam ao progressivo aumento das finanças de certas famílias e ao aumento da riqueza privada. Ver mais em HALL, John – *Kyoto As Historical Background*. In HALL, John; MASS, Jeffrey org. – *Medieval Japan : Essays in Institutional History*. Palo Alto: Stanford University Press, 1988. pp. 20-22.

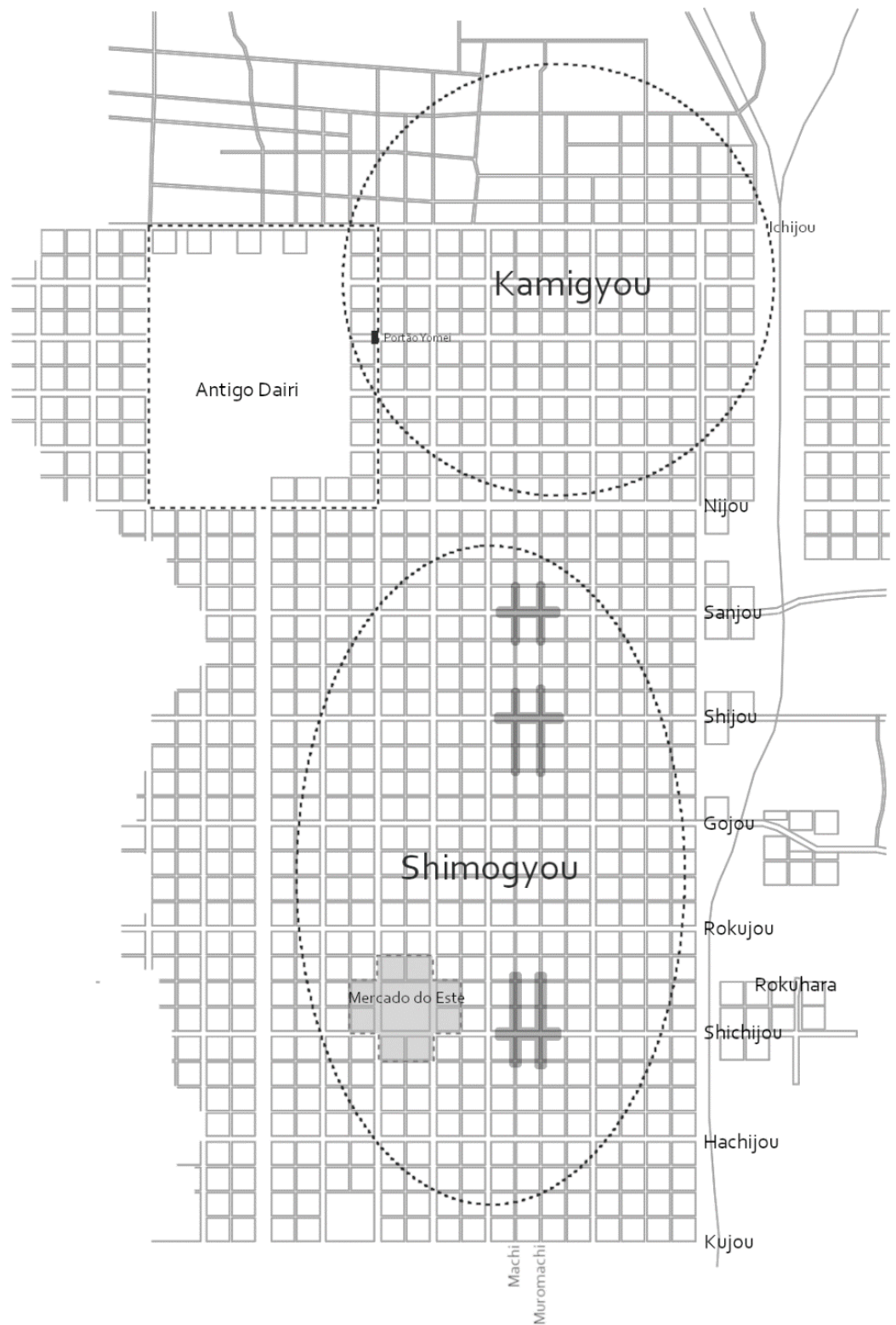


FIGURA 22 – QUIOTO FRACTURADA. OS DOIS DISTRITOS DISTINGUÍAM DOIS AMBIENTES BASTANTE DIFERENTES: O ANTIGO ESPAÇO DO RITUAL IMPERIAL E DA HIERARQUIA NO *KAMIGYOU*; E O ESPAÇO DOS COMERCIANTES NO *SHIMOGYOU*. FONTE: STAVROS.

Este assentamento no canto Nordeste da cidade veio a formar um polo na cidade – o primeira de três – o distrito de *Kamigyou* 上京, literalmente a cidade de cima. Esta designação permite perceber que apesar de se constituir como um pólo distinto do resto da cidade, ainda fazia parte da cidade, *kyou* 京, em conjunto com o *Shimogyou* 下京.

Apesar de a população mais representativa do *Kamigyou* ser a dos *Kuge*, as suas propriedades requeriam constantemente trabalhadores. Os cozinheiros, administradores, jardineiros, construtores, artesãos e outros trabalhadores moravam todos fora das propriedades senhoriais, mas rodeavam as mesmas.

Estes dormitórios, estabelecidos junto a grandes armazéns e adjacentes às casas aristocráticas, denominavam-se *Mikuramachi* 御倉町. Sob a alçada dos seus clientes, gozavam de certos benefícios como a isenção de impostos e isenção de trabalho laboral forçado para o estado.

Os *Kuge* tomaram parte fundamental na política do país imiscuindo-se na família imperial. Os *Kenmon* eram as famílias aristocráticas que conduziam os assuntos estatais. Estabelecidos em diferentes residências espalhadas pela cidade, serão um dos principais catalisadores da mudança morfológica da cidade, retirando cada vez mais importância ao complexo imperial. O esquema unipolar da cidade mudou para um polinucleado, em que toda a cidade se tornava um grande aglomerado de várias identidades políticas discretas.

#### 2.4.3 | O SEGUNDO POLO - SHIMOGYOU

A cidade não era formada apenas pelas classes superiores. Apesar de não terem tanto peso político como a aristocracia, os comerciantes e artesãos foram os protagonistas na mudança da vivência da cidade, assim como de novas estruturas tipológicas.

A parte Sul da *Sakyou* começará a acolher os antigos residentes da *Ukyou* atraídos pelas oportunidades da metade em desenvolvimento. O polo agregador será o Mercado do Este que ao contrário do seu concorrente a Oeste irá expandir-se e prosperar.



Atraídos por uma clientela abastada e desejosa de trocar os seus ganhos em produtos refinados e de alto valor, os comerciantes e artesãos deste distrito constituíram o segundo enclave da cidade. Neste mercado sobrevivente, graças a um afrouxamento nas regras imperiais o comércio livre prosperou, necessitando, para acolher o novo fluxo de comerciantes, de se expandir para lá do limite planeado.

Stavros (2016) explica esta nova importância da rua:

“Os quarteirões urbanos quadrados eram racionais duma perspectiva do planeamento e úteis em termos de administração central. Para os residentes, no entanto, era a rua o que mais importava.”<sup>86</sup>

Todavia, o respeito que os comerciantes tinham pelos códigos superiores era muito pouco e o que os movia era o seu desejo pelo negócio.

Os *Machi* eram uma organização administrativa que tornava mais eficiente o governo e controlo da população. O interesse dos comerciantes prendia-se não tanto pelo quarteirão, mas sim pela rua. A rua, não como um espaço ritual de procissões imperiais, mas como local de convivência e cultura. Mas principalmente a rua do mercado e das trocas comerciais.

Surge, assim, o espaço público, que não tinha sido idealizado na *Heiankyo* estéril e cerimonial.

As pequenas ruas de vivência, de comércio e encontro de pessoas tinham sido ignoradas no planeamento. Coube aos residentes a formalização e nomeação destas ruas mais pequenas e ignoradas pelo poder central. A rua em Quioto nasce pelas mãos dos comerciantes, que se afastam do

---

<sup>86</sup> “Square city blocks were rational from a planning perspective and useful in terms of centralized administration. For urban residents, however, it was the street that mattered the most.” In STAVROS, Mathew – *Kyoto: An Urban History of Japan’s Premodern Capital*. Honolulu: University of Hawai’i Press, 2016. p. 35.

modelo planeado e viram as suas casas/loja para a rua. Bancas e culturas agrícolas estreitam as grandes e largas avenidas, humanizando-as.<sup>87</sup>

*“O comércio e a produção alargados – e as pessoas responsáveis por ambos – não foram contemplados no plano original da capital. Não eram propriamente proibidos, simplesmente não foram pensados. Como vimos, os plebeus que serviam a elite eram comuns. Cumpriam importantes funções e em última análise contribuíram para a transformação de Heian-kyō de um domínio inerte de procedimentos imperiais – uma capital no sentido austero – para um ambiente infinitamente mais diverso e sem dúvida mais interessante, uma ‘cidade’ medieval.”<sup>88</sup>*

Propriedades estreitas, compridas e escuras formam um perímetro junto às ruas, estabelecendo-se um pátio partilhado no seu interior. Nestes pátios, à revelia da política imperial de banimento, constroem-se templos de divindades que potenciam a unidade do quarteirão. Os diferentes quarteirões constituíam unidades de uma profissão, distinguindo-se pelos objectos produzidos e pela ocupação dos seus residentes. Inverte-se, neste novo esquema, a ordem do espaço, passando a ser a população em vez dos altos cargos a determinar a morfologia da cidade.

A nova tipologia deste quarteirão foi a *Machiya* 町家, a habitação mais tradicional da capital nos dias de hoje. Construídas em parcelas muito estreitas e compridas, as casas eram bastante escuras, recorrendo a pátios interiores, de modo a trazer luz e ventilação ao interior da casa.

A rua constituía-se agora como palco da vida dos seus habitantes e não apenas como um espaço de rituais. Eram realizadas aqui actividades mundanas. O comércio prosperava e trazia as pessoas para as ruas. O

---

<sup>87</sup> HALL, John – Kyoto as Historical Background. In HALL, John; MASS, Jeffrey – Medieval Japan: Essays in Institutional History. Palo Alto: Stanford University Press, 1988.

<sup>88</sup> “Widespread commerce and production – and the people engaged in both – were not integral to the original capital plan. They were not forbidden per se, simply not planned for. As we have seen, commoners who serviced the elite were not unusual. They fulfilled important functions and ultimately contributed to the transformation of Heian-kyō from an inert realm of imperial statecraft – a ‘capital’ in an austere sense – into an infinitely more diverse and undoubtedly more interesting social milieu, a medieval ‘city’.” Ibidem.

principal festival da cidade, ainda hoje celebrado, o *Gionmatsuri*, teve início nesta época. Os comerciantes foram os primeiros a introduzir os templos móveis, que hoje são a principal atracção do festival. Estes demonstravam a riqueza e o poder dos seus donos que conseguiam criar sumptuosos templos de adoração aos seus *kami* de eleição.

#### 2.4.4 | TERCEIRO POLO – OS *IN* E OS *KENMON*, PARA LÁ DA CIDADE

Ao fim de pouco mais de dois séculos, o complexo imperial e as grandes estruturas estatais jaziam em ruínas. Reunido em pontos discretos, o poder vai ser dispersado e aproveitado pelas principais famílias aristocráticas. A destruição do assento do imperador, provará a sua queda do ponto de controlo e governo de que gozava.

As diferentes famílias, que com a queda do poder central na cidade, formarão o novo assento da política nacional, terão o nome de *Kenmon*, 権門, os portões da grande autoridade. A cidade passará de um só centro de poder para vários.

Os *Kenmon*, um grupo plural e com objectivos diferentes, heterogéneo, eram a denominação destas famílias. A partir das suas residências fechadas por grandes portões brandindo os seus selos, manipulavam o imperador e a política nacional para seu proveito.

A crescente influência destas famílias, levará, em última instância, ao deslocamento do centro político da cidade, desta vez para o *Kamigyô*, nas diferentes residências dos líderes desta família.

Com o estabelecimento de relações familiares com a família imperial, muitos dos futuros imperadores viverão afastados do seu trono, vivendo como hóspedes (ou reféns) em casa da família que os controlava. Os *Satoudairi*, inicialmente residências usadas para alojar o imperador enquanto o seu palácio era renovado ou reconstruído, tornaram-se prisões e focos de política numa Quioto fraccionada e sem um centro.

Em 1085, o Imperador *Shirakawa* propõe-se combater a corrupção do poder imperial pelos *Kenmon*. Começa por abdicar do trono imperial,

escapando, deste modo, ao controlo dos mesmos. Criará alianças com grandes *Kenmon*, opondo-os entre si.

Do seu sucesso, surgirá um novo sistema de governo, o *Insei*, ou os imperadores afastados. Serão de novo os imperadores a ter a decisão sobre a política nacional.

Esta mudança do poder, tem efeitos imediatos. Os novos agentes políticos, não podendo residir no palácio imperial (pela sua abdicação ou pela inexistência do complexo imperial), nem nas residências aristocráticas junto da influência nefasta dos *Kenmon*, construirão para si sumptuosos palácios fora da cidade. Estas construções retirarão por fim (mas por poucos tempo) as decisões políticas dos limites da antiga *Heiankyou*.

Resumindo a evolução do centro, temos que: o poder político começou por ser um centro bem definido, assente em estruturas ideais e profundamente ritualizadas; a influência cada vez maior das famílias aristocráticas residentes fora do palácio, leva à inutilização destas estruturas, acabando estas por cair no abandono, o poder descentraliza-se e difunde-se, estando ainda circunscrito aos limites da capital; por fim, o poder retira-se da cidade, pelo sucesso na recuperação do poder político pelo imperador *Shirakawa*.

O imperador *Shirakawa* estabeleceu-se no *Hosshouji*, seguindo-se as residências do Imperador *Toba* e do imperador *Goshirakawa*.

Em muitos dos casos estes palácios incluíam um templo, por questões rituais e de bons auspícios para o imperador afastado. Tentava-se recriar o ambiente do antido *Daidairi*.

Por política de *Heiankyou*, as seitas do budismo não se puderam estabelecer igualmente dentro dos limites da cidade. Apesar de com o tempo, estas regras perderem o efeito, chegando mesmo a construir-se edifícios religiosos de diferentes seitas dentro do complexo imperial; os primeiros mosteiros e complexos religiosos tiveram a sua fundação nos

montes circundantes. Ainda assim, o poder religioso seria mais um dos concorrentes à influência do poder imperial.

Já mencionado, o *Enryakuji* talvez fosse o mais importante, durante os primeiros anos de Quioto, tendo sido fundado ainda antes da sua fundação. O favor inicial com o imperador *Kanmu* deu à seita Tendai uma grande vantagem, contudo com o passar dos anos, a seita *Shingon* toma o controlo do único templo dentro da cidade, o Touji, criando dependências fora da cidade.

Inúmeras outras seitas foram lutando pelo apoio da corte. Ainda que se constituíssem como comunidades quase autónomas, a concorrência com outras seitas, levava à sua busca por maiores recompensas por parte do imperador. Não eram apenas doações financeiras que estes apoios traziam, sendo que a responsabilidade pelos rituais de abono de certas famílias ou do imperador lhes dava propriedades assim como o financiamento de novos templos e templos inferiores, permitindo-lhes estender a sua influência a novas zonas. Este incentivo à criação de novos templos, fez com que estes proliferassem pela periferia da capital.

Com a generosa oferta aos templos, realizadas por governadores que fugiam aos impostos, uma parte das receitas destas propriedades, revertia para o original dono, desta vez sem corte dos lucros.<sup>89</sup>

Na procura por cada vez mais poder, os templos começaram a desenvolver capacidade militar, formando milícias, que começaram a criar pressão mais do que religiosa junto dos funcionários da corte. Com a maior fracturação da cidade e a quebra do poder central, estas milícias tornaram-se fundamentais na protecção dos complexos religiosos.

À semelhança da dinâmica do *Kamigyou*, estes novos polos começaram a atrair população para as suas margens. Uma ligação de patrão-servo

---

<sup>89</sup> "They then commended these paddies to nobles and temples, which were able to obtain legal grants of immunity from the dues imposed on the paddies. This process gradually reduced the income of the civil government, although it benefited the nobles and temples that shared the income from the paddies with the warriors who commended them." KOZO, Yamamura - Introduction. In YAMAMURA, Kozo – *The Cambridge History of Japan*. 6ª ed. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2006. p.2.

começou a estabelecer-se, beneficiando os trabalhadores de protecções contra o governo central e os senhores do seu trabalho e riqueza produzidos. Estas novas concentrações que se formavam de volta dos complexos fora da cidade, terão o nome de *Monzenmachi*.

Estas comunidades estabeleciam bairros fora da cidade, subvertendo mais uma vez o plano ideal prescrito para a capital.

Com a queda, mais uma vez, do poder imperial sob a forma dos Insei, as duas famílias mais influentes irão confrontar-se para conquistar o poder.

Contudo, o tempo da influência junto da corte estava a acabar e esta estava a perder o poder para a nova classe que tomaria o controlo do país, a classe dos guerreiros.

Junto ao complexo do antigo imperador *Goshirakawa*, o *Houjuuji*, tinha-se construído um quartel dominado pelos Taira, o distrito de Rokuhara. Os Taira acabarão por dominar, ainda que por pouco tempo a política na capital.

Aquando da sua derrota nas guerras *Gempei* (1180-1185), este seu quartel será a base do poder à distância do governo paralelo de *Kamakura*.

## 2.5 | LUZ/ SOMBRA - O IDEAL E O REAL

Analisados os edifícios e a cidade de Quioto resta-nos a pergunta: Porque é que o pensamento urbano e arquitectónico chinês, não vingou na capital do Japão?

Ignoramos aqui as questões económicas e de escala, que não permitiram igualar em magnitude as construções e dimensões da capital, por não revelarem a essência da resposta.

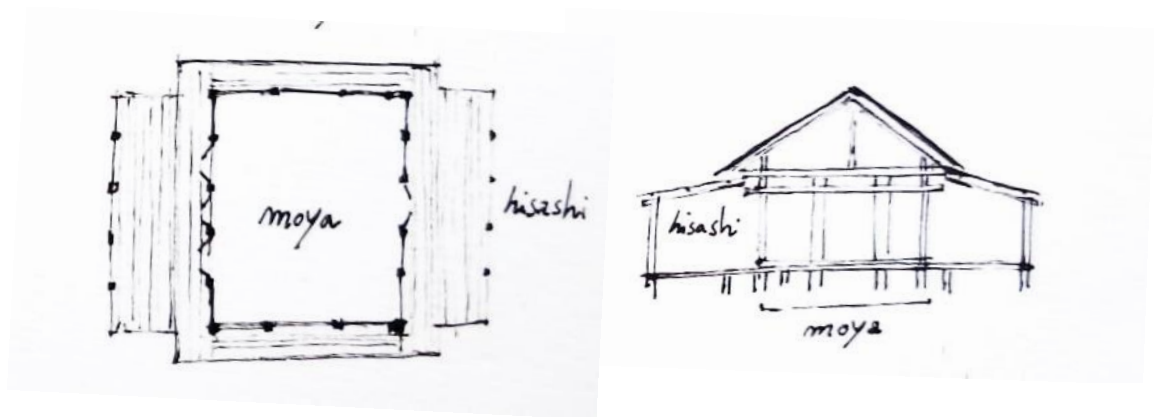


FIGURA 23 — ESQUEMA DE UMA CASA PRÉ HEIAN NO JAPÃO. A PARTIR DO NÚCLEO MAIS INTERIOR, O MOYA, SEGUIAM-SE ZONAS AINDA COBERTAS DE TRANSIÇÃO, OS HISASHI. A PARTIR DE NISHI & HOZUMI.



FIGURA 24 — O SUNOKOEN. ESTE ERA O ÚLTIMO ESPAÇO DA CASA JÁ EXPOSTO COMPLETAMENTE À LUZ. O HISASHI ERA AINDA UM ESPAÇO DE TRANSIÇÃO. A PARTIR DE NISHI & HOZUMI.

O principal problema é que os japoneses tinham já um pensamento e uma identidade construtivos próprios. E vão evoluindo e adaptando o estilo herdado guiando-se por uma característica do seu pensamento. A sombra é o fenómeno que permite explicar esta não aceitação dos modelos chineses.

As capitais chinesas, os rituais e arquitectura que decorria dos mesmos, tinham como principal foco, a luz. Os rituais eram feitos em grandes avenidas abertas ao Sol. O Sol simbolizava protecção e a claridade, pureza. É raro encontrar a sombra presente na formação do espaço na China.<sup>90</sup>

O caso é diferente no que toca ao Japão.

Recuando ao tempo pré *Heian*, as primeiras casas aristocráticas marcaram grande parte dos estilos que se seguiram, incluindo o *Shinden* e o *Machiya*.

Estas primeiras residências eram formadas por um corpo central mais elevado, que dava pelo nome de *Moya*, com dimensões de 2x5 naves (variável). Rodeando completamente esta zona central tínhamos o *Hisashi*, mais baixos, mas ainda cobertos pelo telhado que se estendia em consola. Rodeando a construção toda, havia um alpendre, completamente exposto, no exterior, elevado em relação ao solo, que podia ser um jardim. Este alpendre tinha o nome de *Sunoko*.<sup>91</sup>

*Yasuhara* refere que o espaço interior era considerado o espaço mais agradável e seguro. Analisando fontes de cultura japonesa como o *Genji Monogatari* (O conto de Genji), conclui que a forma como a luz penetra nas residências *Shinden* permite que o seu interior permaneça em

---

<sup>90</sup> INAJI, Toshirō – The Garden as Architecture. Trad. Pamela Virgilio. Tóquio: Kodansha International, 1998. pp. 120-128.

<sup>91</sup> YASUHARA, Morihiko; IIBUCHI, Koichi; OKAZAKI, Muneyazu - Space of SHINDEN Residential Complex: Part 1. Lighting from the Side. *Forma*. Vol. 16, nº4 (2001), p. 367-374. [Consult. 07-09-2018]. Disponível internet:<URL:<http://www.scipress.org/journals/forma/pdf/1604/16040367.pdf>>.



penumbra, escondendo as figuras no seu interior. Refere, por exemplo, que expor uma mulher à luz é algo que traz vergonha.

A revelação, no pensamento japonês, é algo degradante e deselegante. Há quase que um conforto por estar num espaço sombrio, num espaço seguro. Este tipo de pensamento é claramente diferente do pensamento ocidental, que dá à luz um carácter purificador. Aqui a iluminação dos espaços revela o seu carácter autêntico e mais limpo. Um espaço sombrio, pelo contrário, desperta sentimentos de receio e desconfiança, até de repugnância, ao ocidental.<sup>92</sup>



**FIGURA 25 – A LUZ NO ESPAÇO JAPONÊS. AINDA PENETRANDO NO HISASHI A LUZ ENTRA MUITO FRACA E FILTRADA NO ESPAÇO INTERIOR. FOTO DO AUTOR.**

---

<sup>92</sup> Não querendo alargar muito este lado da questão, referimos apenas que em grande parte das línguas ocidentais, a palavra “sombrio”, “escuridão” e outras referentes à sombra estão associadas a fenómenos imorais e maus. A tradição judaico-cristã é particularmente prolífica em referências à luz como algo bom e divino e à sombra como algo mau e maléfico.

Tanizaki que escrevendo no século XX, sobre os contrastes entre o pensamento ocidental e japonês refere ainda outros fenómenos culturais, como o interior da boca das senhoras pintado de preto, a cor do caldo e as porcelanas que o contêm, a pátina nos utensílios, entre muitos outros que apontam para o mesmo factor: a sombra como algo que esconde e reconforta.<sup>93</sup>

Esta qualidade da sombra de velar e esconder imperfeições é altamente apreciada pelos japoneses e influenciou definitivamente a sua cultura.

Outro fenómeno curioso é a massividade dos na arquitectura japonesa, ao ponto de ser difícil perceber os traços da fachada cobertos com uma sombra espessa. Tanizaki (1933) elabora sobre este aspecto da arquitectura japonesa: enquanto os ocidentais usam um telhado principalmente para proteger das intempéries, os japoneses prezam também a protecção ao Sol, que nas ilhas é bastante agressivo. As intempéries sendo mais agressivas, são também mais imprevisíveis e a sua direcção variável (tufões). Portanto, o telhado precisava de ser mais pesado e robusto.

*“Visto de fora, e isto vale não só para os templos, mas também para os palácios e as residências do mais comum dos mortais, o que primeiro chama a atenção é o imenso telhado, esteja ele coberto de telhas ou de canas, e a densa sombra que reina sob o alpendre.*

*Tão densa por vezes que em pleno dia, nas trevas cavernosas que se estendem para além do beiral, mal se distinguem a entrada, as portas, os tabiques ou os pilares.”<sup>94</sup>*

Apesar de ter começado como protecção, o telhado dos japoneses foi-se adaptando e os japoneses começaram a olhar para algo que os protegia como belo. Começaram a associar o sol a algo mau, *id est*, que revelava demasiado. Começaram a preferir o velado. Aquilo que não se via

---

<sup>93</sup> TANIZAKI, Junichirou – *Elogio da Sombra*. Trad. (do francês) Margarida Gil Moreira. Lisboa: Relógio D’Água Editores, 2016. pp. 23-28, 34-36, 49-50.

<sup>94</sup> Ibidem. p.31.

protegia. A sombra era preferida, conferia protecção contra um mundo agressivo de intempéries e demasiada luz. Um gosto, contrário ao chinês e ocidental foi-se desenvolvendo.

Por aqui vemos como era impossível que as estruturas chinesas que primavam pela exposição ao sol, com vastos recintos desprotegidos, que punham as cortes a acontecer no exterior sem protecção foram mal-aceites e acabaram por cair no desuso.

O pensamento japonês necessitava de espaços mais sombrios que velassem o poder. As residências *Shinden*, demasiado expostas à luz, rapidamente, foram compartimentadas e escondidas, reservando espaços para a permissão de conforto, que permitissem a criação da sombra.

Por último, e passando para o plano urbano da cidade, vemos que evolui de forma a valorizar uma descentralização e difusão do poder. As grandes estruturas do *Daidairi*, perderam-se no esquecimento, precisamente pelo ideal de pureza e luz que propunham. A exposição à luz e a recintos abertos não se coadunava com a política japonesa, que evoluíra de um controlo feito por famílias aristocráticas. Estas preferiam as suas casas, escondidas e veladas para conduzirem a política nacional. As grandes estruturas estatais pela sua ignorância do pensamento arquitectónico japonês caíram em desuso e foram também elas ignoradas.

## 2.6 | REFLEXÕES PARCIAIS

Pela análise da fundação de Quioto e do seu plano percebemos que muito deste teve origem na influência das capitais chinesas e que antes de Quioto outras capitais japonesas já tinham incorporado alguns elementos chineses. Em Quioto, no entanto, o expoente é atingido e uma cidade perfeita e ideal surge.

Não irá durar, pois no século X já parte da cidade se desintegrara, não tendo a sua metade Ocidental sido sequer ocupada. Abandonada cairá no esquecimento e as suas estruturas igualmente.

Por outro lado, face a um poder central cada vez mais enfraquecido também o complexo imperial e as estruturas dependentes do ritual imperial cairão em ruína.

Mas o que explica este afastamento do modelo chinês? Porque é que este não foi mantido pelos japoneses?

A explicação tem duas frentes: por um lado os japoneses concebem o centro de forma diferente dos chineses e a sua concepção de condução política não era igual à dos chineses.

Os rituais imperiais chineses pressupunham que o imperador, ligação entre o céu e a terra, fosse supremo e o seu assento fosse o centro de todo o país e capital. Contudo, os chineses por via dos seus mitos originais concebiam o seu centro como algo mais alargado: todo o arquipélago era sagrado na sua visão, pela criação de Izanagi e Izanami. Assim, em Quioto as muralhas nem sequer foram construídas, nunca se fechando a cidade, não se completando o limite, tão importante na definição do término desta. O mundo ordenado estendia-se a todas as ilhas.

A concepção do público no pensamento japonês, também não admite uma exposição tão grande como a chinesa. A política japonesa era conduzida pelas famílias aristocráticas em lugares que os japoneses consideravam confortáveis e seguros. Afastados da influência do imperador, escondidos no ambiente sombrio, os decisores políticos, conduziam os seus assuntos internamente, no privado. O público era límpido e não pressupunha assuntos mundanos, como a condução da política.

Por estas duas razões a cidade desintegrou-se, não só perdendo o seu centro agregador, mas dividindo-o em vários pólos de influência.



### III | UMA NOVA CLASSE NA CIDADE – OS BUSHI

---

洛 洛  
中 外

FIGURA 26 – RAKUCHUU/RAKUGAI.  
A PARTE DE DENTRO E DE FORA DA  
CAPITAL.  
[HTTP://REDFINCHJAPANESE.COM/?A  
CTION=KANJI\\_DICTIONARY](http://redfinchjapanese.com/?ACTION=KANJI_DICTIONARY)

Com a progressiva perda de controlo do país por parte do imperador, as famílias aristocráticas, tomam parte do poder. Pela ascensão da nova classe guerreira, uma nova capital e um novo governo surgem. Com esta mudança, a capital arranhou mecanismos de preservar o seu poder e a sua legitimidade.

Dois campos distintos surgem como forma de elitizar a aristocracia da cidade. Contudo, muito cedo este mundo é invadido pela classe militar e estes tomam para si o poder que antes pertencia à capital de Quioto em exclusivo.

De forma a partilharem este poder, necessitam igualmente de aderir aos seus rituais e isso incluía a forma de construir. Sumptuosos palácios são construídos. Contudo, a esfera pública e privada mais uma vez cria tensões no espaço, começando a insurgir-se de dentro do antigo estilo Shinden, um novo estilo, mais sombrio e mais privado.

O tecido da cidade também se altera, tanto pelas mãos da sua população que desdenhando as políticas imperiais ordena a cidade para seu proveito. Os novos governadores militares de forma a exaltarem o seu poder modelam o resto da cidade criando novos espaços e novos pontos focais.



### 3.1 | DIVISÃO DO ESTADO CENTRAL - KAMAKURA 鎌倉時代 (1185-1333)

O Estado centralizado idealizado pelo imperador *Kanmu* (735-806 d.C.) não se concretizou nem se aproximou da sua idealização. Por razões culturais e económicas e ainda de índole política, Quioto rapidamente se tornou lugar de lutas entre diversas famílias e a forma como a cidade se desenvolveu de um único centro, para vários centros dentro e fora da cidade atestam isto mesmo.

Mas o que acontecia na capital era reflexo da situação rural e reflectia-se também de volta na cidade. Estabelecia-se uma relação recíproca entre estes: o urbano e o rural.

As terras públicas, *Kouryou*, ou a partir do século XI, *Kokugaryou* 国衙領), começam a dar lugar aos *Shouen* 莊園, propriedades privadas. Inicialmente previstos como forma de prover as necessidades financeiras dos *Kuge* e funcionários da corte, o número destas propriedades foi aumentando, dando lugar a um sistema feudal de repartição de terras, em vez do sistema estatal imposto pelo anterior código *Ritsuryou*.<sup>95</sup> Estava aberto o caminho para a criação de riqueza por parte da aristocracia, retirando poder da administração imperial e da própria figura do imperador. A fracturação do país começara na capital, mas estendia-se agora para todo o país.

Em 1180, as tensões instauradas explodem na guerra *Gempei*, que durará até 1185. As principais famílias opositoras serão os *Minamoto* 源氏 e os *Taira* 平氏.<sup>96</sup>

Com a vitória dos *Minamoto*, um novo regime é instituído, com capital em Kamakura, onde o poder passa a depender da nova classe guerreira.

---

<sup>95</sup> AKIYAMA, Teruzaku [et al.] - *Dictionnaire historique du Japon* [em linha]. Vol. 3: Lettre K (1987). p. 82. [Consult. 17 jul. 2018]. Disponível em WWW: [https://www.persee.fr/doc/dhjap\\_0000-0000\\_1987\\_dic\\_13\\_1\\_917\\_t1\\_0082\\_0000\\_2](https://www.persee.fr/doc/dhjap_0000-0000_1987_dic_13_1_917_t1_0082_0000_2).

<sup>96</sup> SANSOM, George - *A History of Japan to 1334*. 7ªed. Toquio: Tuttle, 1990. pp. 255-263.

Novos postos inseridos numa hierarquia militar surgem e o método de actuação da administração passa da burocracia para a luta armada e para demonstrações de poder. A nova figura do Xogum 将軍 irá aparecer (primeiro com os Minamoto seguindo-se os *Houjou* 北条氏) e o governo militar – *Bakufu* 幕府 – será criado ao lado do governo imperial.

Este novo governo rivalizaria com o poder imperial centenário de Quioto e iria afastar a esfera de decisão do poder central. A sua cidade central seria *Kamakura*, que daria o nome à era *Kamakura*.<sup>97</sup>

Em 1221-1222 d.C., dá-se o incidente *Joukyuu*. Este golpe de estado liderado pelo imperador *Gotoba* 後鳥羽天皇 (1180-1239 d.C.), procurava recuperar o poder imperial.

Contudo com a sua derrota pelo *Bakufu* dos *Houjou*, precisamente o contrário ocorrerá. O imperador perderá todas as suas funções e passará a ser uma figura cerimonial de Estado, sem qualquer importância nas decisões políticas do país. Será acima de tudo a figura que legitima os futuros xoguns. Era, por isso, deposto e eleito segundo a vontade do senhor militar, sendo a sua posição bastante precária.

### 3.2 | RAKUCHUU/RAKUGAI 洛中 / 洛外

Como visto no capítulo anterior, o plano de *Heiankyou* nunca foi completamente formalizado e, grande parte das estruturas que propôs não resistiram ao tempo, perdendo-se a necessidade das mesmas à medida que o Japão se desenvolvia para uma sociedade fracturada e pluralista, em que o centro de poder não se concentrava num só lugar, nem numa só pessoa. O modelo chinês de grande aparato e ritual ainda se manteve, na tentativa de, através dos rituais criar uma distinção entre classes que legitimasse os *Kuge* e a corte imperial.

---

<sup>97</sup> SANSOM, George - *A History of Japan to 1334*. 7ªed. Toquio: Tuttle, 1990. pp. 346, 357.

Progressivamente o plano original vai desaparecendo, com o abandono das estruturas e das principais avenidas. A destruição completa das intenções do imperador *Kanmu* só se irá dar com a guerra *Ouin*.

Contudo, esta destruição terá o seu início na fracturação da cidade em vários centros, dentro e fora da cidade.

O imperador tinha perdido o seu poder para as grandes famílias aristocráticas e depois militares.

Ainda que Kyoto fosse a grande capital (como provado pela tentativa falhada dos Taira de mover a capital em 1180<sup>98</sup>), a política nacional passou a ter dois pólos: *Kamakura* e Quioto.

Estabeleceu-se uma equilibrada relação entre o governo militar e o governo imperial, assim como deste com as províncias, cada vez mais independentes do seu controlo central.

Não esqueçamos que grande parte da propriedade privada, riqueza e poder ainda eram detidos pelos *Kuge*. Contudo, uma nova classe começa a minar o poder e a quebrar a sua vassalagem aos *Kuge*: os *Jitou* 地頭, encarregados do território possuído pelos aristocratas. Esta nova classe armada era aproximada a uma classe de guerreiros, visto que os exércitos eram compostos e reunidos por eles.

Assim, entre os militares e os *Kuge*, surge uma nova dinâmica. Aqueles ofereciam protecção aos *Kuge*, recebendo em troca pagamentos e isenção de impostos.

Com a abolição dos antigos códigos de posse de terras e a transferência das riquezas para os *Jitou*, os *Kuge* tiveram de depender dos *Jitou* para seu sustento. Em troca estes encarregados recebiam representação na corte do imperador, contribuindo para aumentar o seu poder.

---

<sup>98</sup> MASS, Jeffrey – The Emergence of The Kamakura Bakufu. In HALL, John; MASS, Jeffrey org. – *Medieval Japan : Essays in Institutional History*. Palo Alto: Stanford University Press, 1988. pp. 127-157.

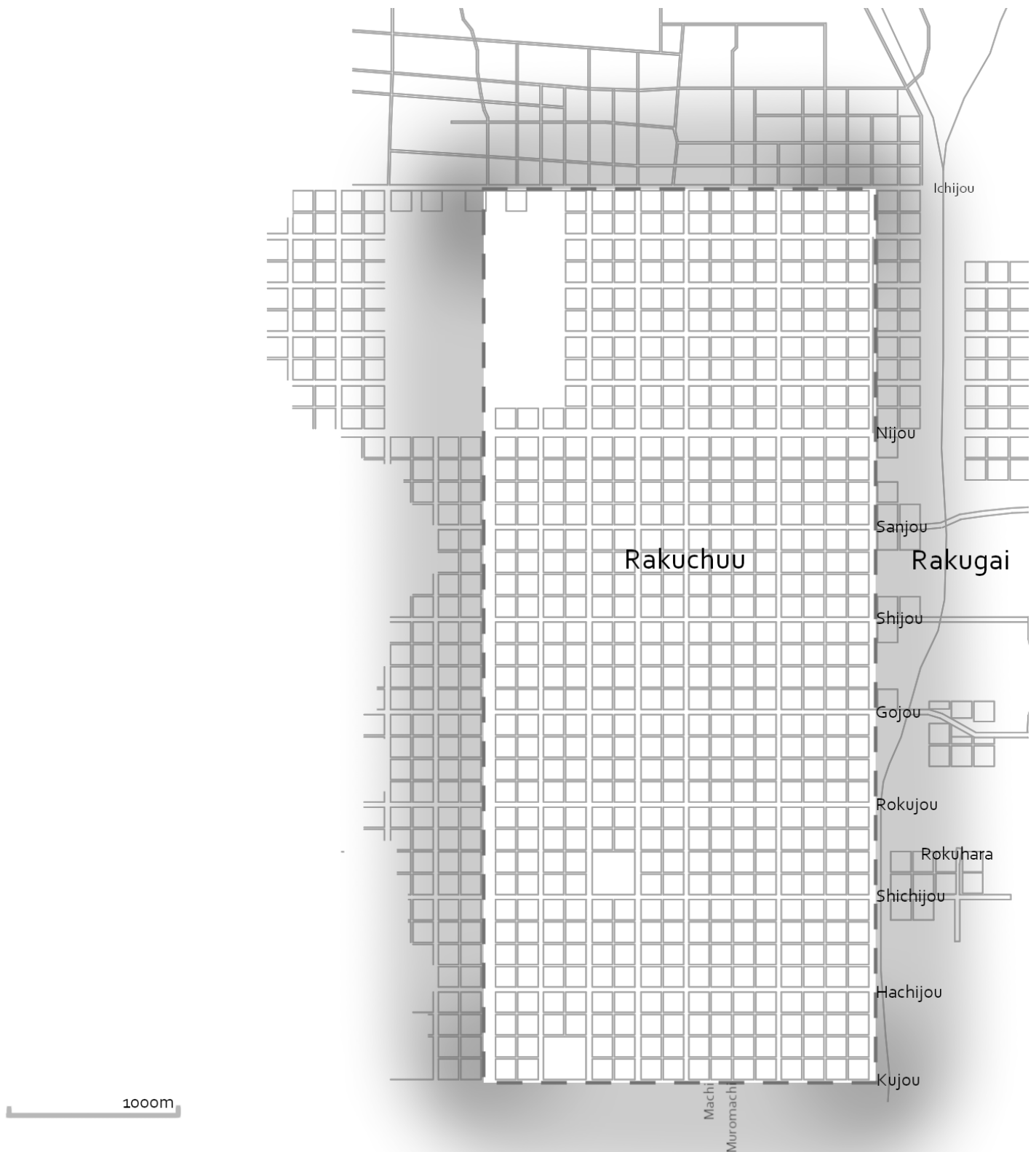


FIGURA 27 – RAKUCHUU/RAKUGAI. AS DUAS ÁREAS DE INFLUÊNCIA DA CAPITAL. O DENTRO E FORA DA CAPITAL DEFINIAM O ESPAÇO DE DOMÍNIO DAS DUAS DIFERENTES CLASSES.

A revolta Joukyuu, 1221 d.C., instigada pelo imperador Gotoba 後鳥羽天皇(1180 – 1239 d.C.), audaz e convencido da força dos seus vassalos, irá expor a fraqueza do Bakufu.<sup>99</sup> O centro deste governo era em Kamakura, mantendo algumas forças na capital – no distrito de Rokuhara.

A revolta irá resultar em falhanço e o imperador será exilado. O equilíbrio de poderes instituído pelo afastamento dos militares dos assuntos da capital, ficará destabilizado.

A elite na capital ficará mais ameaçada e logo depois desta rebelião, o *Bakufu* reforçará a sua presença na capital, no distrito de *Rokuhara*. Mais representantes da capital do Norte são destacados para a capital, resultando num maior controlo sobre os assuntos da corte e do governo de Quioto.

Esta aproximação não era apenas dos militares aos aristocratas -imersos no seu mundo ritual e hierárquico da capital –, mas também do mundo exterior à capital sobre esta. Esta afirmação do mundo exterior, primeiro com o aumento de terra privada e depois com a partilha do governo com outra capital, era inaudita e os velhos poderes da capital reagiram.

Os limites da cidade ideal são demarcados com mais veemência, recorrendo-se a proibições de entrada e construção, de modo a criar uma separação entre o mundo ideal da corte e do imperador e dos militares e da população. Impõem-se restrições de quem pode ou não entrar na cidade e o que pode ou não ser contruído.

Surge assim o novo conceito de *Rakuchuu* 洛中 / *Rakugai* 洛外<sup>100</sup>. Traduzidos literalmente como (parte de) dentro da capital e (parte de)

---

<sup>99</sup> HALL, John – Kyoto As Historical Background. In HALL, John; MASS, Jeffrey org. – Medieval Japan : Essays in Institutional History. Palo Alto: Stanford University Press, 1988. pp. 22-27.

<sup>100</sup> O carácter de *Raku* 洛 vem de *Luoyang* a antiga capital imperial chinesa. As duas metades da cidade foram nomeadas pelo Imperador *Saga Chouan* (*Ukyou*) e *Rakuyou* (*Sakyou*), como forma de estabelecer um paralelo com as antigas capitais chinesas, modelos desta japonesa. Com a desocupação da *Ukyou*, o termo *Chouan* acabou por cair em desuso. *Raku* passou então a designar a capital. GAY, Suzanne – *The Moneylenders of Late Medieval Kyoto*. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2001. p. 13.

fora) da capital, respectivamente, estabelecem dois campos muito distintos e são o método de distinção de dois mundos: a capital de fora - o domínio privado dos grandes senhores sem formalismos - e a capital de dentro, altamente regrada e hierárquica, que via o seu modo de vida, cada vez mais anacrónico, ameaçado.

O aspecto mais curioso é que permite traçar um contínuo de influência do plano até ao reinado do xogum *Ashikaga Yoshimitsu*, é que os próprios militares foram os principais defensores destes limites anacrónicos.

A classe guerreira começa a participar da vida da corte, conseguindo títulos e cargos no governo imperial. As honras traziam prestígio, mas era preciso aderir aos códigos impostos pela classe dos *Kuge*. Os novos membros esforçavam-se agora por assegurar a continuidade do imperador e do seu séquito. Além disso asseguravam a manutenção dos protocolos imperiais, nos quais se contavam os rituais antigos, as leis antigas e o plano da cidade como formalizador de um poder estatutário.

*“Invocar a noção de que o espaço da capital era inviolável rogava uma série de ideais tradicionais, códigos e tabus e costumes que enalteciam a supremacia do estado imperial, as suas instituições, rituais e oficiais. O discurso revela um impulso regressivo. Um desejo de andar para trás no tempo e restaurar a capital ao seu estado original de funcionalidade pura, livre da influência corruptora dos templos e de outros Kenmon.”*<sup>101</sup>

A nova zona de controlo imperial, o *Rakuchuu*, partia dos limites antigos, contudo apenas incluía do antigo plano, a *Sakyou*. Tudo o que ficasse para lá da *Ichijou*, a Norte, da *Higashikyogoku*, a Este, a antiga *Suzaku*, a Oeste e da *Kujou*, a Sul, não pertencia à esfera da autoridade pública e do governo imperial. O *Rakugai* era o domínio dos interesses privados e

---

<sup>101</sup> “Invoking the notion that capital space was inviolable would have elicited a host of traditional ideals, rules taboos, and customs that underscored the supremacy of the imperial state, its institutions, rituals and officials. The discourse reveals a regressive impulse. A desire to turn back the clock and restore the capital to its original state of functional purity free from the corrupting influences of temples and other *kenmon*.” STAVROS, Mathew – *Kyoto: An Urban History of Japan’s Premodern Capital*. Honolulu: University of Hawai’i Press, 2016. p. 81.

da classe guerreira. Estes limites eram defendidos pela classe guerreira que assegurava que nenhum guerreiro entrava.

O Ideal antigo da cidade é mantido como refúgio de uma classe em queda.

### 3.3 | OS QUARTEIRÕES E A SUA MODIFICAÇÃO

Os *Machi* começaram a modificar-se pouco tempo depois da fundação de Quioto. Contudo, é apenas com a progressiva perda de poder por parte do imperador e consequente desmantelamento da estrutura burocrática estatal, que a configuração principal da cidade começa a sofrer transformações.

Tendo começado por serem divisões puramente administrativas, os *Machi*, foram, inicialmente, o principal elemento urbano da cidade. A sua divisão, os *Yongyoumachi*, descrita anteriormente<sup>102</sup>, foi difícil de implementar quer pela fraca fiscalização de um estado em deterioração, quer pela ocupação irregular da cidade, com zonas privilegiadas densamente ocupadas e outras esparsamente habitadas.

Com a falta de ocupação dos terrenos, os residentes começaram a ocupar terreno adjacente aos lotes originais. Terrenos agrícolas e pequenos anexos eram construídos sem qualquer admoestação das autoridades.

Numa situação análoga à de muitos outros Estados, os impostos eram aplicados em função da extensão da fachada, havendo uma pressão para fachadas mais pequenas e um alongamento dos lotes para dentro do quarteirão. Esta situação criava construções estreitas. No centro destes quarteirões começavam a desenvolver-se pequenos pátios.

O que eram *Machi* perfeitamente definidos, com entradas hierarquicamente definidas, evoluíram para o sistema de quatro frentes,

---

<sup>102</sup> Ver “2.3.3 | Quarteirões”.

o *Yonmenmachi*.<sup>103</sup> As regras estatutórias do *Ritsuryou* já não eram aplicadas e a rua começou a tomar um estatuto mais importante que aquele consignado pelo plano ideal de Quioto. A rua ganhava uma importância impossível de ignorar. Todos queriam acesso às grandes ruas.

Com o aparecimento das guildas e com o desenvolvimento do comércio, as ruas adquiriram ainda maior importância e os residentes de um quarteirão começaram a associar-se preferencialmente com pessoas na mesma rua, mudando o conceito de quarteirão para frentes de rua.<sup>104</sup>

HAYASHIYA e ELISON (1977) explicam o fenómeno destas novas estruturas:

*“As pessoas que viviam no mesmo machi agiam como membros de um corpo comunitário – responsáveis pela prevenção de incêndios e crimes e pela protecção mútua – e eram responsáveis como grupo. Mesmo na primeira metade do século quinze, encontramos-os ocasionalmente, a complementar, se não mesmo a suplantar, os corpos oficiais de autoridade. Apesar da sua autoafirmação não ser de nenhuma forma agressiva, os preceitos da estrutura dos machi foram estabelecidos neste período inicial derivados de um sentimento de solidariedade que se começava a desenvolver dentro da população dos machi. As sementes da autonomia estavam presentes, a aguardar o momento histórico oportuno.”*<sup>105</sup>

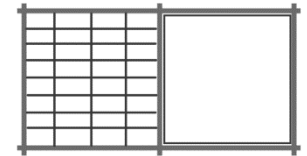


FIGURA 28 – Os YONGYOMACHI.

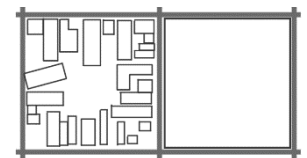


FIGURA 29– Os YONMENMACHI

<sup>103</sup> GAY, Suzanne – *The Moneylenders of Late Medieval Kyoto*. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2001. pp. 24-28.

<sup>104</sup> STAVROS, Mathew – *Kyoto: An Urban History of Japan's Premodern Capital*. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2016. pp. 32-36.

<sup>105</sup> “A new and, in the social sense, more readily manageable machi structure had developed which transcended the classical pattern of one cho square blocks, the smallest administrative subdivisions of Heian Kyo. The people living in the same machi acted as members of a communal body — responsible for fire and crime prevention and mutual protection — and were jointly liable. Even by the first half of the fifteenth century we find them on occasions supplementing, if not supplanting, official law enforcement agencies. Although their self-assertion was by no means aggressive, the essentials of the machi structure were laid down in this early period as a sense of solidarity began to develop among the machi populace. The seeds of autonomy were present, merely awaiting the appointed historical season.” HAYASHIYA, Tatsusaburo; ELISON, George- *Kyoto in the Muromachi Age*. In: HALL, John; TAKESHI, Toyoda, ed. – *Japan in the Muromachi Age*. Berkeley: University of California Press, 1977. p. 29.



Havia negócios especializados em certos produtos, que acabaram por dar nome às ruas em que se instalavam. As ruas eram o agente de ligação entre os habitantes, formando-se através delas as associações.

Posteriormente, os bairros ainda se modificaram mais, acabando os Machi por perder os seus limites nas ruas que os circundavam. No sistema Ryougawamachi os Machi eram ligados pelas ruas. O bairro passou a ser constituído por casas que se opunham.

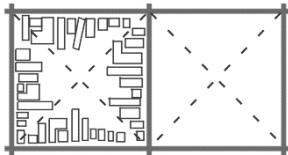


FIGURA 30 – Os YONCHOUMACHI.

Com tudo isto se percebe a necessidade dos residentes e comerciantes da capital de terem um espaço público onde pudessem conduzir a sua vida comunitária e comercial. Estes espaços não lhes foram providenciados pelo desenho da cidade e, portanto, aproveitaram os únicos espaços disponíveis: as ruas. As praças são um fenómeno que nunca se desenvolveu endemicamente no Japão.

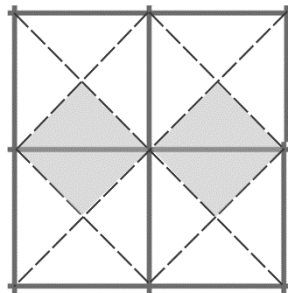


FIGURA 31 – Os RYUGAWAMACHI.

Também se depreende o enorme sentido de comunidade criado dentro dos bairros. Ao contrário do caso europeu em que o sentido de comunidade era alargado a uma vila, ou no caso urbano a um distrito, os japoneses ficam fechados nos seus bairros e a sua comunidade centra-se neste.

As praças e os grandes espaços públicos de representação, tão comuns na Europa, não são necessários para os japoneses nem sequer compreendidos. A participação política dos japoneses faz-se por representações discretas.<sup>106</sup>

<sup>106</sup> As cidades no ocidente formaram-se a partir de uma raiz greco-romana assente num princípio de participação pública que se manifesta na ágora e depois no fórum. Este modelo continuará para a praça medieval que agregará a população sob o domínio da igreja ou do senhor feudal. O reconhecimento desta evolução da participação pública e do seu lugar na cidade ocidental são fulcrais, pois este aspecto nunca terá maturação no Japão e será um ponto de diferenciação da formação do espaço no pensamento japonês. A participação pública e os seus espaços não existem no Japão e mesmo a religião nunca teve um carácter público. A praça, local público privilegiado, em que se inseriam o poder religioso, pela catedral e o poder secular, pelo palácio, não existiram no Japão. Os templos e os locais de poder secular fechavam-se sobre si próprios não dialogando com o resto da população. SAND, Jordan - *Tokyo vernacular: common spaces, local histories, found objects*. Berkeley: University of California Press, 2013. E RYCKWERT, Joseph – *The Idea of a Town*. Nova Jérsei: Princeton University Press, 1976. E MORRIS, Anthony – *History of Urban Form: Before the Industrial Revolution*. 3ªed. Londres: Longman Scientific & Technical, 1994.



**FIGURA 32 – MACHIYA E O SURGIMENTO DA RUA. AS RUAS GANHAVAM UMA IMPORTÂNCIA NOVA QUANDO AS CASAS DOS COMERCIANTES SE COMEÇARAM A VIRAR PARA A RUA. FONTE: WIKIPEDIA (NATIONAL MUSEUM OF JAPANESE HISTORY).**



**FIGURA 33 – O INTERIOR DO QUARTEIRÃO. O INTERIOR DO QUARTEIRÃO DESENVOLVIA-SE COMO UM CENTRO COMUNITÁRIO DOS RESIDENTES DESSE QUARTEIRÃO. FONTE: WIKIPEDIA (NATIONAL MUSEUM OF JAPANESE HISTORY).**

### 3.4 | MACHIYA 町家 – AS CASAS DOS CIDADÃOS

As classes dos mercadores e artesãos estavam presentes na cidade desde a sua fundação, contudo a cidade não tinha sido planeada a pensar neles. O plano da cidade respondia a problemas hierárquicos, de organização administrativa e geomânticos, mas nada foi pensado na perspectiva dos que não estavam no topo.

Contudo, com o desmembramento da corte imperial e da cadeia burocrática e administrativa, as decisões sobre como organizar a cidade, mais especificamente, o seu distrito, o *Shimogyo*, começa a depender dos comerciantes e dos artesãos.

Como visto anteriormente, os lotes nos *Machi* começam a virar-se para a rua e, devido a um imposto sobre a extensão da fachada, as construções começam a alongar-se sendo mesmo conhecidas como cama de enguia, *Unaginonedoko* うなぎの寝床.<sup>107</sup>

A casa *Machiya* era composta por três divisões diferentes que correspondiam a secções diferentes da casa.

A primeira divisão era a *Mise* 店, a loja, virada para a rua, o principal ponto de contacto com o exterior. Tendo evoluído do modelo *Misedana*, da época de *Kamakura*, a *Mise* não era mais do que um pavimento elevado, coberto ou não por tatami, onde os comerciantes expunham os produtos para venda.<sup>108</sup>

---

<sup>107</sup> DANIELL, Thomas; SEKI, Akihiko – *Houses and Gardens of Kyoto*. Vermont: Tuttle Publishing, 2010. pp. 94-96.

<sup>108</sup> PARENT, Mary Neighbour – Japanese Architecture and Art Net Users System (JAANUS) [em linha]. (2001). [Consult. 15 set. 2018]. Disponível em na internet:<URL: <http://www.aisf.or.jp/~jaanus/>>.

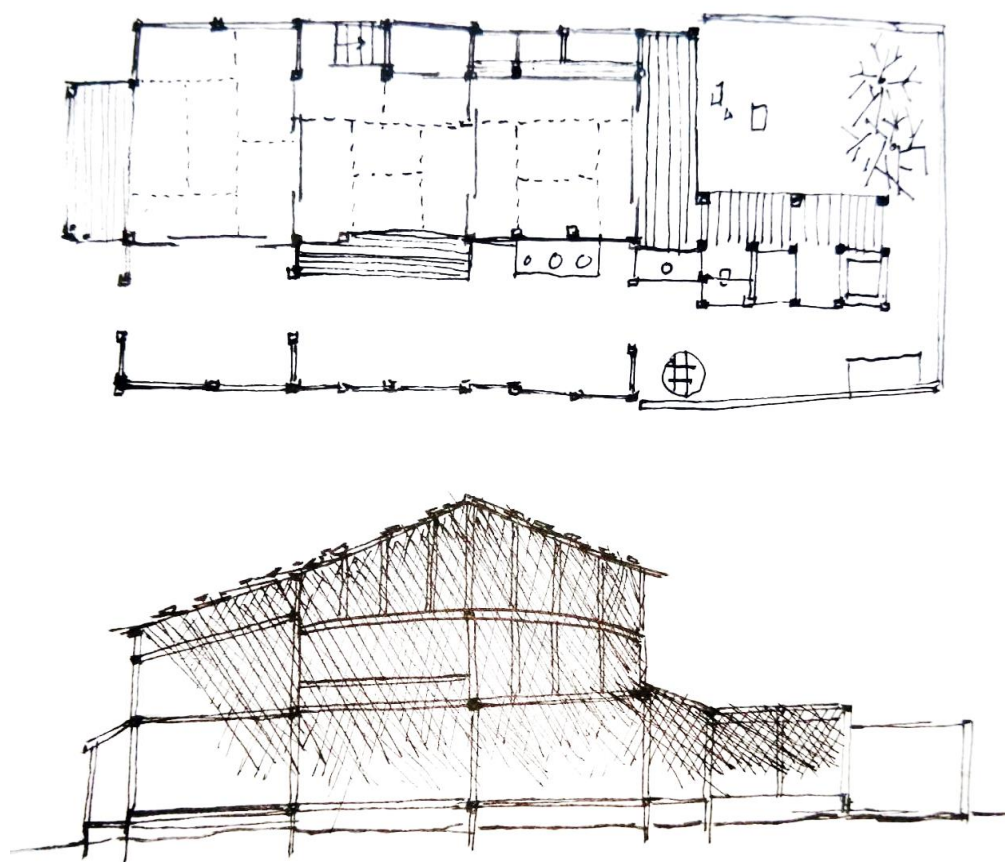


FIGURA 34 - PLANTA E CORTE DE UMA CASA MACHIYA. VEMOS POR ESTAS IMAGENS QUE À MEDIDA QUE SAÍMOS DA RUA (À ESQUERDA), A CASA FICA MAIS SOMBRIA E MAIS ÍNTIMA. OS APOSENTOS DO SENHOR DA CASA ERAM NA SALA COM TATAMI MAIS À DIREITA NA IMAGEM. FONTE: SCHOENBAUER.

Seguidamente havia o *Nakanoma* 中の間, o espaço central que continha o acesso ao andar superior. No fundo da casa havia o *Zashiki* 座敷, a sala mais escondida e mais afastada da esfera pública. Eram aqui os aposentos do chefe da casa e era nesta divisão que eram recebidos os convidados e pessoas de honra.

Um corredor comunicante ligava todas as divisões, o *Doma* 土間 ou *Touriniwa* 通り庭. Além de servir de corredor e hall de entrada, era também a cozinha e continha um poço que servia a casa. No final deste corredor/divisão, estavam uma latrina e uma banheira, bem como um pequeno jardim de contemplação.

O *Zashiki* abria-se para este jardim e era o local privilegiado da casa contendo já alguns elementos do estilo *Shouin* como o *Tokonoma* e o pavimento coberto por *Tatami*. No final da casa, os comerciantes mais abastados tinham um armazém construído em taipa que guardava os seus materiais. Estes armazéns tornaram-se um símbolo da sua riqueza – os *Dozou* 土蔵<sup>109</sup>

Os telhados destas habitações eram muitas vezes seguros com grandes pedras o que, aliado à sua pequena altura, as torna identificáveis nas cenas pintadas nos biombos da cidade de Quioto.

O protótipo tradicional da arquitetura japonesa também pode ser visto aqui, se olharmos para a secção da *Machiya*. O *Hisashi* e o *Moya* são facilmente identificados pelo telhado e pelas secções mais interiores e mais escuras da casa.

A casa *Machiya* era mais um exemplo da sombra a desempenhar um papel confortante e de segurança na habitação japonesa. A sala mais interior e mais sombria, o *Zashiki*, era também a sala de recepção e os

---

<sup>109</sup> SCHONAUER, Norbert – *6000 Years of Housing*. Nova Iorque: W.W. Norton & Company, 2000. pp. 204-208.

aposentos do senhor da casa. A sombra era o elemento definidor do conforto na casa japonesa.<sup>110</sup>

### 3.5 | OS GUERREIROS QUE QUERIAM SER ARISTOCRATAS - OS ASHIKAGA 足利時代 (1333-1468)

Em 1274 e em 1281 d.C., dão-se as duas invasões mongóis no Japão. Ambas foram precedidas por embaixadas e pedidos de aliança por parte dos mongóis. Estes pedidos de cooperação pacíficos foram recusados pelo Japão.<sup>111</sup>

Aconselhados pelos *Song* (dinastia chinesa), que se viam ameaçados pelos mesmos invasores, os governantes suspeitaram de intenções bélicas por detrás destes pedidos.

Em 1274 d.C., os mongóis agem e desembarcam no arquipélago. Face ao desastre eminente, a ajuda vem dos céus e, por duas vezes, os mongóis viram as suas armadas destruídas por tufões e fortes ventos, os *kamikaze* 神風 (ventos divinos).

Apesar da vitória face aos invasores, o poder do *Bakufu* 幕府 viu-se enfraquecido. A luta contra a invasão requereu muitos guerreiros, contudo não houve forma de os recompensar com terras, porque não houve aumento de terras conquistadas. Os combatentes e muitos *Shugo* (os governadores militares das províncias, uma espécie de senhor feudal) viram-se injustiçados nos seus esforços. O descontentamento face à liderança do *Bakufu* aumentava com a incapacidade deste de lidar com

---

<sup>110</sup> YASUHARA, Morihiko; IIBUCHI, Koichi; OKAZAKI, Muneyazu - Space of SHINDEN Residential Complex: Part 1. Lighting from the Side. *Forma*. Vol. 16, nº4 (2001), p. 367-374. [Consult. 07-09-2018]. Disponível internet:<URL:<http://www.scipress.org/journals/forma/pdf/1604/16040367.pdf>>.

<sup>111</sup> As cartas enviadas pelos mongóis aos japoneses e uma análise das razões da recusa de contactos pacíficos entre os dois países podem ser vistos em SUSUMO, Ishii - The decline of the Kamakura bakufu. In YAMAMURA, Kozo – *The Cambridge History of Japan*. 6ª ed. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2006. vol. 3. pp. 131-160.



bandidos e guerreiros sem senhor, que se multiplicavam pelo território e semeavam o pânico entre a população.<sup>112</sup>

Os *Shugo* de diferentes regiões vão acumulando poder e domínio sobre outras regiões, formando-se ameaças crescentes ao poder central do *Bakufu*. Este domínio sobre outras províncias não era tanto feito pela conquista militar quanto por alianças e subordinação de outras famílias, anexando as posses destas ao seu controlo.

Com este crescimento de influência, o título de *shugo* evoluirá para *shugo-daimyo*<sup>113</sup>, tendo este comandante, sob a sua alçada, vários domínios e exércitos. Com o aumento do seu poder militar ganham também cada vez mais competências e autoridade, passando a poder regular e regular impostos e, inclusive, a possuir poder judicial nos seus domínios.

Passamos, deste modo, de um esquema centralizado e altamente burocratizado, para um governo descentralizado e com governos locais muito fortes, entrando definitivamente o Japão num certo tipo de feudalismo<sup>114</sup>. Apesar de a zona central mais próxima da capital (*Kinai*) ainda estar sob um relativo controlo do *Bakufu*, zonas como o *Kantou* e

---

<sup>112</sup> MASS, Jeffrey - The Kamakura bakufu. In: YAMAMURA, Kozo – *The Cambridge History of Japan*. 6ª ed. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2006. vol. 3. pp. 46-89.

<sup>113</sup> Para a evolução do termo *shugo* para daimio e a evolução dos papéis dos governadores de província ver HALL, John - Foundations Of The Modern Japanese Daimyo. In: HALL, John; JANSEN, Marius - *Studies in the Institutional History of Early Modern Japan*. Nova Jersey: Princeton University Press, 1968. pp 65-78.

<sup>114</sup> A historiografia japonesa do pós-guerra, inspirada por uma historiografia ocidental, de índole marxista, foi demasiado rápida a estabelecer comparações e similaridades entre os feudalismos europeus e japoneses. Uma transposição da relação senhor-servo levou a um foco demasiado elevado neste aspecto, negligenciando dinâmicas próprias no arquipélago japonês. Só a partir da década de 70, do século XX, é que, impulsionado por uma corrente de historiadores ocidentais, como Hall, Mass ou Azakawa, pôde a historiografia japonesa da época medieval encontrar novas abordagens. Para mais ver KOZO, Yamamura - Introduction. In YAMAMURA, Kozo – *The Cambridge History of Japan*. 6ª ed. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2006. vol.3. E também: HALL, John - Feudalism In Japan—A Reassessment. In: HALL, John; JANSEN, Marius - *Studies in the Institutional History of Early Modern Japan*. Nova Jersey: Princeton University Press, 1968. pp 65-78. E ASAKAWA, K. - The Origin of the Feudal Land Tenure in Japan. In *The American Historical Review*. Vol. 20. Nº 1 (Oct., 1914), pp. 1-23. [Consult. 13-06-2018]. Disponível internet:<URL: <http://www.jstor.org/stable/1836114>>.

*Kyushu* eram autogovernadas, não tendo os senhores da ilha de *Kyushu* obrigação de estabelecer residência na capital, como todos os outros.<sup>115</sup>

Em 1333, o Imperador *Godaigo* 後醍醐天皇 (1288 — 1339) revolta-se contra o poder do *Bakufu* de *Kamakura*. Esta revolta que prometia ser auspiciosa, levará antes à ruína do imperador e da classe dos *Kuge*.

*Ashikaga Takauji* 足利尊氏 (1305-1358 d.C.) teve um papel fundamental no sucesso desta revolta. Foi enviado pelo *Bakufu* para dominar a revolta, contudo trai-o e toma o controlo do distrito militar de *Rokuhara*, terminando assim qualquer esperança dos *Houjou* de retomar a capital e dando o trono imperial a *Godaigo*.

Empossado, o novo imperador põe em marcha uma série de reformas com o intuito de restabelecer o poder imperial ao seu antigo estado – as reformas *Kenmu*.

Estas intenções iriam sair malogradas. Com a sua chegada ao trono o novo imperador chama à capital todos os comandantes e agentes feudais que deverão renovar junto do poder imperial, os seus cargos e funções. Além de criar uma instabilidade enorme na linha de comando por todo o país, também criará descontentamento nos residentes da cidade, que verão as suas residências confiscadas para alojamento dos militares que chegavam em massa à capital.

Takauji e o novo imperador cedo entram em conflito e em 1335 d.C., *Ashikaga Takauji* entra de novo em Quioto e o imperador foge deixando os tesouros imperiais<sup>116</sup>, permitindo assim a entronização de um novo imperador. Não desistindo da sua pretensão ao trono, *Godaigo*

---

<sup>115</sup> Este sistema era periódico, tendo os senhores de residir na capital durante seis meses, de dois em dois anos. Na era de Tokugawa o mesmo sistema será implantado mais uma vez, como forma de controlo dos daimios.

<sup>116</sup> Os tesouros imperiais eram um conjunto de três objectos: a espada de Kusanagi, o espelho Yata no Kagami e a Jóia Yasakani. De origem mítica, estes objectos teriam sido dados ao primeiro imperador pela deusa Amaterasu. Símbolos de virtudes e de poder imperial são detidos pelo imperador e conferem-lhe legitimidade de governação. Ver VARLEY, Paul – *Japanese Culture*. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2000. 4ª ed. pp. 1-18.



estabelece a Sul da capital uma corte independente que continuará a contestar a sua rival a Norte até 1392 d.C.<sup>117</sup>

O continuo assédio da corte do Sul, assim como o falhanço do sistema do controlo a partir de *Kamakura*, criarão uma pressão para estabelecer um governo militar na capital. Ainda assim *Takauji* não tentará estabelecer uma sede de governo dentro dos limites formais do *Rakuchuu*, preferindo templos nas periferias.

Com a entrada dos militares na cidade, o *Rakuchuu* é penetrado e é violado o seu espaço. A convocatória do imperador Godaigo à rebelião irá destruir a única segurança dos *Kuge*.

Estabelece-se uma nova dinâmica entre os velhos e novos habitantes da cidade.

Os *Kuge* vêem-se despidos de qualquer influência real na política e passam a depender exclusivamente do apoio dos senhores militares das províncias fora da capital. A corte imperial e o imperador também perderão o comando político do país e da capital, conferindo apenas legitimidade ao governo militar.

O *Bakufu* será o novo agente de governação e o órgão que irá garantir protecção das diferentes classes. Assim, por exemplo, em disputas de propriedades entre os *Kuge*, estes começavam por pedir opinião ao poder imperial e este acabava por os remeter para o poder do *Bakufu*. Com o tempo, o poder militar foi o único a exercer a autoridade na cidade. Mesmo a polícia imperial, o *Kebiishichou*, acaba por perder várias funções e jurisdições para o *Samuraidokoro*, a polícia do xogunato.<sup>118</sup>

Uma nova classe ganha relevância: os financiadores. Responsáveis por emprestar dinheiro a diferentes identidades, acabam por cair sob a

---

<sup>117</sup> HALL, John – The Muromachi Bakufu. In: YAMAMURA, Kozo – *The Cambridge History of Japan*. 6ª ed. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2006. vol.3. pp. 175-231 e SANSOM, George - *A History of Japan, 1334-1615*. 7ªed. Tóquio: Tuttle, 1990. pp. 59-78.

<sup>118</sup> WINTERSTEEN, Prescott – The Early Muromachi Bakufu in Kyoto. In HALL, John; MASS, Jeffrey – *Medieval Japan: Essays in Institutional History*. Palo Alto: Stanford University Press, 1988. pp. 201-210.

protecção do poder militar e conceder-lhes o reconhecimento de autoridade na capital. Com uma importância decisiva na cidade, eram eles os representantes dos estratos mais baixos da sociedade. As classes dos comerciantes e artesãos (o grosso da população da capital) estava intimamente ligada a eles, fornecendo-lhes um papel decisivo no controlo da capital.<sup>119</sup>

O Kenmushikimoku será um conjunto de éditos que irá transferir grande parte do poder para os militares, retirando-o aos *Kuge*, mas também conferindo uma maior estabilidade aos financiadores. Efectivamente, retirava a taxaçoão especial destes últimos por parte daqueles, conferindo esse direito ao xogunato. Os financiadores continuavam a dar um estipêndio anual aos seus senhores, mas eram obrigados a taxas especiais ao governo militar, contribuindo para o financiamento deste.<sup>120</sup>

É importante relembrar que esta evolução do poder no país e na capital é gradual e fez-se em várias fases, contudo irão ser determinantes para a história do Japão e de Quioto.

“A sua tomada do poder em Quioto pode ser dividida em quatro fases: conquista militar; a imposição de ordem através do policiamento constante da cidade; estabelecimento da autoridade judicial; e, finalmente, taxaçoão do sector comercial para as receitas xogunais.”<sup>121</sup>

---

<sup>119</sup> GAY, Suzanne – *The Moneylenders of Late Medieval Kyoto*. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2001. pp. 35-89.

<sup>120</sup> O conjunto de éditos é analisado com mais detalhe em GROSSBERG, Kenneth; KANAMOTO, Nobuhisa - *The Laws of the Muromachi Bakufu : Kemmu Shikimoku (1336) & Muromachi Bakufu Tsuikahō*. Tokyo : Monumenta Nipponica, Sophia University, 1980.

<sup>121</sup> “Its takeover of Kyoto may be divided into four stages: military conquest; the imposition of order through routine policing of the city; the establishment of judicial authority; and, finally, taxation of the commercial sector for the shogunal income.” GAY, Suzanne – *The Moneylenders of Late Medieval Kyoto*. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2001. p. 77.

### 3.6 | PLANO DE YOSHIMITSU<sup>122</sup>

Ainda que os *Ashikaga* se tivessem estabelecido na capital desde 1336 (primeiro *Tadayoshi* 足利 直義, 1306-1352 d.C., e só mais tarde o xogum *Takauji*), no Complexo *Sanjouboumon*, o xogum *Ashikaga* que mais influência teve e que mais procurou deixar a sua marca na cidade foi *Yoshimitsu* 足利 義満(1358-1408 d.C.).

Com o reinado de *Yoshimitsu*, o terceiro xogum da linhagem dos *Ashikaga*, urge trazer uma nova centralidade à capital. Fracturada quase desde a imposição do plano original, Quioto necessitava de um cenário urbano unido e que pudesse reformular o simbolismo associado a uma sede de poder.

*Yoshimitsu*, apesar de ter sido um grande patrono das artes e da cultura, irá também dedicar-se à reformulação da cidade. Um grande estadista, irá influenciar a política nacional (e o governo da capital), mesmo depois de se retirar para a sua vila em Kitayama. Responsável pelo terminar de hostilidades na disputa das cortes em 1392 d.C. irá ter uma influência decisiva na reestruturação do plano da cidade. Contudo, como iremos analisar, o plano antigo e os seus códigos ainda terão uma influência decisiva nesta nova estrutura.

A cidade estava completamente fracturada, sem nenhum centro, o palácio imperial estava em ruínas e os templos afastados do centro da cidade.<sup>123</sup>

*Yoshimitsu* sendo senhor militar incontestado começou a expandir o seu poder para a esfera imperial.<sup>124</sup> Para isso não lhe bastará o poder militar,

---

<sup>122</sup> Os dados apresentados neste capítulo têm como referência o estudo de Takahashi Yasuo e de Matthew Stavros em “Muromachi-ki Kyōto no toshi kukan” cujos resultados são resumidos em STAVROS, Mathew – *Kyoto: An Urban History of Japan's Premodern Capital*. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2016. pp. 126-131.

<sup>123</sup> HALL, John – *Kyoto As Historical Background*. In HALL, John; MASS, Jeffrey org. – *Medieval Japan : Essays in Institutional History*. Palo Alto: Stanford University Press, 1988. pp. 22-27.

<sup>124</sup> Em 1378 *Yoshimitsu* é nomeado *Gondainagon*, uma espécie de chanceler do estado. AKIRA, Imatani; YAMAMURA, Kozo - *Not for Lack of Will or Wile: Yoshimitsu's Failure to*

precisando de ascender a um posto dentro da hierarquia imperial e corresponder e exaltar os códigos imperiais. Mas para a realização destes rituais e cumprimento dos códigos necessitava de um espaço que pudesse albergar estas funções.

Nem o corrente tecido da cidade, desconexo e fracturado, nem o complexo dos *Ashikaga*, o *Sanjouboumon*<sup>125</sup>, respondiam a estas necessidades.

Para afirmar o seu poder na cidade e na corte, *Yoshimitsu*, tomou várias medidas em diferentes campos. Primeiro, ordenou a reconstrução do palácio imperial, de forma a retirar o imperador dos *Satoudairi* e colocá-lo num espaço digno onde pudesse agir segundo os rituais doutrinários.<sup>126</sup>

O novo palácio *Muromachi* será construído em 1381 e representará o poder do xogunato na capital, como nunca nenhum *Bakufu* tinha pensado. O novo palácio cumpria com os antigos preceitos do *Shindenzukuri*<sup>127</sup>, procurando trazer uma dignidade ao espaço, incomum até aí nas residências da classe militar.

A construção de um novo templo dedicado à nova seita budista, apoiada pela classe guerreira, o Zen, seria o último edifício na imposição de um poder tripartido: o imperial, o militar e o religioso. Estes três componentes organizavam a vida estatal na época *Muromachi*. O templo representativo do estado xogunal será o *Shoukokuji* 相国寺, completado em 1399, construído a Norte do Palácio Imperial. A sua imposição numa

---

Supplant the Imperial Lineage. In *The Journal of Japanese Studies*. Vol. 18, Nº 1 (1992), pp. 45-78. [Consult. 07-09-2018]. Disponível internet:<URL: <https://www.jstor.org/stable/132707>>.

<sup>125</sup> O *Sanjouboumon* era uma pequena residência construída no recinto do que era originalmente o templo Touji. STAVROS, Matthew - The Sanjō bōmon Temple-Palace Complex: The First Locus of Ashikaga Authority in Medieval Kyoto. In *Journal of the International Research Center for Japanese Studies*. [Em linha]. Vol. 22. (2010). pp. 3-29 [Consult. 30 Abr. 2018]. Disponível na internet:<URL: <http://doi.org/10.15055/00000202>>.

<sup>126</sup> A reconstrução do palácio imperial seria um favor que viria a ser essencial na ascensão dos xoguns dentro da corte. Anos mais tarde, Nobunaga e Hideyoshi também participarão neste acto.

<sup>127</sup> Ver “2.3.4 | Shinden - as casas ideais”.

área tão vasta no distrito Kamigyou trará algum descontentamento por parte dos residentes. Também o seu pagode irá ocupar um bloco inteiro naquele distrito tão privilegiado e cobiçado.

Numa entrada do diário de um contemporâneo lemos: “Na capital/ Cipreste e cedro extintos/ Lamentando a construção do Shokokuji”<sup>128</sup> Percebemos por aqui a dimensão e os gastos que tal construção comportou (Figura 31). O novo templo não se erguia às portas da cidade como o *Touji*, mas sim no seu centro, participando activamente na política do país.

Importa referir em primeiro lugar que todos estes novos edifícios estavam situados a Norte da *Ichijou* e, portanto, fora dos limites da capital ideal. *Yoshimitsu*, na sua demanda por um lugar de influência na corte obrigava-se a respeitar estes limites impostos pelos códigos de *Heian*.

Ao invés de se analisar estas diferentes estruturas no seu papel individual importa também olhar para a sua organização no espaço e a forma como comunicam entre elas. Através desta análise poderemos perceber o impacto do novo desenho urbano imposto por Yoshimitsu. (Ver figura X)

Todos estes novos espaços representativos tinham um lugar específico no novo desenho da cidade e seriam implantados em eixos e alinhamentos atestando a sua união sob o olhar de um desenhador.

Também aqui podemos constatar a tese do centro visto pelos japoneses.<sup>129</sup> Mais uma vez a imposição de centros numa cidade japonesa se deveu a um individuo e à máquina do estado e não a um consenso da população geral. Comprovamos mais uma vez a tendência da sociedade japonesa a desenvolver-se fracturada e em diversos núcleos discretos, mas fortemente interconectados.

---

<sup>128</sup> “In the capital/ Cypress and cedar exhausted/ Lamenting the building of Shōkokuji.” In STAVROS, Mathew – Kyoto: An Urban History of Japan’s Premodern Capital. Honolulu: University of Hawai’i Press, 2016. p. 112.

<sup>129</sup> Ver Introdução.

## Quioto do plano histórico à cidade real

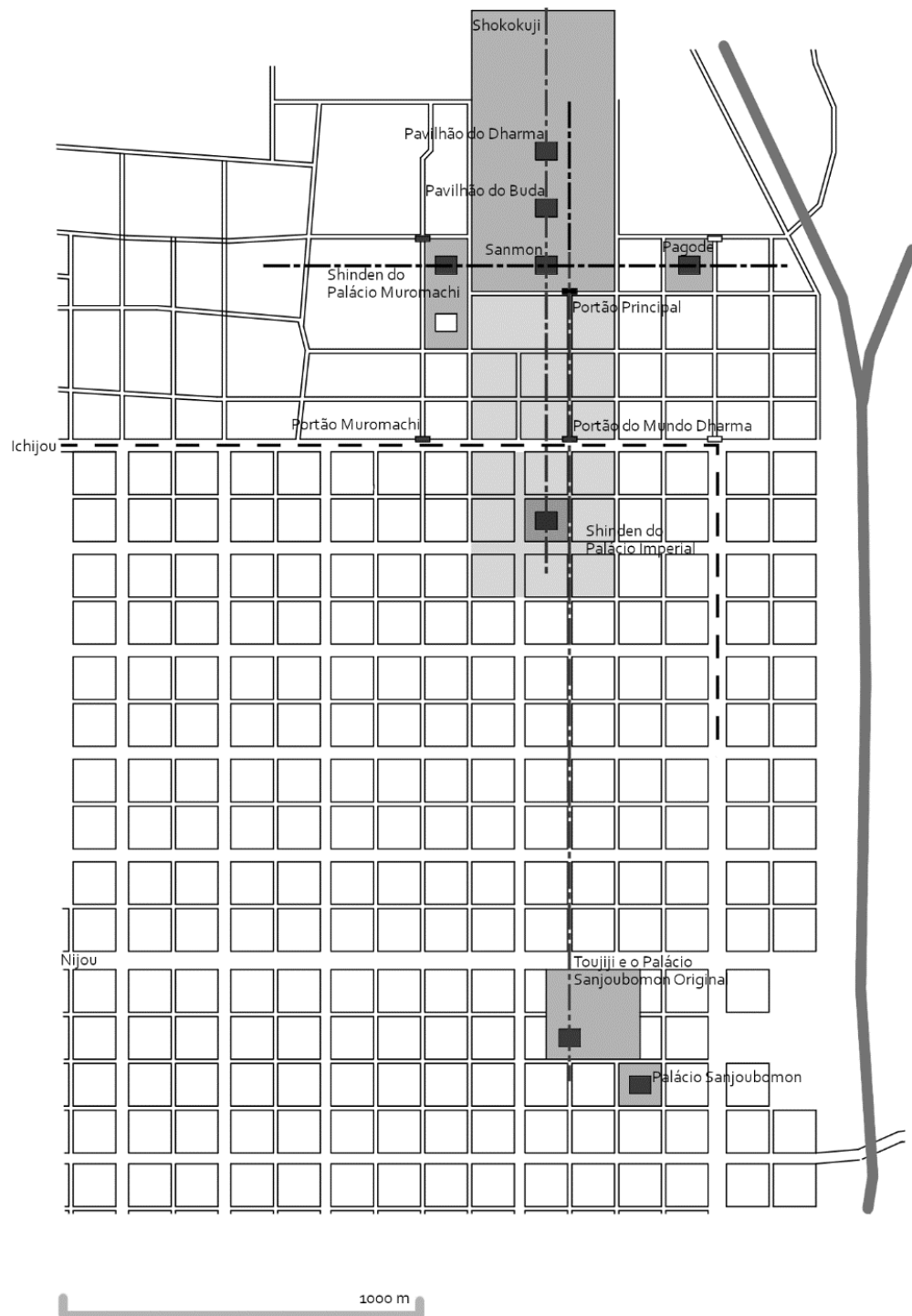


FIGURA 35 – O PLANO DE YOSHIMITSU. AS DIFERENTES CONTRUÇÕES CONSTITUINTES E OS SEUS ALINHAMENTOS. FONTE: STAVROS.

Começando pelo novo espaço religioso, o *Shokokuji*, temos um alinhamento que era recorrente nos templos budistas.<sup>130</sup> O *Sanmon* 山門, o principal portão do templo, o Pavilhão do Dharma e o Pavilhão do Buda alinhavam-se num eixo. A extensão deste eixo ia coincidir também com o *Shinden* do novo Palácio Imperial.

A partir do *Sanmon* um eixo horizontal ligava o pagode exterior ao templo, a Este, e o *Shinden* do Palácio *Muromachi*. Contudo o *Sanmon* não dividia em metades este eixo. A meia distância destas duas estruturas estava o portão de entrada principal para o recinto do *Shokokuji*, que por sua vez se alinhava com o palácio *Sanjouboumon* no *Shimogyo*, a Sul.

A *Ichijou*, representante do limite Norte do antigo plano da cidade, é a avenida de representação. Sendo a linha divisora entre o espaço aristocrático e imperial do antigo governo e o espaço militar e religioso do novo governo do *Bakufu*, vai ser a avenida predilecta para demonstração do poder xogunal.

Mesmo estando os edifícios que representavam a quarteirões de distância, eram implantados portões que marcavam o início da jurisdição desses edifícios. Assim o Palácio *Muromachi* tinha um portão nesta avenida, assim como o *Shokokuji* que era representado pelo Portão do Mundo Dharma. Ainda que não tenham sido encontradas provas arqueológicas da sua existência, é possível afirmar que haveria um portão correspondente e equidistante deste último portão, representando o pagode.<sup>131</sup> Era assim alcançada a simetria, um dos

---

<sup>130</sup> Desde a sua introdução no Japão que as construções budistas têm uma implantação segundo um ou vários eixos. A sequência dos edifícios, o seu alinhamento em um ou mais eixos, assim como as divisões dos espaços ajudam a perceber o estilo e a época de determinado tempo. PAINE, Robert; SOPER, Alexander – *The Art and Architecture of Japan*. Londres: Penguin Books, 1955.

<sup>131</sup> Stavros chega a esta conclusão pela forte simetria apresentada pelos vestígios arqueológicos já encontrados. Tendo em conta os planos de *Yoshimitsu* para estas novas estruturas imponentes e a sua forte adesão aos antigos preceitos, é provável que a aplicação de um eixo de simetria tenha sido concretizada no novo plano.

pontos chave do primeiro plano de *Heian*, símbolo de uma ordem inequívoca, influência da filosofia chinesa.<sup>132</sup>

Todos estes alinhamentos podem parecer casuísticos, contudo lembremo-nos de que todas estas estruturas foram planeadas por uma pessoa apenas: o Xogum *Yoshimitsu*. Estava no seu poder a reconstrução da cidade e optou por fazê-lo de forma a afirmar um novo plano, que primava pelas ligações entre as diferentes estruturas e recorria, mais uma vez, tal como na fundação da cidade, a grandes eixos e a uma simetria inequívoca. A estratégia de ordenação e alinhamento levava a uma cidade mais hierarquizada e legível. Com os centros bem definidos, as zonas de influência bem estabelecidas, não havia espaço para a fracturação e todos os poderes podiam-se alinhar sob o jugo de um só governador, o Xogum.

### 3.7 | OS PALÁCIOS

O plano urbano imposto pelo líder militar levou à consolidação do tecido da cidade de Quioto, fracturada até aí.

Contudo, a presença dos *Ashikaga* precede este plano, tendo-se os *Ashikaga* instalado na capital de modo exercer um controlo mais seguro sobre as decisões políticas.

Mesmo depois do plano de *Yoshimitsu* ter sido executado é importante também perceber, as partes que constituíam o conjunto. Os palácios xogunais desempenhariam um papel crucial no desenvolvimento da cidade e no estabelecimento de forças na política nacional.

Através da sua análise também é possível perceber melhor a evolução do estilo *Shouin*.

---

<sup>132</sup> Ver “1.2.2 | Estrutura das Capitais”



### 3.7.1 | COMPLEXO SANJOUBOUMON 三条坊門殿

Após a sua vitória sobre o imperador *Godaigo* em 1336, recai sobre *Takauji*, o líder vitorioso dos *Ashikaga*, a decisão sobre onde estabelecer a sua sede de poder: na antiga capital dos *Houjou*, *Kamakura*, ou junto do imperador, em Quioto.

A pesar sobre esta decisão estava o espectro da corte rival estabelecida a Sul da capital. Por não ter o controlo absoluto sobre a capital e estar exposto a um ataque do antigo imperador deposto, decide estabelecer-se em Quioto.

Ainda que *Takauji* não tenha aproveitado para construir um palácio digno da sua nova autoridade, o seu irmão *Tadayoshi*, não se coibiu de o fazer. Adjacente ao antigo templo do *Toujiji*, na Sanjou, constrói o que viria a ser o primeiro posto permanente dos Xoguns na cidade.

O palácio *Sanjouboumon*, que derivava o seu nome da sua localização na intersecção da avenida *Sanjou* e da *Boumon*, foi construído em 1336 e rapidamente mudou de mãos, quando *Takauji* viu ameaçado a sua suserania sobre a capital.<sup>133</sup>

Aqui a linhagem dos *Ashikaga* vai se aperceber do poder que a arquitectura dos seus palácios terá na cidade e na manutenção do poder político sobre o país. Em 1350, *Tadayoshi* cede e *Takauji* ganha de novo controlo sobre este grande centro de poder e controlo.

O estilo mais associado à classe dos guerreiros será o *Shouin*, muitas vezes denominado de *Bukezukuri* (literalmente estilo militar), contudo, este estilo vai se desenvolvendo gradualmente no interior dos palácios *Shinden*, ao invés de constituir uma ruptura com o estilo anterior.

Assim este palácio ainda continha um *Shinden* que se virava para Sul e que apresentava uma grande simetria, principalmente no arranjo dos

---

<sup>133</sup> STAVROS, Matthew - The Sanjō bōmon Temple-Palace Complex: The First Locus of Ashikaga Authority in Medieval Kyoto. In *Journal of the International Research Center for Japanese Studies*. [Em linha]. Vol. 22. (2010). pp. 3-29 [Consult. 30 Abr. 2018]. Disponível na internet:<URL: <http://doi.org/10.15055/00000202>>.

corredores. No complexo também existia um pavilhão *Tanoya*, venezianas *Shitomido* e varandas *Sunokoen*, tudo elementos do estilo *Shinden*.

Este palácio apesar de ser a primeira base de influência permanente do Xogunato dos *Ashikaga*, não incluirá muitos dos traços do novo estilo.<sup>134</sup>

### 3.7.2 | PALÁCIO MUROMACHI

Em 1381, o novo Xogum *Ashikaga Yoshimitsu* constrói o seu luxuoso palácio, de tal forma grandioso e marcante que irá nomear a época dos *Ashikaga*.

Situado na avenida *Muromachi*, o novo complexo dos *Ashikaga* emanará poder e constituir-se-á como um novo centro de poder, alinhado com os outros poderes na cidade, tudo submetido ao plano urbano de *Yoshimitsu* para Quioto.<sup>135</sup>

O novo palácio inserido numa lógica de representação de poder, alinhava-se com muitos dos preceitos antigos – o *Ritsuryou* - estabelecidos durante a época *Heian*, à altura da fundação da capital.

Para percebermos porque é que um Xogum, um membro da classe militar, os *Buke*, construiu o seu novo assento de poder, num estilo que caracterizava a classe dos *Kuge*, é preciso primeiro percebermos que *Yoshimitsu* tinha sido eleito conselheiro chefe do Estado, *Gondainagon*.<sup>136</sup> Esta posição alinhava-o com a classe dos aristocratas da corte imperial e a legitimação deste novo cargo necessitava da sua aderência aos estritos códigos desta classe.<sup>137</sup>

Assim, o novo palácio continha um *Shinden* central, oposto a Norte e a Este por *Tanoya*, um portão interior, ou *Chuumon*, e um pavilhão de

---

<sup>134</sup> Ibidem.

<sup>135</sup> Ver “3.6 | Plano de Yoshimitsu”

<sup>136</sup> Ver nota 111.

<sup>137</sup> STAVROS, Mathew – *Kyoto: An Urban History of Japan's Premodern Capital*. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2016. pp.115-126. Ver “3.5 | Os guerreiros que queriam ser aristocratas - Os Ashikaga”.

pesca, o *Tsuridono*.<sup>138</sup> Um grande jardim espalhava-se a Sul e o pavilhão *Shinden* era composto por um *Hisashi* e por um *Sunoko*, uma varanda para contemplação.

Quando o imperador *Goenyuu* 後円融 (1359-1393 d.C.), é recebido neste palácio sob a guarda de *Yoshimitsu*, nenhuma estrutura para o desempenho dos rituais imperiais lhe faltará, validando o carácter profundamente ritual do espaço.

As estruturas construídas depois de *Yoshimitsu* se retirar para a sua vila em *Kitayama* são da autoria do seu sucessor *Yoshimochi*. Por ainda estar sob a sombra do seu antecessor que governava afastado a partir do seu palácio afastado, *Yoshimochi* não usaria as estruturas oficiais estatais, preferindo os lugares sombrios e separados dos edifícios *Shinden* do palácio *Muromachi*.

Stavros (2016) explica como *Yoshimochi* irá usar as novas estruturas por si criadas para a condução do estado sob a sombra do seu pai:

*“Para Yoshimochi, o kaisho constituía um local ideal para encontros sociais e políticos discretos, e foi o seu ávido uso da estrutura que ajuda a explicar a sua posterior proliferação.”*<sup>139</sup>

---

<sup>138</sup> Ver “2.3.4 | Shinden - as casas ideais”.

<sup>139</sup> “For Yoshimochi, the kaisho constituted an ideal venue for low-profile social and political engagements, and it was his avid use of the structure that might help explain its later proliferation.” STAVROS, Mathew – *Kyoto: An Urban History of Japan’s Premodern Capital*. Honolulu: University of Hawai’i Press, 2016. p. 119.

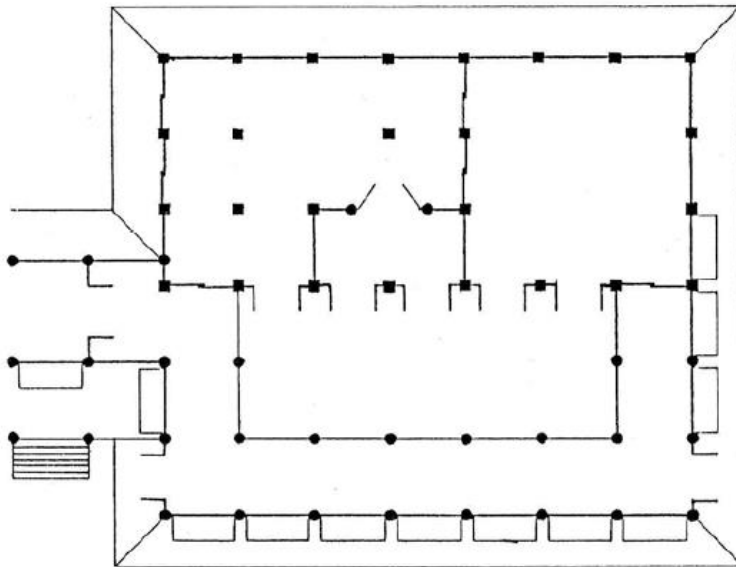


FIGURA 36 – RECONSTRUÇÃO DO PLANO DO PALÁCIO MUROMACHI. O NORTE É NA DIRECÇÃO DA PARTE SUPERIOR DA IMAGEM. NOTE-SE AS DIFERENÇAS ENTRE AS METADES NORTE E SUL DO PAVILHÃO. O ESTILO SHOUIN JÁ PRESENTE NA PARTE NORTE CARACTERIZAVA-SE PELOS PAINÉIS DESLIZANTES E PELOS PILARES DE SECÇÃO QUADRADA. FONTE: YASUHARA (A PARTIR DE KAWAKAMI MITSUGU).



FIGURA 37 – O PALÁCIO MUROMACHI NUMA REPRESENTAÇÃO NUM BIOMBO. FONTE: WIKIPEDIA (COLLECTION OF KYOTO ASNY ARCHIVE)

### 3.7.3 | NOVO COMPLEXO SANJOUBOUMON

Após a morte de *Yoshimitsu* em 1408, o seu sucessor *Yoshimochi*, dedicou-se a destruir a herança deixada, quer do plano urbano, quer do anterior palácio.

Até 1409 d.C., este novo Xogum teve residência no palácio *Muromachi* e na vila *Kitayama*. Neste ano, terminada a construção do novo complexo *Sanjouboumon*, no local onde se erguera o anterior, muda-se para lá.

Este complexo ainda que mantivesse estruturas *Shinden*, será o primeiro a apresentar o *Kaisho*, uma estrutura de habitação dedicada, ocasionalmente usada para recepções. O novo *Sanjouboumon* apresentará dois destes edifícios e o futuro palácio *Muromachi* (reconstruído em 1431 d.C. por *Yoshinori*) também conterà estas estruturas dedicadas.<sup>140</sup>

Estes edifícios serão a última evolução dos espaços *Tsunegosho*, separando-se, por fim, dos pavilhões rituais. Assim, estes retornavam à sua pureza ideal de cenário para os rituais imperiais. Os *Kaisho*, verdadeiros representantes do estilo *Shouin*, eram edifícios compactos, sem corredores, fechados sobre si, onde a luz dificilmente penetrava. Lugares sombrios que acolhiam as tarefas mundanas e confortáveis, tarefas que deviam ser escondidas e que só na sombra eram possíveis de concretizar.

## 3.8 | SHOUIN

Os limites impostos pelo antigo plano não determinavam apenas quem e onde se podia construir, mas também que tipo de estilo se podia usar. Ainda que os *Ashikaga* e os *Buke* (classe guerreira) tenham trespasado os limites do *Rakuchuu*, só o fizeram na metade austral da capital, no

---

<sup>140</sup> Ibidem.

*Shimogyou*<sup>141</sup> e a Norte do *Kamigyō*, ficando ainda os limites da zona dos *Kuge* imperturbados pela influência dos militares.

Tal como indicado pelos antigos códigos da cidade só um determinado estilo podia ser usado na construção das residências: o *Shindenzukuri*; e, num tempo em que os aristocratas procuravam a sua legitimação também eles se submeteram a estes códigos, cumprindo mesmo com as penalizações impostas pelo código. Assim, algumas residências que não cumpriam os preceitos foram demolidas, a mando da classe dos militares.<sup>142</sup>

Ainda que o estilo *Shinden* fosse peremptoriamente aplicado, era notória a sua falta de praticidade e de atenção a usos diários, assim como a falta de espaços que permitissem a discussão política e militar.

Também neste ponto poderemos verificar que o conceito da luz/sombra pode ser explanatório. Enquanto o *Shindenzukuri* prezava o ritual aberto e exposto, com um intuito de demonstração pública, a época dos militares requeria espaços de segredo, velados do público.

Num país que tinha evoluído de apenas um poder (ainda que continuamente minado por famílias aristocratas) central e concentrado, para uma sociedade fracturada e polarizada, os grandes rituais e as acções públicas não eram exequíveis. Era agora o tempo da sombra, do segredo e da reclusão.

---

<sup>141</sup> Ainda que tenham ocupado alguns quarteirões no *Shimogyō*, o antigo núcleo habitacional que rodeava o mercado, não foi ocupado por guerreiros. O código *Kenmu Shikimoku*, que dava protecção legal à propriedade privada, a riqueza de alguns dos habitantes deste distrito e o facto de muitas das propriedades serem alugadas de membros dos *Kuge*, constituiu protecção suficiente contra a força armada dos *Buke* que invadiram a cidade. STAVROS, Mathew – *Kyoto: An Urban History of Japan's Premodern Capital*. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2016. pp.106-110.

<sup>142</sup> TEIJI, Ito; NOVOGRAD, Paul – The Development of Shoin-Style Architecture. In In: HALL, John; TAKESHI, Toyoda, ed. – *Japan in the Muromachi Age*. Berkeley: University of California Press, 1977. pp. 227-240

Estas necessidades inevitavelmente reflectiram-se na forma da arquitectura. Os edifícios, ainda que mantendo o seu aspecto exterior no estilo anterior, começaram a desenvolver no seu interior espaços mais fraccionados e mais divididos. Deste modo, era possível mascarar usos mundanos num exterior de aparência ritual e pura.

As partições criavam espaços dedicados para certas funções, criando os *tsune-gosho* 常御所 – literalmente o palácio ordinário<sup>143</sup>, de usos mundanos. Esta profunda distinção entre aquilo que se mostra - publico, puro, brilhante e sem mácula – e aquilo que se esconde – privado, sujo e obscuro – estende-se desde o comportamento até às manifestações culturais.<sup>144</sup>

Podemos verificar esta distinção na escolha da localização do *tsune-gosho*: localizados na parte Norte do *Shinden*, estes espaços, mais sombrios e separados do espaço de recepção mais luminoso e publico, eram os locais que acomodavam as tarefas mais ordinárias e vistas pelos japoneses como impuras. É importante reiterar que o espaço do *Shinden* teria de ser todo ele ritual, sem fazer concessão sequer aos seus habitantes.

Com o enfraquecimento das estruturas de controlo imperial estas divisões vão separando-se, progressivamente, dos pavilhões originários, formando uma estrutura individual, os *Kaisho* 会所, literalmente locais de reunião.<sup>145</sup>

Afastados dos pavilhões de entrada, divididos destes pelos *Shinden*, de recepção mais formal, serão os aposentos dos seus senhores e também os cenários de discussão política preferidos, quer pela sua discrição quer

---

<sup>143</sup> O uso da palavra ordinário não é casuístico, pois os japoneses viam tarefas do quotidiano como actos impuros, banais e sujos. O carácter para *Tsune*, 常, denota regularidade, hábito, coisas comuns.

<sup>144</sup> Ver “2.5 | Luz/ Sombra - O Ideal e o Real”.

<sup>145</sup> TEIJI, Ito; NOVOGRAD, Paul – The Development of Shoin-Style Architecture. In In: HALL, John; TAKESHI, Toyoda, ed. – Japan in the Muromachi Age. Berkeley: University of California Press, 1977. pp. 227-240

pela praticidade da falta dos rituais associados aos antigos espaços *Shinden*.<sup>146</sup>

Os grandes complexos de pavilhões individuais conectados através de corredores, passaram a formar edifícios separados e distintos. Estas estruturas não se abriam tanto ao exterior criando uma separação mais demarcada entre o interior e o exterior, sendo esta última camada mais opaca que a do estilo *Shinden*. O interior dos edifícios *Shoin* era ainda mais velado e mais escuro.

O estilo vai-se desenvolvendo a partir das antigas salas de leitura das residências dos monges – *Shoin* 書院 – encontradas nos mosteiros Zen. Várias características marcam estas salas, que com o tempo serão não apenas salas de leitura, mas também o local de encontro e audiência entre políticos.<sup>147</sup>

Características comuns nesta sala são a presença de uma *tokonoma* 床の間 – uma alcova decorativa -, uma *tsukeshoin* – uma secretária embutida -, *choudaigame* – portas decoradas maciças – e *chigaidana* 違い棚 – prateleiras escalonadas.<sup>148</sup>

Tatamis, pilares de secção quadrada, *fusuma* e *shouji*, portas deslizantes que separavam respectivamente o interior e o exterior. Os *shouji* por sua vez eram protegidos por painéis rígidos de madeira para maior protecção.

Também os tectos aparecem na construção, sendo que no estilo *Shinden* a estrutura do telhado fica à vista para o interior. Estes tectos são trabalhados e tomam a forma de tectos artesoados.<sup>149</sup>

---

<sup>146</sup> STAVROS, Mathew – *Kyoto: An Urban History of Japan's Premodern Capital*. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2016. pp. 115-126.

<sup>147</sup> SADLER, Arthur L. – *Japanese Architecture: A Short History*. Vermont: Tuttle Publishing, 2009. pp. 73-76.

<sup>148</sup> Ibidem.

<sup>149</sup> TEIJI, Ito; NOVOGRAD, Paul – The Development of Shoin-Style Architecture. In In: HALL, John; TAKESHI, Toyoda, ed. – *Japan in the Muromachi Age*. Berkeley: University of California Press, 1977. pp. 227-240



Muitos destes elementos vão manter-se até à época de *Tokugawa*. O estilo continuou a ser usado mesmo depois desta época entrando para o conjunto de elementos componentes de um quarto tradicional japonês, os quais ainda hoje podem ser observados.<sup>150</sup>

Este estilo irá formar a base não só das futuras residências dos Xoguns e altas personalidades, mas também da arquitectura tradicional japonesa que ainda hoje podemos testemunhar.

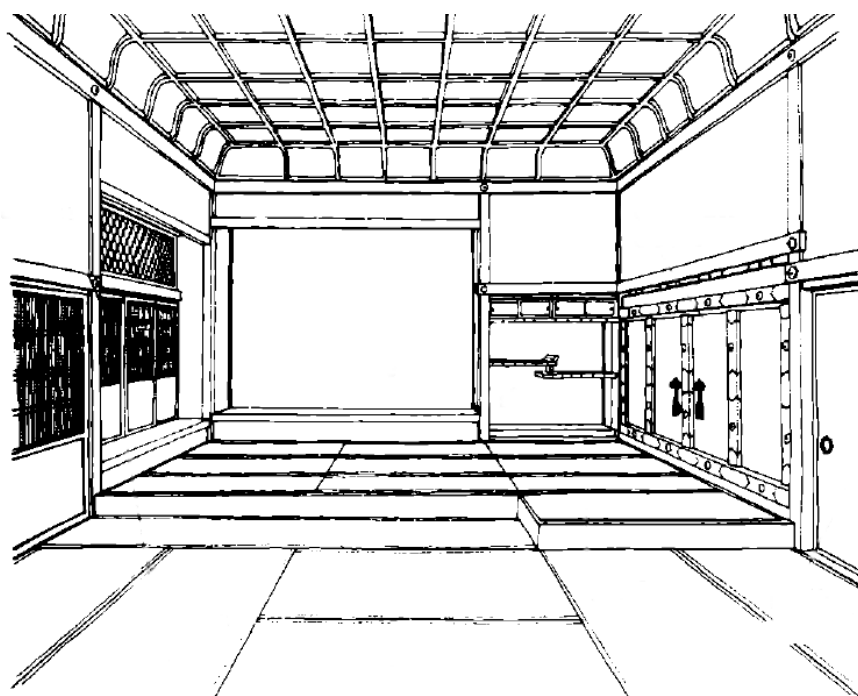


FIGURA 38 – UM QUARTO SHOIN. FONTE: NISHI & HOZUMI.

<sup>150</sup> NISHI, Kazuo; HOZUMI, Kazuo – What is Japanese Architecture. Tradução de de H. Mack Horton. Nova Iorque: Kodansha USA, 2012. pp.72-77.

### 3.9 | CULTURA DE KITAYAMA E OS PALÁCIOS AFASTADOS

Esta demarcação do público e do privado, assim como o exacerbar dos limites formais do Rakuchuu, levam também ao fenómeno dos palácios dos imperadores afastados atrás analisado, assim como às residências aristocráticas construídas para lá destes limites estabelecidos. Afastados da influência imperial e da imposição dos antigos códigos, estas residências permitiam-se a uma maior liberdade construtiva, incluindo templos e estruturas contrárias ao estilo oficial do *Shinden*.

Constituindo-se como centros de poder, agregavam todo o tipo de funções, desde as administrativas às militares e religiosas. Era comum a criação de grandes complexos religiosos associados a estes complexos, visto que a restrição dos templos falhava na sua aplicação fora da cidade.

Os aristocratas e os militares viviam assim num sistema em que possuíam uma residência oficial, o *Honjo* 本所 (literalmente local original), e uma residência afastada, ou uma vila, o *Betsugyou* 別業 (literalmente outra linha de acção, forma diferente ou especial), local privilegiado, não apenas para o retiro espiritual e afastamento dos rígidos códigos de conduta, mas também da influencia imperial. A partir destes locais os senhores comandavam as suas tropas, a sua influência e emanavam o seu poder, sem os constrangimentos associados à vida na capital.

À semelhança dos antigos imperadores afastados, os xoguns, ao terminarem o seu mandato à frente do destino do país retiravam-se. Apesar de não ocuparem o cargo, eram ainda eles que comandavam o poder político e o Xogum que sucedia tinha de esperar a morte do seu antecessor, para tomar o controlo total.

Um dos expoentes máximos deste sistema de residência alternativa foi a vila de *Kitayama* e o Xogum *Yoshimitsu*.

Ainda que tenha sido o responsável por criar um palácio luxuoso e de fazer renascer as artes e a cultura em Quioto, *Yoshimitsu* em final de vida criou para si o complexo de Kitayama



**FIGURA 39 – O KINKAKUJI.** INSERIDO NO COMPLEXO DE KITAYAMA, ESTE PAVILHÃO É UM DOS MARCOS DA ARQUITECTURA DO PERÍODO MUROMACHI, CONJUGANDO OS TRÊS ESTILOS CONCORRENTES DA ÉPOCA. FOTO DO AUTOR.

A construção da vila teve início em 1398 d.C., no local onde se situava uma antiga vila pertencente a família *Saionji*. Com o nome inicial de *Kitayama Dono*, esta residência acomodava diferentes pavilhões com diferentes funções, muitas delas religiosas.<sup>151</sup>

Eclética nos estilos usados, tinha um Shinshinden, à semelhança do palácio Imperial, o que levava a duvidar se Yoshimitsu não pretendia reinar sobre o Japão ao estilo de um imperador. Eis mais uma prova de que o desenvolvimento do estilo Shoin foi gradual e surgiu de dentro do estilo Shinden, acompanhando-o até bastante tarde.

O pavilhão mais conhecido deste complexo, o Kinkakuji 金閣寺, o pavilhão de ouro, está construído numa pequena ilha, num lago de contemplação. Este pavilhão promovia ideais de serenidade e harmonia com o ambiente circundante.

Fusão de três estilos diferentes, cada andar reproduz um determinado estilo: o primeiro andar, o Housuiin 法水院, construído em Shindenzukuri, com as suas Shitomido <sup>152</sup>, o segundo andar, o Chouounkaku, 潮音閣, em estilo Shoin inicial, com o modelo anterior ao Shouji, os Mairado 舞良戸, painéis de madeira que deslizavam e protegiam do exterior. Estes dois primeiros andares eram estilos criados pelos japoneses (ainda que com influências chinesas).<sup>153</sup>

O ultimo andar de área menor era chamado de Kukkyouchou 究竟頂, literalmente a terminação cuidadosa, escrupulosa. De influência demarcadamente chinesa, o estilo era o do Zen, e características como as janelas em ogiva e os varandins ornamentados com lótus apontam para esta influência. Este último andar, completamente forrado a folha

---

<sup>151</sup> SADLER, Arthur L. – Japanese Architecture: A Short History. Vermont: Tuttle Publishing, 2009. pp. 70-73.

<sup>152</sup> Ver “2.3.4 | Shinden - as casas ideais”.

<sup>153</sup> SADLER, Arthur L. – Japanese Architecture: A Short History. Vermont: Tuttle Publishing, 2009. pp. 70-73.

de ouro, encimado com um telhado piramidal, coroado por uma fénix, era a jóia que terminava este pavilhão ostensivo.<sup>154</sup>

Contudo, esta vila, expoente máximo da cultura de uma época não era apenas um retiro para o governante afastado. Era também um local de governo e de rituais. Muitas das estruturas do complexo eram em estilo Shinden, tendo inclusive acolhido o imperador durante períodos prolongados. A sumptuosidade do complexo e a sua exuberância eram testemunhos do poder de Yoshimitsu, mas o próprio complexo era o local onde esse poder se desenvolvia.<sup>155</sup>

Aquando a sua morte, Yoshimitsu destinou a vila para um templo budista, sendo o pavilhão transformado num relicário, Sharinden.

A cultura de Kitayama e os cenários elegantes de Quioto serão idealizados e explorados não só através de replicas físicas, mas também através de representações pictóricas. Os biombos Rakuchuurakugaizu serão produzidos em grandes quantidades e distribuídos para as localidades emergentes afastadas da capital. Nas províncias distantes da capital, o cenário ideal será recriado nas salas dos senhores feudais, partilhando estes o esplendor da cidade do poder e do sonho.<sup>156</sup>

### 3.10 | HARE/ KE

Os termos *Hare* 晴 e *Ke* 曇 ganham relevância em meados do século XX.<sup>157</sup>, sendo usados para distinguir entre dois mundos muito presentes

---

<sup>154</sup> NISHI, Kazuo; HOZUMI, Kazuo – What is Japanese Architecture. Tradução de de H. Mack Horton. Nova Iorque: Kodansha USA, 2012. pp. 30-31.

<sup>155</sup> STAVROS, Mathew – Kyoto: An Urban History of Japan's Premodern Capital. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2016. pp. 98-101.

<sup>156</sup> HAYASHIYA, Tatsusaburo; ELISON, George- Kyoto in the Muromachi Age. In: HALL, John; TAKESHI, Toyoda, ed. – *Japan in the Muromachi Age*. Berkeley: University of California Press, 1977. pp. 15-37.

<sup>157</sup> Yanagita Kunio é dos primeiros a fazer referência a esta distinção em 1940. Outros estudiosos como Masuda também se debruçam sobre o tema. Kawakami Mitsugu é o primeiro a aplicar este binário à arquitectura residencial em Quioto. Para mais ver <https://groups.google.com/forum/#!topic/pmjs/VN0TEEKA-ms> [Consult. 15 set. 2018]. E

no pensamento japonês, desde a antiguidade até aos dias de hoje: o público, ou *Hare* – rituais, festivais, reuniões públicas, sucintamente, a apresentação do indivíduo perante a sociedade; e o privado, ou *Ke* – o privado e mundano, o indivíduo na sua esfera pessoal, que os japoneses consideram profano, mas ao mesmo tempo seguro.<sup>158</sup>

Transferindo este binário para o nosso estudo, podemos perceber como ele se relaciona com as duas escalas: a da residência aristocrática e a da cidade.

No caso da residência, vimos como na evolução da casa *Shinden* para o estilo *Shoin*, um espaço mais compartimentado e menos ritual se começou a insinuar nas traseiras do pavilhão central. Estes novos espaços respondiam a tarefas da esfera pessoal, do *Ke*. Outra designação para os *Tsunegosho*, analisados atrás, é de *Kegosho*. Estes espaços afastavam-se do ambiente ritual do resto do edifício e virados a Norte criavam o ambiente sombrio ideal para a condução de tarefas mundanas, que não se coadunavam com o ideal pressuposto pelo *Shindenzukuri*.<sup>159</sup>

Também aqui vemos a relação com a característica da Luz/ Sombra, percebendo mais uma vez, como os japoneses viam estes espaços velados e pessoais como espaços confortáveis e seguros.<sup>160</sup>

As residências dos estratos populacionais mais baixos, também seguiam claramente esta divisão, tendo a loja virada para a rua, simbolizando o

---

STAVROS, Mathew – *Kyoto: An Urban History of Japan's Premodern Capital*. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2016. p. 93.

<sup>158</sup> Este é talvez um dos pontos chave na diferença entre os europeus e os japoneses: a separação entre o privado e o público. Enquanto que os europeus prezam o privado pelo seu conforto e segurança, os japoneses consideram-no algo que, ainda que seguro, é reprovável. O indivíduo japonês deve prezar a sua participação numa sociedade maior que ele. Esta pressão por um aspecto em público que se quer quase perfeito, leva a um desregular do espectro privado e a um desejo pelo esconderijo no privado. A psicologia pode ser útil na análise deste ponto, assim como a questão do *Amae*, como exposta por LEBRA, Takie Sugyama - *The Japanese Self in Cultural Logic*. Honolulu: Hawai'i, 2004.

<sup>159</sup> INAJI, Toshirō – *The Garden as Architecture*. Trad. Pamela Virgilio. Tóquio: Kodansha International, 1998. pp. 32-55.

<sup>160</sup> Ver "2.5 | Luz/ Sombra - O Ideal e o Real."

*Hare*, definitivamente separada do resto da casa, mais sombria, símbolo do *Ke*.

Esta característica do privado é fundamental para explicar a diferença entre o pensamento chinês – aberto e dos rituais públicos – e o japonês – que prezava antes o sombrio e velado, com reuniões privadas.

A pressão do *Hare*, traduzido literalmente como iluminado, brilhante; impunha restrições demasiado grandes à habitação, com a sua rigidez e subserviência ao ritual público.

O *Ke*, à escala da cidade será representado no *Rakugai*. A parte interior da cidade, o *Rakuchuu*, estava intimamente ligada ao imperador e aos seus rituais. Os códigos de condução pública estendiam-se ao que se podia construir e como fazê-lo. A hierarquia imperial, separada da do *Bakufu*, era elitista e legitimava-se a si própria pelos seus rituais.<sup>161</sup>



FIGURA 40 – UMA CERIMÓNIA IMPERIAL EM FRENTE AO DAIGOKUDEN DE NARA. OS RITUAIS IMPERIAIS FEITOS NOS GRANDES PÁTIOS DAS ESTRUTURAS IMPERIAIS, ONDE OS SEUS INTERVENIENTES ESTAVAM EXPOSTOS À LUZ. A LUZ LIGAVA-SE COM A FORMALIDADE DA ACÇÃO. FONTE: THE JAPAN TIMES.

---

<sup>161</sup> STAVROS, Mathew – *Kyoto: An Urban History of Japan's Premodern Capital*. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2016. pp. 115-126.

Para poderem exercer a sua vontade política e arquitectónica, os militares e aristocratas afastados do círculo imperial, refugiavam-se na periferia da cidade, no *Rakugai*. Aqui, os códigos desapareciam, os rituais públicos não tinham valor e o *Hare* dava lugar ao *Ke*.

A cultura de *Kitayama* será uma prova deste aspecto. *Yoshimitsu* para reclamar para si o título de rei do Japão, tentando sobrepor-se ao imperador, constrói uma vila sumptuosa fora do campo ritualístico do *Rakuchu*. Só aqui podem os militares e alguns nobres aspirar a infiltrar-se na vida política do país.<sup>162</sup>

### 3.11 | REFLEXÕES PARCIAIS

Com a ascensão da classe dos militares, Quioto é confrontada com a participação desta nova classe no poder político. De forma a separarem-se dos militares, a aristocracia demarca os limites tradicionais da cidade, estabelecendo uma fronteira entre a parte de dentro e a parte de fora da cidade, o *Rakuchuu* e o *Rakugai*, respectivamente. Esta demarcação levava à continuação das práticas tradicionais associadas à classe dos nobres, assim como a manutenção do seu estilo, o *Shindenzukuri*. O *Rakugai* era o ambiente dos antigos rituais e cerimónias, onde a esfera pública, ou *Hare*, adquiria preponderância.

No século XIV, os *Ashikaga* entraram em Quioto, estabelecendo o seu governo na capital, rompendo com os limites tradicionais impostos pelos *Kuge*.

O *Rakugai* tinha sido devassado, contudo, os militares na sua demanda pelo poder, precisavam de legitimação para o deter. Assim, aderem aos códigos tradicionais, adoptando também o estilo *Shinden*.

Apesar disto, a condução dos seus negócios e dos assuntos políticos, necessitava de espaços próprios. O tradicional espaço *Shinden* tinha sido

---

<sup>162</sup> STAVROS, Matthew - Locational Pedigree and Warrior Status in Medieval Kyoto: The Residences of Ashikaga Yoshimitsu. In *Japanese Studies*. Vol 29. Nº 1 (2009). pp. 3-18.



pensado para condução de cerimónias imperiais e não se coadunava com a nova forma de fazer política.

A dualidade *Hare/Ke* explica o surgimento deste novo estilo: os rituais antigos, que integravam um carácter mais publico, mais exposto, era conduzido em espaços mais abertos, com mais luz. O *Hare* pode ser traduzido como brilhante ou luminoso, revelando um carácter mais formal e cerimonioso. O pensamento japonês sente-se exposto neste tipo de espaços e evoluiu naturalmente para espaços mais sombrios e compartimentados. Os espaços abertos e luminosos, de influência chinesa, não se coadunavam com a concepção de publico e privado dos japoneses.

O interior escondido, compartimentado e sombrio era o novo local preferido de condução de assuntos políticos, que eram agora conduzidos numa esfera privada, ou *Ke*. Como se pode constatar, mais uma vez temos a dualidade da Luz/Sombra a pronunciar-se como característica fundamental na concepção dos espaços japoneses. O sombrio era preferido como um espaço seguro e privado, onde as reuniões mais importantes entre senhores feudais podiam acontecer.





## IV | INTERREGNO

---



FIGURA 41 – RAN. DISTÚRBIO,  
REBELIÃO OU DESORDEM.  
[HTTP://REDFINCHJAPANESE.COM/?A  
CTION=KANJI\\_DICTIONARY](http://redfinchjapanese.com/?ACTION=KANJI_DICTIONARY)

Nos fins do século XIV, a capital passou por mais um momento transformativo. A falência do governo dos Xoguns Ashikaga levou ao descontrolo dos senhores feudais que se insurgiram por todo o Japão.

Quioto foi o cenário da guerra Ounin e grande parte dos conflitos que se seguem tomaram lugar na capital. Apesar destes conflitos não terem tido muitas baixas humanas, a destruição que causaram foi enorme. Maior parte da cidade ardeu e foi destruída.

A partir daqui como é que a cidade recuperou e se reconstruiu? Pela falência do antigo governo militar, que novos tipos de governos surgiram? E que influência tiveram no desenho urbano da cidade e nos estilos arquitectónicos existentes da cidade?

Veremos neste capítulo como através da formação de um novo tipo de autogovernança a cidade se transformou e recriou, estabelecendo um novo paradigma para o resto do país.

## 4.1 | AS GUERRAS

No início do século XV os *Ashikaga* estavam no seu auge. O país estava em paz e a capital que o representava tinha sido refeita, tornando-se de novo um bastião das artes e do poder político.

Contudo, nem todos os sucessores de *Yoshimitsu* foram tão capazes de organizar o país e controlar os diferentes partidos, que constantemente tentavam destabilizar o equilíbrio de poder.

Como vimos no capítulo anterior, o seu sucessor *Yoshimochi* (1386-1428 d.C.) começou o seu tempo à frente do xogunato, desfazendo grande parte das estruturas que tinham garantido o controlo político ao seu antecessor.<sup>163</sup> Esta perda de controlo é gradual e à medida que diferentes facções e famílias vão ganhando poder militar, riqueza e território, o poder do *Bakufu* vai diminuindo.

*Yoshimasa* (1435-1490 d.C.) e a sua incapacidade para o governo são normalmente apontados como a causa deste conflito. O seu desprendimento dos assuntos bélicos e políticos teve uma influência definitiva.<sup>164</sup> Contudo só num país de poder plural e fracturado, com uma autoridade central enfraquecida e acentuadas desigualdades económicas entre a capital e a periferia, é que uma insurreição como a que se seguirá, poderia surgir.

Em 1467, dá-se início a um conflito armado que tomará o nome da era decorrente - Ounin. Ainda que o Xogum fosse vivo, foi nomeado um sucessor, dando azo a uma disputa entre diferentes facções, que

---

<sup>163</sup> Ver “3.7.3 | Novo Complexo Sanjouboumon”.

<sup>164</sup> Enfrentado com a guerra e os conflitos do seu país o Xogum decide retirar-se e confiar o governo a famílias influentes. Mais elucidador deste aspecto foi a construção do *Ginkakuji*, um complexo de esplendor, cultura e luxo, em 1482, ainda com o país em permanente conflito. KEENE, Donald – *Yoshimasa and the Silver Pavilion: The Creation of the Soul of Japan*. Nova Iorque: Columbia University Press, 2003.

apoiavam diferentes herdeiros. Este conflito terá como palco a capital de Quioto.

É importante percebermos que a guerra no Japão no século XV não se fazia por cercos, ou por grandes batalhas. A capital não tinha estruturas defensivas e os exércitos podiam entrar e batalhar nas ruas. Os números de mortos nunca atingiram grande número e os conflitos existentes eram numerosos, mas sem finais sangrentos. Assim que um dos lados ganhava vantagem, o lado oposto retirava sem que fosse perseguido.<sup>165</sup> Deste modo, o conflito durou 10 anos sem uma grande conclusão e com ambas as facções intactas.

Contudo, as consequências para a cidade foram bem mais evidentes. A capital ficou destruída e com a sua queda, também o poder central enfraqueceu. Passou a ser necessária a formação de alianças com os diferentes daimio para a constituição de um exército. O poder do Xogum passa a depender mais (e a ser mais ameaçado pelo) poder dos daimios.

Vários conflitos como insurreições, invasões da capital e expulsão dos xoguns, tornaram este período de aproximadamente cem anos, um período de desordem e guerras - o período dos estados combatentes, o *Sengokujidai*.<sup>166</sup>

Mais do que uma guerra no sentido tradicional, estes conflitos não tiveram um objectivo, nem foram uma revolução ou insurreição directa contra o poder central. Não houve grandes personalidades, famílias ou generais que se tenham destacado. Também o seu foco não foi a luta entre diferentes facções unidas e estáveis havendo constantemente traições e mudanças de partidos, sendo estes inúmeros.

Berry (1991) refere o carácter efusivo e sem direcção dos combatentes e das suas alianças:

---

<sup>165</sup> BERRY, Mary Elizabeth – The Cuture of Civil War in Kyoto. Berkeley: University of California Press, 1991.

<sup>166</sup> SANSOM, George - A History of Japan, 1334-1615. 7ªed. Tóquio: Tuttle, 1990. pp. 217-249.



*“O aspecto mais notável dos eventos de Ōnin é a sua indeterminação. Isto é em parte um assunto de surpresas distintas: mudanças bizarras de alianças, retiradas de vitórias, traições de causa. É geralmente um aspecto de términos não resolvidos: Ōnin dissolve-se sem um vencedor; uma insurreição aparentemente bem-sucedida cai no falhanço; os conjuradores de repetidos golpes de estado escorraçados que depois reabilitam a instituição do xogum. Qual era exactamente o propósito dos litigantes? Não creio que eles próprios soubessem.”<sup>167</sup>*

Os conflitos deste período foram uma série de insurreições com objectivos e focos heterogéneos, alastrando-se por todo o país. Um enfraquecimento da estrutura estatal central e uma sociedade fracturada com diferentes centros fomentaram um descontrolo das províncias e dos senhores, que, em busca de poder, território e riquezas, lutavam entre si e tentavam conquistar mais províncias.

A conquista destes objectivos nem sempre passava pelo conflito armado com elevado número de mortos e aniquilação da facção inimiga. Muitas vezes os exércitos beligerantes lutavam até à retirada de um dos oponentes. Não havia perseguições, dos exércitos em retirada. O número de baixas era diminuto.

Berry (1991) explica este fenómeno, referindo que estes conflitos eram muito mais formas de demonstração de superioridade, do que tentativas de erradicar um inimigo. Segundo a autora a desordem eram um mecanismo de renovação:

*“A desordem era este processo de reinvenção, em que homens e mulheres de todos os estratos rejeitavam definições estáveis de si próprios, as suas ligações e valores, para testar possibilidades. O seu cunho era a*

---

<sup>167</sup> The most arresting aspect of Onin's events is their indeterminacy. This is partially a matter of discrete surprises: bizarre shifts in alliance, retreats from victory, betrayals of cause. It is more broadly a matter of unresolved endings: Onin fizzled without a victor; apparently successful uprising moved into failure; the plotters of repeated coups brutalized then rehabilitated the shogunal institution. Just what, we must often ask, did the contenders want? I don't think they knew.” BERRY, Mary Elizabeth – *The Cuture of Civil War in Kyoto*. Berkeley: University of California Press, 1991. p. 13.

Quioto do plano histórico à cidade real  
*demonstração, que substituiu a conduta publica na mentalidade  
medieval, antes baseada em estabilidade e agora em fluidez.”<sup>168</sup>*



FIGURA 42 – UMA BATALHA DURANTE O PERÍODO ŌNIN. FONTE: WIKIPEDIA (SHINNYODŌ ENGI)

---

<sup>168</sup> “Lawlessness was this process of invention, as men and women of all stations rejected stable definitions of selves, attachments, and values to test possibilities. Its hallmark was demonstration, which substituted for medieval constraints an alternative form of public conduct premised upon fluidity rather than stasis.” BERRY, Mary Elizabeth – *The Culture of Civil War in Kyoto*. Berkeley: University of California Press, 1991. p. XXII.

É de notar que sem a erradicação total do exército inimigo era possível juntar este ao exército do vencedor, aumentando a força militar. Contudo, as traições eram mais frequentes e a coesão das alianças fraca e instável. O sistema político tornara-se efêmero e nem aqueles que ocupavam altos cargos na hierarquia podiam estar seguros. A época exigia a manutenção da força e a sua demonstração.

As diversas incursões na capital eram precisamente demonstrações de poder, não havendo casualidades muito elevadas. Os exércitos de determinado Daimio entravam na capital, normalmente sem oposição.

Após terem manobrado a corte e o imperador por forma a conceder-lhes benefícios políticos, os daimios voltavam a abandonar a cidade.

Quioto estará no epicentro da destruição e será sacrificada em nome da tomada de poder. O *Sengokuji*, terminará com a entrada de Oda Nobunaga na capital e o seu esforço reconstrutor trará uma nova paz à capital.

### 4.2 | DESTRUIÇÃO DA CIDADE

Tendo sido o centro da política japonesa desde que os *Ashikaga* decidiram voltar a governar a partir dela, a capital de Quioto foi também o centro da disputa pelo poder. Durante a guerra *Ouin* e o *Sengokuji*, a luta de poder tomou a forma de conflito armado.

Ainda que não houvesse muitas mortes nos conflitos das diferentes facções, outro problema provocava a destruição da cidade: os fogos.

A estratégia de demonstração passava pela derrota (mas não eliminação total) do exército inimigo e pela destruição das residências de homens influentes. A forma mais fácil de destruir estas construções em madeira era incendiá-las. Estes fogos rapidamente se espalhavam pela cidade densamente ocupada, em que o material de construção predominante era a madeira.

Elucidador deste fenómeno de um foco de destruição foi a diferença da destruição na cidade. O *Kamigyō*, distrito maioritariamente da elite, sofreu uma maior devastação que o *Shimogyō*, distrito ocupado maioritariamente por comerciantes e plebeus.<sup>169</sup>

Os que, no despoletar da guerra, não escaparam da capital, viram muitas das suas propriedades arder, quer por ataque directo quer indirectamente pelo alastramento do fogo de outras construções.<sup>170</sup>

As casas que não ardiam, sucumbiam aos assaltos. Destruída a força de protecção da capital, os seus habitantes foram deixados à sua sorte. Muitos bandidos tomaram esta oportunidade para saquear a cidade. Noutros casos, os próprios exércitos invasores saqueavam a cidade e confiscavam residências e templos para os estabelecerem como quartéis.

Ainda que a classe dos *Kuge* fosse das mais afectadas (em termos materiais, porque grande parte dos seus constituintes tinha fugido da cidade), toda a cidade sofria. Os financiadores e artesãos viam as suas residências destruídas e saqueadas. Grande parte dos templos foi destruída ou abandonada. A capital da paz era agora um cenário de guerra e falta de lei.

Os relatos da cidade em destruição são bastante esclarecedores:

*“Apoiando os seus pais idosos nos braços, arrastando mulheres e crianças atrás de si, a população fugiu da cidade num pranto de lamentações. E ninguém ficou para combater as chamas. Os fogos arderam desde a Nijo a Sul até à Goryō no Norte, desde Odoneri a Oeste até Muromachi no Este*

---

<sup>169</sup> Note-se que a diferença na devastação dos dois distritos pode provir da menor quantidade de descrições de destruição do distrito a Sul. Contudo, a provar que a destruição foi menor neste distrito, temos o facto de que os exércitos invasores contavam com os comerciantes e com as casas com menos defesas para mantimentos e abrigo durante as incursões.

<sup>170</sup> Entre os muitos que optaram por fugir contavam-se os nobres que, afastados da capital, desesperavam ao ouvir relatos das suas residências destruídas e os poetas e artesãos que ofereciam os seus serviços aos shugo-daimyō, que, capazes de lhes conferir segurança, ambicionavam agora deter cultura e um certo grau de civilização. Estes senhores na ausência de um poder cultural forte na capital serão os responsáveis até à estabilização da capital pelo patrocínio das principais obras artísticas realizadas no país. KEENE, Donald – *Yoshimasa and the Silver Pavilion: The Creation of the Soul of Japan*. Nova Iorque: Columbia University Press, 2003.

– mais de cem quarteirões. Cerca de 30000 residencias – de nobres, militares, gente importante e pequena – pereceram nas chamas. Tudo não passa de terrenos arruinados.”<sup>171</sup>

Ainda outro aristocrata relata a extensão da destruição:

*“Ultimamente, Quioto caiu na devastação do fogo ... [As nossas perdas] abrangiam:*

*Desde a Takatsukasa-Higashi no toin até à Nijo; desde a Takatsukasa-Karasuma até à Nijo; desde Goryo no tsuji até à Konoe; desde aí até Kasuga;*

*Desde a Ogawa-Kita oji até à Nishi no toin e Kasuga; desde Tsuchimikado-koji até à Nakamikado;*

*Desde a Ichijo e os grandes santuários a Norte em direcção a Uchino, tudo foi reduzido pelo fogo. As mansões dos senhores Konoe e Takatsukasa pereceram pelo fogo.”*<sup>172</sup>

O poeta Socho revela também o panorama da destruição:

*“Agora ao olhar sobre Quioto, pelas casas de grandes e pequenos igualmente, vi apenas um edifício onde antes existiam dez. As casas dos*

---

<sup>171</sup> “Holding aged parents in their arms, pulling along wives and children behind them, the townspeople fled the city in a roar of cries. And none was left to fight the blaze. The fires burned from Nijo in the south to Goryo in the north, from Odoneri in the west to Muromachi in the east—over one hundred blocks. About 30,000 residences—of nobles, military men, great and small alike—went up in flames. Everything is now ruined lots.” BERRY, Mary Elizabeth – The Cuture of Civil War in Kyoto. Berkeley: University of California Press, 1991. p. 29.

<sup>172</sup> “Of late, Kyoto has extensively fallen to fire . . . [Our losses] extend:

1. from Takatsukasa-Higashi no toin to Nijo; from Takatsukasa-Karasuma to Nijo; from Goryo no tsuji to Konoe; from there to Kasuga;
2. from Ogawa-Kita oji to Nishi no toin and Kasuga; from Tsuchimikado-koji to Nakamikado;
3. from Ichijo and the great sanctuaries of the north toward Uchino, everything has been leveled by fire. The mansions of Lords Konoe and Takatsukasa are burned down.” Apud BERRY, Mary Elizabeth – The Cuture of Civil War in Kyoto. Berkeley: University of California Press, 1991. p. 60.

*plebeus foram cedidas à produção agrícola. O palácio é um labirinto de ervas altas. É demasiado para pôr em palavras.”*<sup>173</sup>

Mais de metade da cidade arde em devastação. Sete mil residências de militares e duzentas da aristocracia são destruídas.<sup>174</sup>

O padre Luís Fróis descreverá como ainda em 1560, segundo o relato do padre Gaspar Vilela, grande parte da capital e dos seus templos jazem em ruínas:

*“Esta cidade do Miaco foi antigamente muito grande, e dizem os naturaes que tinha sinco legoas ou seis de comprido e tres de largo. Está toda cercada de serras e ella situada em huns campos muito plainos e espaçozos, e ao pé das serras muitos e mui grandes mosteiros e edificios que nos tempos passados tiverão grandes rendas, ainda que, quando o Padre alli chegou, assim elles como a cidade, estava mui desbaratada pelos grandes fogos e guerras, que nella tinhão passado grande numero de vezes, ainda que todavia ficou algum rasto que mostrava o que antigamente foi.”*<sup>175</sup>

#### 4.3 | HORIZONTALIDADE - OS IKKI E AS NOVAS ASSOCIAÇÕES

Apesar de a guerra *Ounin* ter despoletado uma série de eventos que fizeram escalar os actos de rebelião e violência, estes actos já eram praticados e incitados pelo sector religioso, nomeadamente o budismo.

Conquanto o budismo seja uma religião pacífica e que nos seus códigos não permite recorrer à violência, a partir do século X começaram a atacar

---

<sup>173</sup> “Now looking over Kyoto, at the homes of high and low alike, I saw but one building where once there had been ten. The dwellings of the common people are given over to farming. The palace is a tangle of summer grasses. It is too much for words.” Apud BERRY, Mary Elizabeth – *The Cuture of Civil War in Kyoto*. Berkeley: University of California Press, 1991. p. 62.

<sup>174</sup> Apud BERRY, Mary Elizabeth – *The Cuture of Civil War in Kyoto*. Berkeley: University of California Press, 1991. p. 29.

<sup>175</sup> FROIS, Luís – *História do Japam*. Anot. José Wicki. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa, 1976. Vol. 1. p. 156.

ministros e membros da corte, responsáveis por leis contra a sua permanência.

Os actos de intimidação e terror eram mais comuns que a violência. Desde o cerco de casas de ministros, até aos vários episódios de desalojamento das relíquias que protegiam contra as calamidades, os habitantes da capital assistiram a estes actos.

Duas seitas foram as principais responsáveis por este incitamento : o Joudou Shinshuu 浄土真宗 e o Nichiren Shouhuu 日蓮正宗.

Essencialmente, os seus preceitos promoviam a elevação dos mais pobres e a inclusão destes na sociedade. Qualquer um podia ser iluminado e aceites por Buda. O camponês era comparado ao senhor e as hierarquias eram menosprezadas.

O poder central jazia em ruínas e as hierarquias estabelecidas a partir da capital tinham sido quebradas. As disputas locais apesar de instigadas por interesses particulares de grandes senhores militares, testemunham a entrada de um novo grupo: os *Ikki*.<sup>176</sup>

Estas associações de pessoas de diferentes níveis e classes (mas mais comumente dos estratos inferiores) surgiam à revelia do poder central. Afirmavam-se como comunidades autogeridas, podendo possuir ou não um código de leis.

Muitas vezes as associações responsáveis pelos conflitos gerados na capital e na sua periferia, eram também responsáveis por um novo tipo de governo. O associativismo espalhou-se, quando o estado se revelou ineficiente na protecção da população.

As associações das aldeias são as mais interessantes para este estudo. Efectivamente, estas criavam corpos administrativos e códigos de leis, estabelecendo a conduta em todos os assuntos internos de cada aldeia.

---

<sup>176</sup> Apesar desta palavra ter dois significados – uma rebelião, distúrbio, perturbação da ordem publica ou uma associação de pessoas com interesses comuns que se separavam do poder central ou xogunal; iremos focar-nos no segundo significado do termo.

Assim, não temos já um tipo de organização fracturada, em que há um conjunto de poderes tendencialmente individuais multiplicados pela cidade e pelo país. Este tipo de ligas eram corporativistas e tentavam alinhar o governo local com o conjunto de objectivos e ideias dos seus constituintes.

Uma reflexão sobre este aspecto, leva a pensar que talvez fosse este o sistema mais natural ao povo japonês. Deixados ao seu governo, a população japonesa tendeu para um sistema representativo, com um corpo central de governo apoiado por todos os seus constituintes, ou, pelo menos, pelos seus representantes. Mais uma vez, vemos este fenómeno a desenvolver-se à revelia do poder institucional.

O associativismo gera-se aqui por falta de um poder central forte, id est, por falta de protecção. Numa altura em que os militares e as famílias militares se digladiavam sem grande propósito a longo prazo, coube, sem espaço para escolha, à população local associar-se na resolução dos seus problemas.

Mesmo os Ikki que surgem como desafio à capital fazem-no por haver um afrouxamento do Estado burocrático e por haver uma alternativa ao pagamento dos impostos ao Estado central.

Contudo, é preciso distinguir entre representatividade e associativismo. A representatividade e o associativismo em pequenos grupos locais repetem-se ao longo da história, mas estes aspectos só se se revelam, na sociedade japonesa, a uma microescala, nunca se expandindo para um governo nacional. Veremos adiante que este associativismo funciona melhor sob um governo forte e estável. Este pensamento é fundamental para a definição do desenho urbano japonês: a existência de unidades discretas submetidas a um poder central, estável e hierárquico.





FIGURA 43 – PORTÃO PRINCIPAL DO Toudaiji. A HORIZONTALIDADE SEMPRE FOI PREFERIDA NO JAPÃO, MESMO NAS SUAS CONSTRUÇÕES RELIGIOSAS. FOTO DO AUTOR.



FIGURA 44 - VISTA AÉREA A PARTIR DA SKYTREE. TÓQUIO ESTENDE-SE POR VÁRIOS QUILOMETROS, SENDO A HORIZONTALIDADE UMA CARACTERÍSTICA MARCANTE DAS CIDADES JAPONESAS. FONTE: BY YODALICA - OWN WORK, CC BY-SA 4.0, [HTTPS://COMMONS.WIKIMEDIA.ORG/W/INDEX.PHP?CURID=42119013](https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=42119013).

Este aspecto da organização política dos japoneses é manifestado fortemente na sua arquitectura e urbanismo. As cidades japonesas são hoje vastas metrópoles que se espalham por vários quilómetros quadrados. A população vive como pensa: num sistema horizontal, em que ninguém se eleva acima de ninguém.<sup>177</sup>

Também usamos esta tendência natural à horizontalidade para explicar a destruição do centro construído à fundação de Quioto. Uma estrutura central em que todo o poder era reunido e claramente ostentado, não podia manter-se numa sociedade que promove vários núcleos e uma sociedade horizontal.

Outro exemplo desta horizontalidade manifestada na arquitectura, com o desenvolvimento de um estilo dos templos budistas nacional. Os primeiros templos tinham um alinhamento axial Norte-Sul, em que o pavilhão principal se alinhava com o pagode.

O pagode era o edifício principal do complexo budista, sendo o local onde se encontravam relíquias associadas a um qualquer bodhisattva. Sendo estas relíquias únicas, era de esperar que os pagodes também o fossem.

Contudo, progressivamente, o pagode vai deixando de ser um elemento único e central, para dar lugar ao pavilhão dourado o Kondou, pavilhão que se tornará central na organização do complexo. Este pavilhão principal era um edifício baixo e atarracado – o símbolo perfeito da horizontalidade.

Os pagodes – o elemento vertical – foram relegados para os cantos dos recintos, dando suporte visual ao pavilhão central baixo e horizontal.

<sup>178</sup> fonte Yasuhara e what is japanese architecture

---

<sup>177</sup> MAKI, Fumihiko – *Nurturing dreams: collected essays on architecture and the city*. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology, 2008. pp. 152-163.

<sup>178</sup> NISHI, Kazuo; HOZUMI, Kazuo – *What is Japanese Architecture*. Tradução de de H. Mack Horton. Nova Iorque: Kodansha USA, 2012. pp. e YASUHARA, M; SAKIYAMA, T. - Characterization of space around Japanese traditional buildings. In *Transactions on The Built Environment*. Vol. 109, (2009). pp.47-58.

Por tudo isto concluímos que a sociedade japonesa tende para a horizontalidade, sendo este aspecto reflectido na morfologia japonesa e facilmente observável.

#### 4.4 | RECONSTRUÇÃO DA CIDADE

Na capital, a partir do século XVI é a população a responsável pela organização e defesa da cidade. Deixados aos seus próprios meios os financiadores e penhoristas, organizam a cidade e as suas defesas, deixando de depender da protecção do *Bakufu* que definhava e respondia cada vez menos eficazmente na questão da protecção.<sup>179</sup>

Com vastas riquezas, estes financiadores e penhoristas, constituíram várias “ilhas” na cidade, rodeadas por muros, fossos e estruturas defensivas, que, por muito rudimentares que fossem, eram suficientes para proteger os seus bens e a população da capital. Uma cidade fortificada surgiu às custas dos seus habitantes, que constituíam também a sua guarnição.

De toda a devastação e destruição trazida por décadas de conflitos, incursões armadas e fogos na cidade, uma nova cidade emergiu.

Os antigos poderes da aristocracia e dos militares tinham desaparecido. A cidade era agora gerida pelos seus habitantes e pelas associações que criaram. Estas associações criadas tomaram o nome de *Machishu*. Cada Machi tornou-se no centro de associativismo da população. Responsáveis pela defesa da cidade estas associações foram o principal corpo governativo da cidade.<sup>180</sup>

---

<sup>179</sup> HAYASHIYA, Tatsusaburo; ELISON, George- Kyoto in the Muromachi Age. In: HALL, John; TAKESHI, Toyoda, ed. – *Japan in the Muromachi Age*. Berkeley: University of California Press, 1977. p.31.

<sup>180</sup> Ibidem.

# Quioto do plano histórico à cidade real

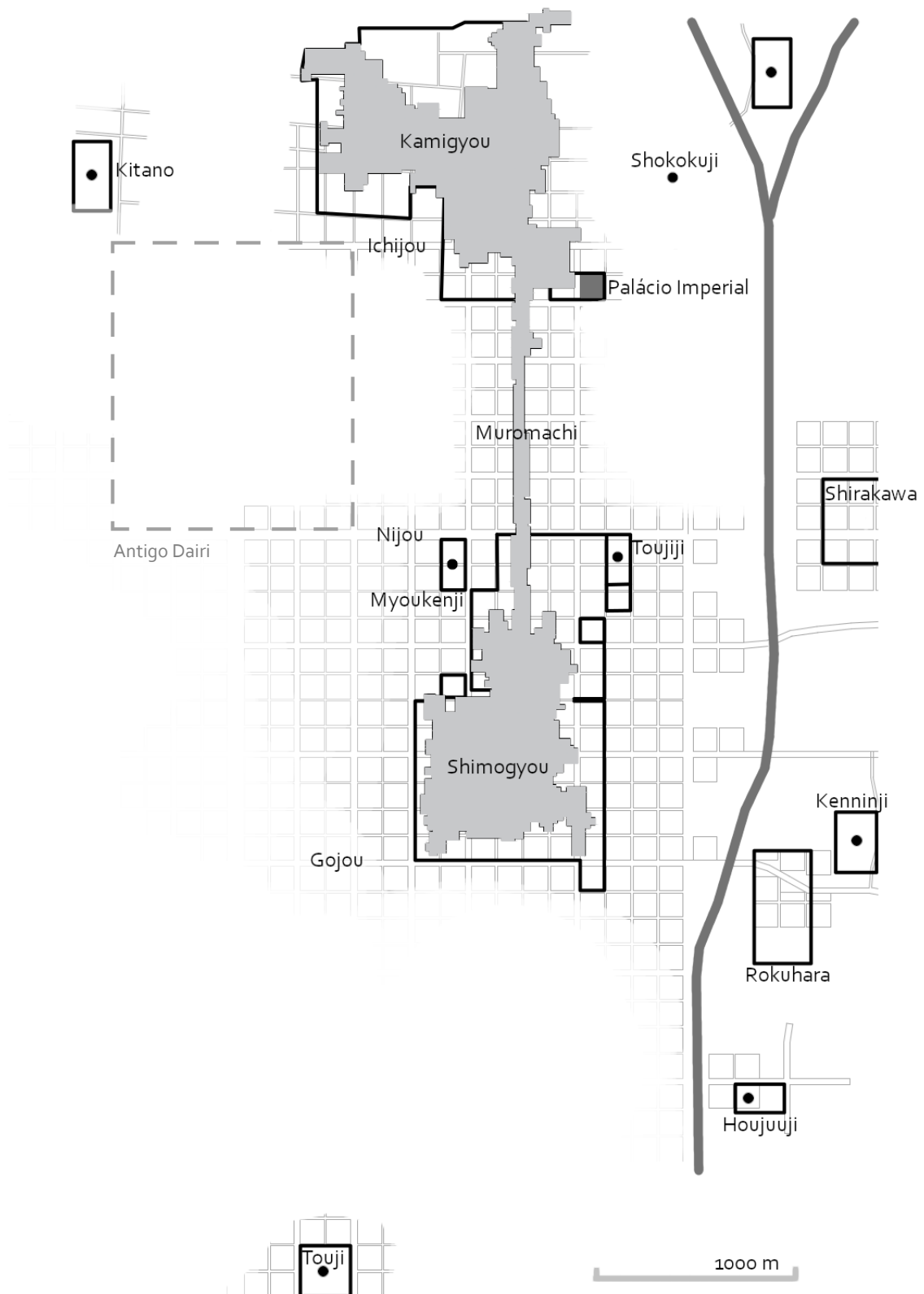


FIGURA 45 – QUIOTO FORTIFICADA. A TRAÇO GROSSO ESTÃO REPRESENTADAS AS FORTIFICAÇÕES ERIGIDAS PELA POPULAÇÃO E TEMPLOS. PINTADO A CINZENTO ESTÃO REPRESENTADAS AS ASSOCIAÇÕES MACHIGUMI. FONTE: STAVROS.

O novo sistema de autogestão, irá governar a cidade até 1568 d.C. quando *Nobunaga* volta a impor um governo centrado em si. Estes corpos governativos não distinguirão entre classes, acolhendo inclusivamente, os antigos *Kuge*, retornados a uma capital pacificada e que agora só se distinguem do resto da população pela sua antiga linhagem nobre, vivendo em condições iguais aos restantes habitantes. Unidades discretas de governo a sua administração será confinada a um único *Machi*.

Em 1536 d.C., a seita *Tendai* desce do Monte *Hiei* e desfere um duro golpe no sistema de autogovernação.<sup>181</sup>

Grande parte do *Shimogyo* jazia em ruínas e todos os templos da seita *Nichiren* tinham sido destruídos. Os *Machishu* sobrevivendo a toda esta destruição, tomarão uma nova forma sob o nome de *Machigumi*.<sup>182</sup>

A seita *Nichiren* acabará por voltar à cidade em 1542 d.C. e a cidade acabará por estabilizar. Os *Machigumi* irão ser o modelo que continuará na cidade e graças a este modelo e à posse dos terrenos em que moram, a população terá um maior controlo sobre o que é construído e como. Derivando, do estilo *Shouin*, o *Sukiya*<sup>183</sup>, desenvolver-se-á deste último estilo, quando os comerciantes tentam emular as residências nobres, mas permitindo-se a uma maior personalização e afastamento dos preceitos originais.

---

<sup>181</sup> O conflito teve como principal causa a rivalidade entre a seita *Tendai* e a *Nichiren*, que tinha ganho uma popularidade incontestada dentro da capital com mais de duas dezenas de templos (autênticos bastiões). Contudo, o conflito tomou outro nível de importância pois efectivamente a seita *Tendai* representava o velho poder dos *Kuge* na cidade e o conflito era, na realidade, entre o velho poder instituído dos nobres do *Kamigyō* e da população autogovernada dos *machishu*. Uma prova deste aspecto foi a relativa ausência de destruição do distrito do *Kamigyō*. *Ibidem*.

<sup>182</sup> Ver “4.6 | Distritos e os quarteirões alargados”.

<sup>183</sup> Ver “4.7 | *Sukiya* – uma variação”.

#### 4.5 | UMA NOVA IDEALIZAÇÃO

A meio do século XV, os biombos irão levar a cidade ideal representada para outras províncias.

Os seus antecessores, os *emaki*, representavam cenas do quotidiano da aristocracia. De um ponto de vista intimista e pessoal, este tipo de representação capturava traços das residências e do estilo de vida da elite.

Os biombos, que cedo se vão espalhar para as províncias afastadas da capital trarão uma nova representação: a da capital ideal. A capital como epitome da cultura, dos grandes palácios luxuosos e do requinte. Não é a cidade real fortificada e destruída que vai ser pintada, mas sim uma realidade idealizada, em que os edifícios destruídos aparecem em todo o seu esplendor e as avenidas aparecem desimpedidas, tudo rodeado por uma neblina de mistério e ideal.

Estes biombos procuravam levar para fora da capital o estatuto, o requinte e a representação de algo maior. Os novos senhores feudais donos de vastos territórios, procuravam, no final do *Sengokujidai*, consolidar o seu poder e adquirir legitimidade. Para isso traziam para o seu palácio a nobreza e uma idealização da capital e dos seus luxos.<sup>184</sup>

---

<sup>184</sup> MCKELWAY, Matthew - *Capitalscapes: folding screens and political imagination in late medieval Kyoto*. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2006. pp. 1-11.





FIGURA 46 – A HORIZONTALDADE. O CARACTER QUASE UNIFORME NO TRATAMENTO DADO AOS EDIFÍCIOS DA CIDADE APONTA PARA UMA DIFUSÃO DO CENTRO, NÃO HAVENDO UMA PREDOMINÂNCIA DE NENHUM EDIFÍCIO SOBRE OS OUTROS. FONTE: KYOTO NATIONAL MUSEUM.



FIGURA 47 - SEIGANJIBON RAKUCHU RAKUGAI-ZU. OS BIOMBOS DAS CENAS DE DENTRO E FORA DA CIDADE FICARAM POPULARIZADOS DURANTE O SÉCULO XV, SENDO UMA FORMA DE PROVAR O ESTATUTO DO SEU ENCOMENDADOR, NESTE CASO O SENHOR FEUDAL. FONTE: DATE CITY KAITAKU KINEN MUSEUM.

Luis Fróis refere precisamente esta preponderância da cultura da capital:

*“Pela cidade do Miaco [Quioto] ser a metropole de todo Japão, fonte de suas leys, corte principal em que sempre rezide o Dairi [Imperador] e o Cubósama [Xogum], alli concorre ordinariamente a gente de todos os 66 reinos, e fazem traça do modo de proceder do Miaco para se regularem por ahi em seos reinos, de maneira que, o que alli se aprova, hé estimado nas partes remotas (...).”*<sup>185</sup>

Outro aspecto interessante destes biombos é aquilo em que diferem dos seus antecessores, os *emaki*. Enquanto que estes eram desenhados de um ponto de vista próximo e pessoal, os biombos tomam um ponto de vista geral, urbano e que abrande toda a cidade. Não é a vida dos aristocratas que é representada, mas sim as ruas, os palácios e os templos, de um ponto perspético alto e neutro, não privilegiando nenhum ponto de fuga ou construção. A vista não era dirigida para nenhum foco, deixando-se vaguear por todo o quadro.

Também a representação de festividades turbulentas, de templos responsáveis por rebeliões e da instabilidade são minorados ou apagados. As casas representadas revelavam o estatuto, não havendo grandes casas possuídas pelos plebeus. A capital era imaginada segundo uma ordem, uma ideia de como as coisas deviam ser. Mesmo que a capital da ordem e da paz já não existisse na realidade, existia ainda no imaginário.<sup>186</sup>

---

<sup>185</sup> FROIS, Luís – História do Japam. Anot. José Wicki. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa, 1976. Vol. 1. p. 155.

<sup>186</sup> BERRY, Mary Elizabeth – The Cuture of Civil War in Kyoto. Berkeley: University of California Press, 1991. pp. 286-303.



#### 4.6 | DISTRITOS E OS QUARTEIRÕES ALARGADOS

Os *Machigumi*<sup>187</sup>, ao contrário dos *Machishu*, unidades que se restringiam a *Machi* únicos, irão abranger vários quarteirões unindo a cidade inteira em diferentes zonas.

Berry explica este afastamento da população da cidade, do poder tradicional:

*“Rejeitando alianças com qualquer senhor, os cidadãos fundavam, ao invés, organizações que permitiam, por um lado, relações antagônicas com os poderes militares e, por outro, um grau de separação e autossustentação.”*<sup>188</sup>

Tendo começado como unidades de administração limitadas pelas ruas ou avenidas, os quarteirões foram gradualmente evoluindo para algo mais virado para a rua. Dois aspectos permitiram isto: a diminuição da aplicação das regras provenientes da elite sobre os habitantes e a emergência do comércio e artesanato na capital.

Com o intuito de vender os seus produtos, era mais favorável aos comerciantes virarem-se para as ruas e estas tornaram-se importantes locais de exposição e de compra e venda de produtos.

A rua torna-se assim o foco, em vez do quarteirão, servindo como agente de ligação entre a população e os comerciantes.

---

<sup>187</sup> A leitura do carácter 町 é divergente e não há certezas sobre a leitura do carácter à altura. Autores como Stavros rompem com a tradição de Berry ou Tatsuboro de chamar machigumi a estas associações, pois refere que o termo muda a sua acepção à medida que o fenómeno muda de um esquema imposto administrativamente para um controlado pela população. O nome usado por este autor é o de chougumi. Aqui, de forma a estabelecer uma constancia de termos e para evitar a confusão, preferimos manter o termo machi. Ver nota 28 capítulo 6 ou capítulo 2 do livro STAVROS, Mathew – Kyoto: An Urban History of Japan's Premodern Capital. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2016. pp. 29-43.

<sup>188</sup> “Rejecting alliance with all overlords, townspeople entered instead into organizations that permitted direct, adversarial relations with military powers on the one hand, and a degree of separation and self-reliance on the other.” BERRY, Mary Elizabeth – The Culture of Civil War in Kyoto. Berkeley: University of California Press, 1991. p. 225.

Os quarteirões vão sofrer, mais uma vez uma evolução. Visto que a rua desempenha agora o papel fundamental na percepção da cidade, será a partir desta que se formarão as unidades primárias. O quarteirão será limitado não pelas ruas que o ladeiam, mas sim pelos quartos que ladeiam cada rua (fig. X). Este novo sistema terá o nome de *Ryogawamachi*.<sup>189</sup>

Gay analisando a evolução das associações da população explica como os *Machigumi* eram o resultado da união de vários quarteirões sob a administração de uma associação:

*“Estas associações são referidas em fontes contemporâneas a partir de 1401. Em 1401, Ashikaga Yoshimitsu concede aos religiosos de Rokkakudo em Shimogyo e a autoridade sobre o que era referido como ‘Sanjo-omote soyoncho-machi.’ A expressão claramente conota que a faixa de quatro quarteirões ao longo da avenida Sanjo compunham uma unidade social e, acima de tudo, que a proximidade das casas que se opunham era o agente de união.”*<sup>190</sup>

Muitos destes quarteirões passam a ser propriedade dos seus residentes, tendo sido comprados à antiga aristocracia que definava sem o apoio xogunal ou imperial. Com a posse dos terrenos, as diferentes associações são responsáveis por tudo o que se passa nas suas ruas. Estas associações permitem aos residentes defenderem-se de ataques externos, mas também criam um sentido de comunidade entre residentes.

---

<sup>189</sup> GAY, Suzanne – *The Moneylenders of Late Medieval Kyoto*. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2001. STAVROS, Mathew – *Kyoto: An Urban History of Japan's Premodern Capital*. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2016. BERRY, Mary Elizabeth – *The Cuture of Civil War in Kyoto*. Berkeley: University of California Press, 1991. pp. 24-28.

<sup>190</sup> “Such associations are attested to in contemporary sources from 1401 onward. In 1401, Ashikaga Yoshimitsu gave to the priests of Rokkakudo in Shimogyo the authority over what was called the ‘Sanjo-omote soyoncho-machi.’ The phrase clearly connotes that the four-block-strip along Sanjo avenue comprised a social unit and, above all, that the proximate location of the houses across from each other was the binding factor.” HAYASHIYA, Tatsusaburo; ELISON, George- *Kyoto in the Muromachi Age*. In: HALL, John; TAKEISHI, Toyoda, ed. – *Japan in the Muromachi Age*. Berkeley: University of California Press, 1977. p. 29.

A morfologia passa a ser totalmente controlada pelos residentes e um certo estilo de construção mais simples, mais rustico aparece. O estilo arquitectónico, em vigor inclusive para a classe dominante dos guerreiros, vai passar a ser determinado pela população. O novo estilo emergente terá o nome de *Sukiya*.

Com a adquirida responsabilidade de defesa das suas próprias residências, uma série de fortificações começam a ser construídas na cidade.

Grande parte de Quioto irá fazer em ruínas, portanto só os antigos núcleos do *Shimogyo* e do *Kamigyô* é que serão alvo de fortificação. Fossos, paliçadas e torres de guarda são erigidos, rodeando estes dois districtos. Também a avenida *Muromachi* é fortificada mantendo uma ligação entre os dois distritos.

Ainda que o processo seja bastante idêntico ao processo europeu de restrição e minguamento da cidade, cremos que o paralelo é apenas aparente. Principalmente no que se refere ao processo de construção das fortificações.

O aspecto mais evidente é de que, ao contrário das fortificações europeias, resistentes a prolongados cercos e máquinas de assalto, as fortificações de Quioto eram simples paliçadas que impediam a entrada de pequenos exércitos. É preciso lembrar também a diferença entre o conflito armado na Europa – batalhas entre exércitos de reinos emergentes – e do Japão – pequenas rebeliões e exércitos de senhores do mesmo país que procuravam ganhar com o intuito de se fazerem representados e não para aniquilar o adversário.

Por outro lado, as fortificações em Quioto partem, não de um poder senhorial ou feudal, mas de um poder associativo, que pela sua união consegue criar condições para a sua sobrevivência. Este tipo de

associativismo (à escala de uma cidade) apenas existiu na Europa medieval em casos excepcionais.<sup>191</sup>

#### 4.7 | SUKIYA – UMA VARIAÇÃO<sup>192</sup>

No final deste período de um século de guerras, rebeliões e instabilidade social, o panorama tinha mudado. A política urbana – que tinha começado como algo que excluía totalmente os habitantes das decisões - deixava de ser tão elitista e o que era um sistema de poder bem definido começava a incorporar as exigências dos estratos mais baixos, da população e da comunidade que habita a cidade. As corporações e as guildas tornavam-se num corpo indispensável à criação de leis e à sua imposição. A um esquema vertical de senhor e vassalo sobrepôs-se um horizontal de comunidade e associação entre estes últimos.

Uma classe que tinha perdido grande parte da sua riqueza com a guerra e o período de turbulência que se seguiu começa a insinuar-se de novo no final do século XV. Também os habitantes que se tinham fortificado em Quioto começam a ganhar alguma independência ao adquirirem os terrenos onde moravam.<sup>193</sup>

Esta ascensão e libertação das classes inferiores levou a um aumento de construção de residências. Estas classes emergentes, à semelhança da aristocracia ao tempo da fundação de Quioto que imitava o estilo praticado pelo imperador; vão emular o estilo da nobreza militar.

---

<sup>191</sup> Um exemplo deste tipo de comunidade foram os cátaros no Languedoque. Outros exemplos como as confederações da Suíça ou no Tirol, conhecidos como Eidgenossenschaft, assim como as cidades-estado em Itália, exemplificam este fenómeno de confederações na Europa.

<sup>192</sup> O termo Sukiya por vezes é usado para referir a pequena sala de chá ou o Zashiki de uma habitação, uma sala de recepção formal. Contudo, esta designação não é a mais correcta, segundo análise em PARENT, Mary Neighbour – Japanese Architecture and Art Net Users System (JAANUS) [em linha]. (2001). [Consult. 15 set. 2018]. Disponível em WWW: <http://www.aisf.or.jp/~jaanus/deta/s/sukiya.htm>

<sup>193</sup> BERRY, Mary Elizabeth – The Culture of Civil War in Kyoto. Berkeley: University of California Press, 1991. pp. 211-241.

Também esta classe começará a adoptar este estilo para as suas casas de retiro, onde se permitem desviar do estilo oficial imposto na capital.

Da subversão do estilo *Shouin* irá surgir o *Sukiya*. Assistimos neste estilo ao afrouxamento de muitos dos preceitos originais do *Shouin zukuri*. O *Tokonoma* e as *Tana* apesar de incluídas não tomarão as suas posições normais (lado a lado), permitindo-se segundo o gosto, o seu afastamento, colocação em posições opostas ou modificação. A decoração das *Tana* também sofrerá modificação, permitindo-se os seus donos uma maior sofisticação e personalização. Os materiais também são mais excêntricos e divergentes.

Inspirado no desenho chinês, as principais janelas, as *Katoumado*, têm forma ogival, havendo uma maior aposta na sua ornamentação. Os frisos acima das portas deslizantes, *Ranma*, os puxadores destas portas, *Hikite*, e até uma espécie de capas para tapar os parafusos, *Kugikakushi*, eram pretextos para uma profusão de ornamentação.<sup>194</sup>

As madeiras usadas até a este estilo eram apenas o cipreste japonês, símbolo de nobreza e riqueza, sendo a sua casca usada para os telhados. No novo estilo *Sukiya*, novos tipos de madeira alguns exóticos serão permitidos. O cedro, o pinho e o bambu tomarão formas mais ornadas por um lado, mas menos polidas, revelando muitas vezes um aspecto natural, não sendo aplicada nenhuma pintura.<sup>195</sup>

É compreensível que, com a gradual pacificação do país e um aumento de riqueza da população, a ostentação fosse um fenómeno aparente e galopante. A representação, até aí feita por força militar, retornará a um esquema de ostentação financeira, procurando cada senhor exhibir a sua riqueza como sinal do seu poder.

---

<sup>194</sup> NISHI, Kazuo; HOZUMI, Kazuo – What is Japanese Architecture. Tradução de de H. Mack Horton. Nova Iorque: Kodansha USA, 2012. pp. 80-81.

<sup>195</sup> PARENT, Mary Neighbour – Japanese Architecture and Art Net Users System (JAANUS) [em linha]. (2001). [Consult. 15 set. 2018]. Disponível em WWW: <http://www.aisf.or.jp/~jaanus/deta/s/sukiya.htm>



**FIGURA 48 – UM QUARTO SUKIYA NO TEMPLO NINNAJI, COM OS TECTOS ARTESOADOS E VÁRIOS ELEMENTOS DECORATIVOS COM UMA PROFUSÃO DE DETALHES. FOTO DO AUTOR**



**FIGURA 49 – UM QUARTO SUKIYA NO TEMPLO NINNAJI. OS RANMA COM PADRÕES INTRINCADOS E OS PAINEIS FUSUMA PINTADOS, NUMA SALA DO TEMPLO NINNAJI. FOTO DO AUTOR.**

Este estilo será desenvolvido juntamente com a acumulação de riqueza das elites, intimamente ligado com a família imperial. Exemplos como a Vila *Katsura*, *Machusuin* e o *Kuroshoin* do *Nishi Honganji*, demonstram como surgiu este estilo, desenvolvido ainda no meio de residências *Shouin*.

Aliado aos *Machiya*, este estilo será o mais representado em Quioto e nas novas cidades que começavam a surgir fruto de uma política de consolidação e pacificação do país conduzida pelos três reformadores.

#### 4.8 | REFLEXÕES PARCIAIS

No fim de um período conturbado de guerras e distúrbios, grande parte da cidade de Quioto estava destruída. As incursões armadas e os inúmeros fogos começados pelos exércitos destroem grande parte do edificado da cidade.

O abandono da cidade pelo imperador e pelos nobres deixam um vazio no governo da cidade. Aliado à devastação da cidade, este vazio permitiu aos cidadãos da cidade reiventarem o governo da cidade e o seu desenho.

Associando-se em grupos horizontais, sediados nos diferentes *Machi* da cidade, os cidadãos instituíram um governo de autogestão. Responsáveis pela sua defesa e manutenção da ordem, estas organizações, ou *Machishuu*, evoluíram para os *Machigumi*, associações de diferentes quarteirões unidos pelos ofícios dos seus habitantes.

Da ausência de poder, o espírito japonês para a governação revelou-se como tendencialmente horizontal. Este espírito manifesta-se também na sua arquitectura. Até ao surgimento dos castelos no século XVI, os edifícios japoneses não se elevam muito no sentido vertical, revelando proporções horizontais.







## **V | RECONSTRUÇÃO E RECRIAÇÃO – A CIDADE MODERNA**

---

城  
下  
町

FIGURA 50 – JOUKAMACHI OU AS  
CIDADES-CASTELO. FONTE:  
[HTTP://REDFINCHJAPANESE.COM](http://redfinchjapanese.com/?action=kanji_dictionary)  
/?ACTION=KANJI\_DICTIONARY

A sociedade japonesa saída de um período de guerras e falimento das estruturas centrais de poder, associou-se em associações horizontais, revelando um carácter do seu pensamento, reflectido na sua arquitectura e urbanismo.

Contudo, a unificação do país sob uma hegemonia de um general abalou estas organizações.

Depois da unificação, seguiu-se um período de pacificação e reconstrução. As instituições foram restabelecidas e os códigos impostos de novo. Contudo, como é que, partindo de um esquema horizontal, se conseguiu reinstituir um esquema de poder centralizado e baseado numa só pessoa?

A arquitectura e o desenho urbano foram utilizados como instrumento de asserção de autoridade por Hideyoshi. Contudo como é que este esquema era composto? E que importância terá no desenho das cidades japonesas?

## 5.1 | A PACIFICAÇÃO DAS PROVÍNCIAS EM GUERRA

A desordem, causada por uma era de guerras e rebeliões, não chegaria facilmente a um término. Os chefes militares eram incapazes de conseguir poder suficiente para impor a sua liderança total. As aldeias saíam cada vez mais da esfera de controlo da capital. As comunidades religiosas barricavam-se em grandes fortes e formavam outra facção a fomentar a instabilidade no país.

Por volta da década de 1560, um novo daimio, vencendo batalhas decisivas e formando alianças com outros daimios, conseguirá impor o seu domínio sobre o país, dando início ao caminho para a paz e estabilidade do país.

*Oda Nobunaga* 織田 信長(1534-1582 d.C.) será o responsável, através de uma política feroz e descomprometida, de restaurar um governo capaz e de eliminar grande parte dos responsáveis pela instabilidade no país.<sup>196</sup>

Em 1568 d.C., *Nobunaga* e *Ashikaga Yoshiaki* entram na capital, fazendo ascender o que seria o último xogum da linhagem dos *Ashikaga*.

Apesar do Xogum ter conferido a *Nobunaga* legitimidade nas suas recentes conquistas, logo surgem divergências entre o espírito de corte, artístico e de luxo do xogum e o espírito revoltado e guerreiro do daimio.

O protector do Xogum rapidamente se revolta contra este:

*“Num primeiro momento, Nobunaga apresentou-se como protector dos princípios tradicionais de legitimidade. Instalou Ashikaga Yoshiaki como xogum e construiu-lhe uma residência requintada. Também restaurou o palácio delapidado do imperador a um estado respeitável, mesmo magnífico. Mas o restauro da ordem antiga não era objectivo de*

---

<sup>196</sup> HALL, John – Introduction. In: HALL, John; MCCLAIN, James, eds – *The Cambridge History of Japan*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2006. vol. 4.

*Nobunaga. Em 1573, as suas diferenças com Yoshiaki tinham-se tornado tanto aparentes como irreconciliáveis.”*<sup>197</sup>

Ainda no mesmo ano, conquista o resto da província de Yamashiro e no ano a seguir a província de Ise.

Em 1571, ordena a construção do palácio do Xogum, uma fortaleza na avenida *Nichijou*, que tomará o mesmo nome: “Os paços em que naquele tempo pouzava o Cubósama estavam edificadas no Miaco de Riba, em hum logar que se chama Nigiô.”<sup>198</sup>

No mesmo ano ainda, importunado pelos monges do *Enryakuji* no monte Hiei, conduz um assalto ao mosteiro que era uma das fortalezas da seita *Tendai*, responsável por criar instabilidade na capital desde a sua fundação. Com este assalto todos os edifícios serão arrasados, sendo massacrados todos os seus habitantes.

Esta ferocidade com que se conduzia contribuiu para a reputação pela qual Nobunaga ficou conhecido.<sup>199</sup>

Em 1573 as divergências entre o Xogum e Nobunaga chegam a um ponto de ruptura. Nobunaga com todo o seu ímpeto destrutivo cerca a cidade

---

<sup>197</sup> “At first, Nobunaga posed as protector of the traditional principles of legitimacy. He installed Ashikaga Yoshiaki as shogun and built for him an exquisite residence. He also restored the emperor's dilapidated palace to respectability, if not splendor. But the restoration of the old order was not Nobunaga's objective. By 1573 his differences with Yoshiaki had become both apparent and irreconcilable.” Tatsusaburo; ELISON, George-Kyoto in the Muromachi Age. In: HALL, John; TAKESHI, Toyoda, ed. – *Japan in the Muromachi Age*. Berkeley: University of California Press, 1977. p. 35.

<sup>198</sup> FROIS, Luís – História do Japam. Anot. José Wicki. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa, 1981. Vol. 2. p. 25.

<sup>199</sup> Os três generais responsáveis pela pacificação e unificação do país tinham diferentes personalidades e cada uma foi útil para cada fase. O ímpeto militar e de conquista de Nobunaga permitiu submeter sob um comando um grande número de províncias. Hideyoshi pôde a partir desta base, conquistar todo o arquipélago, mas já com um esforço de pacificação e união. Tokugawa acabará por impor um novo sistema legislativo e criar todas as instituições e burocracias que perpetuassem um estado duradouro. Um poema (parte dos *kasshi yawa* 甲子夜話), que foi escrito sobre estes três unificadores resume estas três muito diferentes personalidades: quando confrontados com um cuco que não queria cantar, os três grandes daimios propuseram diferentes abordagens; Nobunaga, o guerreiro sem piedade, matava-o por não cantar; Hideyoshi persuadiria o cuco a cantar; finalmente Tokugawa esperaria que o cuco cantasse. Este poema será recontado e modificado até se tornar um adágio comum. Ver nota 3 em CARMO, Filipe – *Castle Cities and their effect on Modern Japan*. In KONG, Mário; MONTEIRO, Maria; Neto, Maria João – *Modernity, Frontiers and Revolutions: Proceedings of the 4<sup>th</sup> International Multidisciplinary Congress*. Leiden: CRC PRESS, 2018.

e acaba por destruir grande parte do Kamigyô, que ao contrário do Shimogyô, não será poupado e verá mais uma vez grande parte das suas construções dizimadas.<sup>200</sup>

*“Neste anno de 73, tendo Nobunaga introduzido no Miaco ao Cubosama [Yoshiyaki] por senhor universal da Tença, com muitos e grandes serviços que nisto lhe tinha feitos, o Cubosama, pela pouca experiência que inda tinha do governo e ruim persuasões de mancebos que o servião, se veio a desunir totalmente de Nobunaga e apregoá-lo por inimigo seo (...) athé que Nobunaga, cheio de ira e furor, determinou de vir sobre o Miaco com exercito formado para que, depois de instar na pazes, como fez, e não as querendo aceitar, pellejar com elle.”*<sup>201</sup>

Os *Ikko Ikki*<sup>202</sup> eram uma das associações de rebelião mais poderosas por todo o Japão. Focando-se também neste inimigo da paz e da sua hegemonia, Nobunaga arma um cerco ao quartel general da seita, o *Ishiyama Honganji*, um templo fortificado construído na presente Osaka.

O cerco começado em 1569 d.C. durará onze anos e terminará por intervenção do imperador. Apesar da rendição, todo o templo será arrasado, constituindo a sua base fortificada as fundações para o futuro castelo de Hideyoshi.<sup>203</sup>

Ainda antes de morrer em 1582 d.C., *Nobunaga* assegura o domínio de grande parte do território japonês com a derrota dos *Takeda*, ficando sob o seu domínio as regiões central e oriental do Japão.

---

<sup>200</sup> HAYASHIYA, Tatsusaburo; ELISON, George- Kyoto in the Muromachi Age. In: HALL, John; TAKESHI, Toyoda, ed. – Japan in the Muromachi Age. Berkeley: University of California Press, 1977. pp. 15-37.

<sup>201</sup> FROIS, Luís – História do Japam. Anot. José Wicki. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa, 1981. Vol. 2. p. 397.

<sup>202</sup> Ver “4.3 | Horizontalidade - Os Ikki e as novas associações”.

<sup>203</sup> HAYASHIYA, Tatsusaburo; ELISON, George- Kyoto in the Muromachi Age. In: HALL, John; TAKESHI, Toyoda, ed. – Japan in the Muromachi Age. Berkeley: University of California Press, 1977. pp. 15-37.

Após a sua morte, entra em cena o segundo responsável pela unificação do Japão: *Toyotomi Hideyoshi* 豊臣 秀吉 (1537-1598 d.C.)<sup>204</sup>. Filho de simples camponeses, este general de Nobunaga, após vingar o seu senhor, assegura também o controlo das suas províncias conquistadas e parte para a pacificação da parte Ocidental da Japão.

Contudo, o governo deste general será bem diferente do do seu antecessor e isso será comprovado logo quando submete *Satsuma*. Em vez de procurar aniquilar o seu adversário, preferiu uma rendição e um acordo de paz que permitisse manter aquele daimio seu vassalo.

O tempo de guerra tinha definitivamente acabado e o longo período de cem anos do *Sengokujidai* tinha chegado a um fim.

O novo responsável pelo Japão tinha unificado todas as províncias e cabia-lhe agora a árdua tarefa de reconstruir as instituições e o tecido social, refazer os códigos de leis e impor um governo estável e duradouro.

## 5.2 | A POLÍTICA NACIONAL DE HIDEYOSHI

Com a unificação do país inteiro alcançada, cabia agora estabilizar e agregar as diferentes facções, herança de um período de desunião e desordem. Hideyoshi tinha agora que planear a reestruturação social, económica e política de um país destruído pela guerra.

Ainda que a estabilização final tenha sido a responsabilidade do próximo dos três unificadores – *Tokugawa Ieyasu* 徳川 家康 (1543-1616) - com o refinamento das leis e a criação de instituições que permitiram a estabilidade duradoura da política japonesa; foi Hideyoshi que através de leis e éditos mais temporários e momentâneos conseguiu construir as

---

<sup>204</sup> *Hideyoshi* nunca será xogum, devido à sua herança familiar. Só os de linhagem imperial podiam ascender a líderes militares. Contudo em 1585 *Hideyoshi* ascende a *Kampaku* 関白, e em 1586 a *Daijoudaijin* 太政大臣, uma espécie de primeiro ministro. De qualquer forma, o seu poder era hegemónico e a partir da submissão de todo o Japão ninguém o questionaria. HALL, John – Introduction. In: HALL, John; MCCLAIN, James, eds – *The Cambridge History of Japan*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2006. vol. 4. pp. 1-40.



bases de uma estrutura social. Apesar de nunca ter atingido o posto de Xogum (a sua linhagem não era nobre), Hideyoshi ascendeu ao posto de *Kampaku*, ou seja, o conselheiro geral do imperador. Ainda que não fosse Xogum, Hideyoshi detinha a hegemonia da política do país.

O primeiro problema que se punha eram os conflitos locais e o desafio dos senhores locais ao poder hegemónico do Xogum – deste caso do *Kampaku*.

Assim, o primeiro passo foi a separação total entre as classes. Começou-se por definir bem cada classe através da política do *Mibunsei*. Este conjunto de leis definia cada classe e os seus direitos e deveres.<sup>205</sup>

O primeiro efeito desta política foi o desarmamento de camponeses que de tempos a tempos se revelavam focos de perturbações locais. A proibição de ascensão social fazia com que o camponês estivesse “condenado” a trabalhar a terra para sempre, eliminando ambições e focando-o no trabalho da produção agrícola.

A classe guerreira também foi visada nesta política, pois eram obrigados não só a estarem junto do seu senhor, sendo-lhes removidas responsabilidades de administração agrícolas, como eram regularmente movidos entre domínios.

Eram-lhes consignadas diferentes terras, longe da sua província natal, para que não pudessem estabelecer laços com os camponeses, evitando-se traições e corrupção. A única lealdade do samurai era para com o seu daimio.<sup>206</sup>

Com as classes bem definidas, eram potenciadas uma paz e uma estabilidade não sentida no país desde a fundação de *Heian*. Com os camponeses focados na produção agrícola, o seu trabalho começou a

---

<sup>205</sup> OSAMU, Wakita - The social and economic consequences of unification. MCCLAIN, James, trad. In: HALL, John; MCCLAIN, James, eds – *The Cambridge History of Japan*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2006. vol. 4. pp. 96-127.

<sup>206</sup> Ibidem.

render mais. Outro factor para o aumento do produto agrícola foram os censos levados a cabo por *Hideyoshi*.

Os *Taikounokenchi* foram os censos de propriedade efectuados a mando de *Hideyoshi*.<sup>207</sup> O seu objectivo era conhecer, após um período de desgoverno e corrupção, exactamente a capacidade de produção de cada província e de cada domínio.

O sistema *Shouen* tinha como principal falha o facto de as propriedades serem administradas pela classe militar ou religiosa, o que levava à evasão fiscal e à omissão de produção e riqueza.

Os novos censos pretendiam saber quanto é que se produzia e para isso eram contabilizadas não só as terras que estavam cultivadas, mas terrenos com potencial para serem cultivados como os terrenos das casas e terrenos baldios.

Este aspecto dos censos fomentou uma pressão para aumentar a produção, pois era sobre a potencial capacidade de produção que eram aplicados os impostos.

Outro aspecto crucial dos impostos e que reforçou ainda mais o poder hegemónico de *Hideyoshi*, foi a passagem de toda a propriedade para o Estado. Ninguém era, formalmente, o dono da terra em que trabalhava ou que administrava, sendo apenas cedidas as terras. Isto criava uma dependência constante do poder central e a qualquer momento os administradores (os samurais) podiam ser transferidos para outras terras. *Hideyoshi* tinha as diferentes classes dominadas e completamente submetidas ao seu controlo.

Por todas as restrições que impuseram, a separação das classes e os censos permitiram uma independência das diferentes classes. Os camponeses, distintos dos cidadãos das cidades (classe emergente mais uma vez<sup>208</sup>), juntavam-se em associações e escolhiam um líder,

---

<sup>207</sup> Ibidem.

<sup>208</sup> Ver “5.3 | As novas cidades”.

resolvendo disputas e decidindo o governo da aldeia. Este sistema de autogovernança nas aldeias era herdado do Sengokujidai e, em vez de ter sido substituído por um novo sistema de governo, foi mantido e aproveitado por *Hideyoshi*.

Os samurais eram responsáveis pela administração, porém, afastados das suas terras, junto do seu daimio, só se preocupavam em garantir a colecta dos impostos, dedicando-se, à falta de guerras e conflitos armados, às artes da caligrafia, desenho, chá e outras práticas culturais e artísticas.

Outro aspecto fundamental da política nacional de Hideyoshi foi a abolição do poderio económico da capital. Até ao governo de Hideyoshi, a capital tinha controlo absoluto sobre a sua administração interna. Nem as diversas incursões de Nobunaga conseguiram enfraquecer este poder e tornaram-se um sério entrave à implementação de leis a nível nacional, por parte deste general. As políticas, que tão facilmente conseguia impor nas suas províncias, eram ignoradas pelos poderes instituídos na cidade. Por ter o monopólio na manufatura de vários produtos e um grande poder económico – sendo o único mercado central do arquipélago e deter o monopólio na venda de muitos produtos – contestar o poder da capital era arriscar levar à ruína o país inteiro.

O monopólio da cultura detido por Quioto é atestado já por Fróis no século XV:

*“Pela cidade do Miaco ser a metropoli de todo Japão, fonte de suas leys, corte principal em que sempre rezide o Dairi e o Cubósama, alli concorre ordinariamente a gente de todos os 66 reinos, e fazem traça do modo de proceder do Miaco para se regularem por ahi em seos reinos, de maneira que, o que alli se aprova, hé estimado nas partes remotas (...)”*<sup>209</sup>

Hideyoshi tomou como objectivo enfraquecer este poder, propondo-se a distribuir o comércio por todo o território. Começou pelo abolimento das

---

<sup>209</sup> FROIS, Luís – História do Japam. Anot. José Wicki. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa, 1976. Vol. 1. p. 155.

portagens e concedeu monopólios a várias cidades. Ordenou a construção de mercados em cidades instaladas junto às grandes estradas e desenvolveu as cidades sob o seu controlo.

*Oyamazaki, Sakai, Tennoji e Hiranojou* junto a Osaka, Nagoia em *Owari* junto à antiga capital dos Nobunaga e Edo, a capital dos *Tokugawa*, foram alguns dos muitos pontos onde o comércio começou a florescer. Sob a política de mercado livre, instituída por Nobunaga e aplicada sob Hideyoshi, estes novos centros atraíram comerciantes e contribuíram para o enfraquecimento da hegemonia financeira de Quioto.

### 5.3 | AS NOVAS CIDADES

Durante o *Sengokujidai*, com a sociedade fracturada e o poder militar repartido por muitos senhores locais, o território era pontuado por pequenas e rudimentares fortificações em pontos de elevada altitude. Situadas em colinas eram mais facilmente defensáveis, espalhando-se em grande número por todo o arquipélago.<sup>210</sup>

Durante a unificação do país e dos pequenos senhores sob a égide de daimios que controlavam vastos territórios, a ocupação da população concentrou-se e densificou-se. Os diferentes daimios precisavam agora de reunir rapidamente uma grande quantidade de homens sob o seu comando. Para isso começaram a estabelecer os seus quartéis-generais em locais de menor altitude e junto a estradas importantes.

Impondo portagens e taxas ao comércio que se desenvolvia à medida que o país era pacificado, conseguiam aumentar o seu tesouro promovendo o crescimento dos seus exércitos, mas também das cidades.

Instaladas em zonas planas, estas novas cidades encontravam-se mais desprotegidas e necessitavam de construções defensivas melhoradas. Foram construídos grandes castelos, com diversos recursos de defesa e

---

<sup>210</sup> SADLER, Arthur L. – *Japanese Architecture: A Short History*. Vermont: Tuttle Publishing, 2009. pp. 76-88.

retardamento de invasões, no coração destes povoamentos. Por baixo e em redor destas grandes estruturas imponentes aninhavam-se os habitantes deste novo tipo de cidades: as *Joukamachi* 城下町, literalmente “cidade debaixo do castelo”.<sup>211</sup>



FIGURA 51 – CIDADES COM MAIS DE 100000 HABITANTES NO SÉCULO XVI. AS NOVAS CIDADE-CASTELO SURTIAM IMPULSIONADAS POR UMA POLÍTICA DE MERCADO LIVRE E POR UM PAÍS UNIFICADO E EM PAZ. FONTE: SAMSON.

<sup>211</sup> NISHI, Kazuo; HOZUMI, Kazuo – What is Japanese Architecture. Tradução de de H. Mack Horton. Nova Iorque: Kodansha USA, 2012. pp. 96-103.

Também na época da unificação uma nova idealização do senhor militar surge. O daimio já não demonstrará o seu poder apenas através da guerra. Os novos castelos, as suas residências, serão decorados luxuosamente, combinando funções defensivas e de ostentação e demonstração de poder. Serão contratados vários artesãos e artistas para decorarem os interiores luxuosos destes palácios. Fugidos da capital, local de desordem e ausente de patronos, os artistas e artesãos encontraram nos novos assentos de poder refúgios onde podiam mais uma vez vender a sua arte.<sup>212</sup>

No final da época até os exteriores serão apetrechados de elementos decorativos que serviam para enaltecer o poder do seu senhor. Os novos castelos tendo começado por ser estruturas capazes de aguentar prolongados cercos e invasões por exércitos hostis, acabam por se tornar em símbolos do poder do daimio sobre toda a região.

O comércio também foi outro potenciador destes novos assentamentos. Os senhores beneficiavam financeiramente do estabelecimento dos comerciantes e estes ganhavam novos mercados.<sup>213</sup>

As cidades-castelo tornaram-se polos de cultura e comércio atraindo um grande número de camponeses, atraídos pelas novas oportunidades de escaparem à servidão nos campos. À semelhança dos camponeses, estes habitantes da cidade que se juntavam aos artesãos e comerciantes agrupavam-se em associações e viviam em proximidade uns dos outros, constituindo ligas de vizinhança e governando os seus bairros com relativa independência, sendo responsáveis pela manutenção de esgotos e ruas, assim como da construção de pontes e resolução de disputas locais.

---

<sup>212</sup> BERRY, Mary Elizabeth – *The Cuture of Civil War in Kyoto*. Berkeley: University of California Press, 1991. pp. 286-303.

<sup>213</sup> NOBUHIKO, Nakai - Commercial change and urban growth in early modern Japan. In: HALL, John; MCCLAIN, James, eds – *The Cambridge History of Japan*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2006. vol. 4. pp. 519-596.

O daimio e a classe militar eram a elite e preocupavam-se apenas com o policiamento e defesa dos seus novos bastiões e da colecta de impostos, intervindo politicamente a um nível regional e numa macro escala.

Aliadas a estas novas cidades, novos tipos de povoações também assomavam por todo o Japão, alimentadas pelas cidade-castelo e pelo comércio que era impulsionado por todo o país.<sup>214</sup>

#### 5.4 | O PLANO URBANO DE HIDEYOSHI – CIDADES CASTELO

Ao contrário do seu antecessor, *Hideyoshi*, durante os seus primeiros anos de governo, ignorou o plano político de Quioto.

Dirigiu primeiro a sua atenção para Osaca e para a construção do seu castelo em *Momoyama*. Focado em retirar importância à capital, tentou descentralizar o mercado e destruir os monopólios da antiga capital.

Contudo, anos mais tarde, percebeu, à semelhança do *Bakufu* dos *Ashikaga*, que a legitimidade conferida pelo imperador e pela sua corte, concediam-lhe poder político que se sobrepunha ao poder militar, principalmente numa época de pacificação.

Em 1584 d.C., tendo perdido uma importante batalha contra *Tokugawa Iyesau*, percebeu que a defesa da sua posição passará pelo imperador e pela formação de um simbolismo de poder.

Para este fim, focou a sua atenção na capital. Em 1585, recebeu títulos e honras após ter mandado reconstruir o palácio imperial. Foi pelos favores concedidos ao imperador que adquiriu legitimidade e títulos.

Em 1586, é-lhe concedido o cargo ministerial mais alto, o *Dajoudaijin*. Começa então uma demanda por opulência e exaltação do seu nome e

---

<sup>214</sup> Para a evolução destas cidades ver CARMO, Filipe – Castle Cities and their effect on Modern Japan. In KONG, Mário; MONTEIRO, Maria; Neto, Maria João - *Modernity, Frontiers and Revolutions: Proceedings of the 4<sup>th</sup> International Multidisciplinary Congress*. Leiden: CRC PRESS, 2018. pp. 103-108.

do seu governo. Também à semelhança de *Yoshimitsu* quase duzentos anos antes, ordena a construção de um luxuoso e requintado castelo que ocupava uma área de vários quarteirões. Este palácio, o *Jurakudai*, servia ao mesmo tempo como palácio e castelo, muito à semelhança do que ocorrerá com as residências dos daimios.

Contudo, não foi apenas esta construção a sua única adição à imagem da cidade. Na verdade, toda a cidade sofrerá mais uma transformação pela imposição de um novo plano urbano. Ao contrário do de *Yoshimitsu*, o plano urbano de Hideyoshi intervirá em todas as áreas da Quioto. Uma das principais razões para isto foi a grande destruição pela qual a capital passou durante os mais de cem anos de guerras e batalhas, que com os fogos despoletados arrasaram grande parte dos edifícios presentes.

## 5.5 | O CENTRO DA NOVA QUIOTO – O JURAKUDAI

Quando Hideyoshi se decide a construir o seu palácio, fá-lo na proximidade do palácio imperial, mas ainda afastado o suficiente para permitir algum espaço entre os dois.

Este intervalo será fundamental para a acomodação dos seus generais. Uma das medidas para serenar os diferentes daimios foi convocá-los para a capital, separando-os dos seus quartéis gerais. Os senhores militares que se deslocavam precisavam de uma zona para construírem as suas residências, mesmo que temporárias. Como senhor sobre todos os outros senhores, Hideyoshi reúne-os à volta do seu palácio.

Formou-se assim um enclave exclusivamente de militares. Este enclave que rodeava o palácio a toda a volta, servia dois objectivos: manter sob controlo apertado os daimios e criar uma segunda linha de defesa contra potenciais invasores. Na eventualidade de uma invasão, os exércitos teriam de passar por uma zona repleta de militares armados e prontos a defenderem-se.





FIGURA 52 – A FORTALEZA DE HIDEYOSHI, O JURAKUDAI. DO ALTO DA SUA BASE MURALHADA O TENSU ERGUIA-SE SOBREPONDO-SE A TODA A CIDADE. FONTE: WIKIPEDIA.

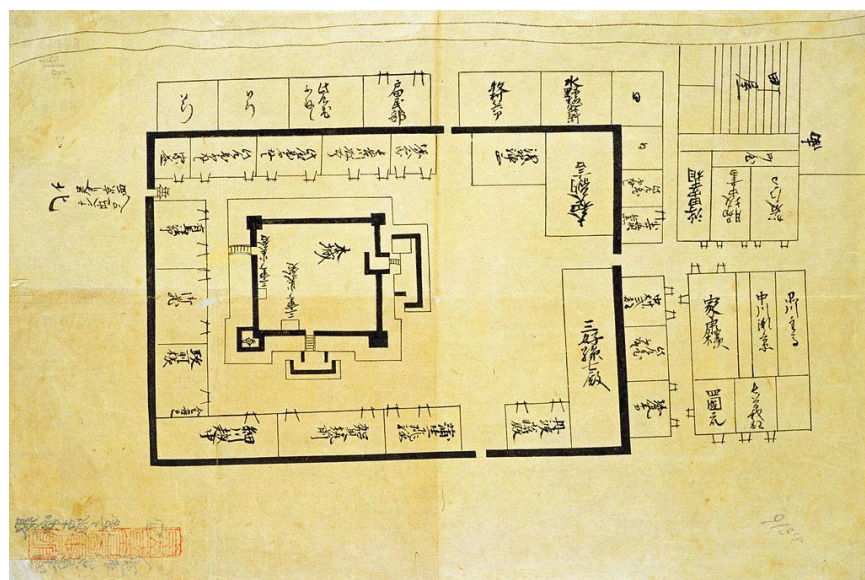


FIGURA 53 – PLANTA DO JURAKUDAI. OS GEURREIROS MAIS LEAIS VIVIAM JUNTO DE HIDEYOSHI, RODEANDO A SUA FORTALEZA. FONTE: WIKIPEDIA (日本古城絵図)

O centro à volta do qual todos os senhores se dispunham – o *Jurakudai* 聚楽第 - era um palácio fortificado de dimensões grandiosas. Relatos escritos falam de muralhas de pedra que se estendiam por 3000 bu (4.8km), portas de ferro e cobre maciças e telhados de telha de cipreste. Neste aspecto podemos notar a influência do antigo estilo *Shinden*. Estes telhados simbolizavam o elevado posto hierárquico de Hideyoshi na corte imperial.<sup>215</sup>

Além da muralha exterior, rodeada por um fosso, outras linhas defensivas erguiam-se dentro do recinto, aumentando a capacidade de defesa.

Finalmente, um enorme *Tenshu*, uma enorme torre imponente, dominava toda a antiga capital do alto dos seus três andares, em que nenhum edifício se erguia acima dos dois andares, nem mesmo o palácio do imperador. Esta torre era o símbolo último do poder do *Kampaku*, vista de toda a cidade, marcava o centro, marcava o senhor da capital e o senhor hegemónico do país.

O topo desta torre foi decorado com estátuas em forma de peixes, à semelhança dos antigos palácios da época *Heian*, o último piso tinha aberturas para os quatro lados, com uma varanda, o que tornava todo o edifício mais dedicado a simbolizar um poder absoluto, do que propriamente servir de estrutura defensiva.

O contraste entre um exterior defensivo e altivo e um interior luxuoso e requintado é posto em evidência por Samson:

---

<sup>215</sup> STAVROS, Mathew – *Kyoto: An Urban History of Japan's Premodern Capital*. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2016. pp. 158-161.

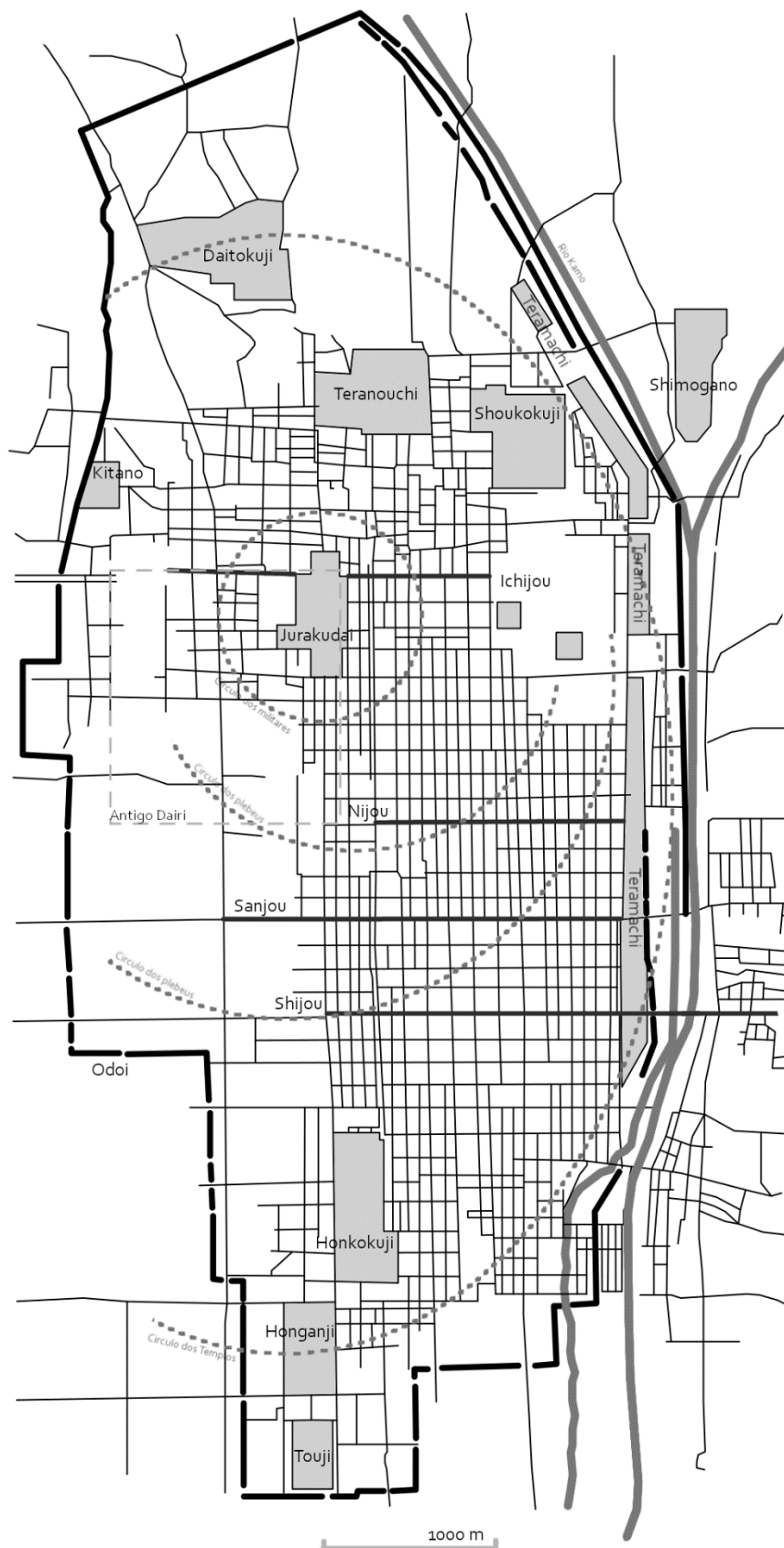


FIGURA 54 – O PLANO DE HIDEYOSHI PARA A CIDADE DE QUIOTO MOSTRANDO AS DIFERENTES CINTURAS. FONTE: STAVROS.

*“Este edifício era uma manifestação característica do seu gosto. Ocupava um grande espaço de área quase igual à do recinto do Palácio Imperial, e era rodeado por um fosso e muralhas espessas de grandes quarteirões encaixadas como as dos castelos de Azuchi e de Osaca. Do exterior parecia um forte, mas os aposentos interiores eram ricamente decorados. Hideyoshi mudou-se do Osaca para ali no Outono de 1587 e, no primeiro mês de 1588, convidou o novo imperador Go-Yozei como hóspede.”<sup>216</sup>*

O plano urbano de Hideyoshi partia do centro militar imposto à capital, com a imponente estrutura militar dominando o centro simbólico da cidade. A partir daqui a cidade expandia-se concêntricamente. A primeira cintura era a dos militares.

Ainda dentro das muralhas do castelo, os primeiros círculos eram os *Hatamoto* do senhor, ou seja, os samurai ao seu serviço directo e em quem ele mais confiava. A estes seguiam-se, por hierarquia, os seguintes militares, seus súbditos.

A proximidade ao centro determinava o estatuto do samurai ou do Daimio e a confiança de Hideyoshi neste. Os militares menos leais ou com menos estatuto estabeleciam-se na periferia da cidade, formando uma primeira, e dispensável, defesa contra possíveis invasores e contestatários ao seu poder.

Logo depois da primeira cintura de militares, dispunha-se a cintura dos mercadores e artesãos, actores fundamentais na construção de novos palácios e na reconstrução das antigas estruturas. Atraídos, primeiro pelo esforço reconstrutor de Nobunaga, secundado por Hideyoshi, aos artesãos e artistas não faltou trabalho e oportunidades de desenvolverem a sua arte. Entre o centro do poder e a periferia da cidade,

---

<sup>216</sup> “This building was a characteristic expression of his taste. It occupied a great space almost equal in area to the Imperial Palace Enclosure, and it was surrounded by a moat and thick walls of great blocks of masonry fitted together like those in the castles of Azuchi and Osaka from outside it looked like a fortress, but the inner apartments were richly decorated. Hideyoshi moved there from Osaka in the fall of 1587, and in the first month of 1588 he invited the newly enthroned Emperor Go-Yozei to be his guest.” SANSOM, George - A History of Japan, 1334-1615. 7ªed. Tóquio: Tuttle, 1990. p. 341.

este círculo formava a massa da cidade, e a maior parte do tecido construído era formado por estas classes.

Com um maior volume de negócios os mercadores e os artesãos insinuam-se na nova cidade de Hideyoshi. As suas casas demonstram sinais de riqueza, algo que não acontecia desde a devastação da guerra Ounin. O tempo da instabilidade acabara e a nova era permitia construções mais luxuosas até pelas classes mais baixas.

Tanto os bairros dos artesãos e comerciantes como dos militares assentava num tecido reticulado, ortogonal. Este tecido herdado da época de Heian era a única forma de construir e desenhar cidades que os japoneses possuíam, não havendo conhecimento de outro tipo de traçados. Por muito tempo este tipo de tecido havia sido sinónimo de urbanidade.<sup>217</sup>

A última cintura de construções era constituída pelos templos. Três enclaves foram criados ao redor da cidade, na sua periferia. O Teramachi, uma cintura continua de templos a Nordeste junto ao rio Kamo, e o Teranouchi, a Norte, local de antigos sítios de peregrinação, foram enclaves formados em terrenos providos pelo déspota, de forma a retirar os templos do centro da cidade para a sua periferia. O terceiro enclave, o Honganji, o novo quartel general da seita Jinshuu, atraía esta seita, provocadora dos maiores distúrbios e com mais historial de poder militar e irreverência; para a capital.<sup>218</sup>

Desta forma, Hideyoshi atraía e expulsava os templos, concentrando-os numa cintura à volta da capital. Esta cintura aliada à dos militares inferiores, constituía a principal defesa da cidade, muito mais do que qualquer muralha. Com construções que se assemelhavam a fortes, militares e monges dispostos a defender a sua vida, estas zonas eram

---

<sup>217</sup> MORRIS, Anthony – *History of Urban Form: Before the Industrial Revolution*. 3ªed. Londres: Longman Scientific & Technical, 1994. pp. 404-409.

<sup>218</sup> HAYASHIYA, Tatsusaburo; ELISON, George- Kyoto in the Muromachi Age. In: HALL, John; TAKESHI, Toyoda, ed. – *Japan in the Muromachi Age*. Berkeley: University of California Press, 1977. pp. 15-37.

obstáculos impenetráveis, permitindo a defesa de Hideyoshi, enquanto mantinha perto potenciais rivais e focos de insurreição.

Contudo, contraditoriamente, *Hideyoshi* também construiu uma muralha. Ainda que de reduzidas dimensões com 9,5 metros de espessura e 2,6 metros de altura, e de pouca resistência, sendo feita em taipa; a *Odoi* foi construída como último limite da cidade.<sup>219</sup>

---

<sup>219</sup> STAVROS, Mathew – *Kyoto: An Urban History of Japan's Premodern Capital*. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2016. pp. 166-167.

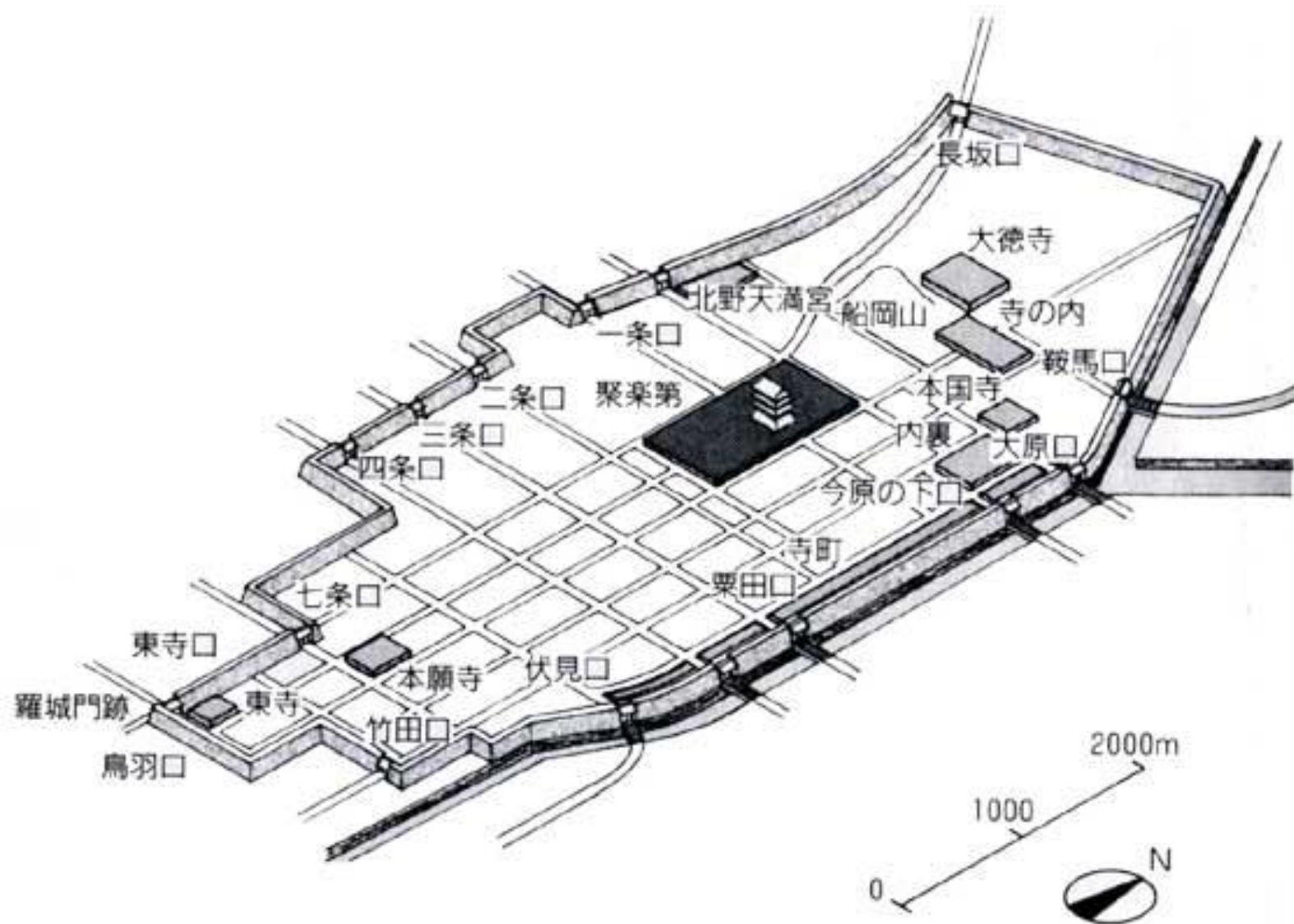


FIGURA 55 – A ODOI. ESTA MURALHA RODEAVA A CIDADE TODA ESTABELECENDO O QUE ERA OU NÃO ERA A CAPITAL E REFORÇANDO O CONTROLO DE HIDEYOSHI. O GOVERNO DA CAPITAL E POR EXTENSÃO DO PAÍS, VOLTAVA A ESTAR CENTRALIZADO.

Hayashiya (1977)<sup>220</sup> refere a importância desta muralha e justifica a sua existência pela criação de uma fortificação e controlo das entradas na cidade. Contudo, esta muralha era débil <sup>221</sup> e os pontos de entrada eram muitos, sendo ela própria fácil de ultrapassar, pela baixa altura.

Stavros (2016)<sup>222</sup> por outro lado, propõe uma mudança de autoridade e responsabilidades: o novo limite e a defesa deixava de ser responsabilidade da população, até aí autossustentada. Era agora uma autoridade que impunha as defesas, mas ao mesmo tempo a contenção da cidade. O problema com esta proposta é que as federações ainda existiam e de facto os bairros ainda mantinham um certo grau de autonomia. Ainda que Hideyoshi tivesse criado uma estrutura de poder que conferia autoridade inegável ao senhor militar, a população da cidade ainda era autónoma em grande número dos aspectos que lhes diziam respeito.

Pensamos, noutra perspectiva, que este último obstáculo era um limite. Um limite formal, que ao contrário do *Rakuchuu/Rakugai* tinha existência física, mas que à sua semelhança destrinçava claramente a esfera de poder da capital. Mais uma vez à semelhança das cidades europeias, um contentor<sup>223</sup> era formado à volta da cidade, que mais do que fornecer protecção do exterior, continha os súbditos e proclamava o poder absoluto do déspota.

---

<sup>220</sup> HAYASHIYA, Tatsusaburo; ELISON, George- Kyoto in the Muromachi Age. In: HALL, John; TAKESHI, Toyoda, ed. – *Japan in the Muromachi Age*. Berkeley: University of California Press, 1977. pp. 15-37.

<sup>221</sup> A estrutura durou pouco tempo, caindo no abandono, sendo absorvida pelas construções futuras na cidade. STAVROS, Mathew – *Kyoto: An Urban History of Japan's Premodern Capital*. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2016. pp. 166-167.

<sup>222</sup> Ibidem.

<sup>223</sup> MUMFORD (1951) identifica três fases distintas na evolução dos assentamentos humanos. Primeiro, o Homem caçador-recolector inserindo-se numa matriz patriarcal, não se estabelecia em cidades. Com os primeiros povos sedentários a basear a sua sobrevivência na agricultura, o foco passa para a mulher e, através desta, as primeiras culturas desenvolvem-se com uma matriz matriarcal. Manifestações disto incluem, o carácter involuto dos primeiros povoamentos. Na última fase, as cidades fechavam-se pelo ressurgimento da autoridade masculina e transformavam-se de elementos agregadores (o íman) para elementos que continham a população sob a autoridade de um rei ou imperador (o contentor). MUMFORD, Lewis – *The City in History: its origins, its transformations, and its prospects*. Nova Iorque: Houghton Mifflin Harcourt, 1989.



Hayashiya explica:

*“O seu [Hideyoshi] segundo grande passo foi concentrar os estabelecimentos religiosos da cidade no Teramachi e no Tera no Uchi, áreas reservadas para esse propósito.*

*Com esta medida tencionava demonstrar firmemente que o novo poder secular prevaleceria, daí para a frente, sobre a autoridade religiosa, uma relíquia do tempo medieval. Hideyoshi visava especialmente disciplinar os templos principais da seita Hokke, esses antigos centros da resistência e vida espiritual dos machishu. Finalmente, Hideyoshi decretou a construção de uma muralha de terra batida, a Odoi, que circundava Quioto, e limitou os acessos ao tráfego exterior às sete saídas tradicionais. Estas medidas eram parte de um plano de tornar Quioto numa cidade fortaleza. O ponto focal da nova jokamachi (cidade castelo) era o castelo conhecido como Juraku no Tei, para o qual o Regente Imperial, Grande Chanceler, e Hideyoshi se tinham oficialmente mudado em 1587.”<sup>224</sup>*

Quioto será assim o protótipo, o local de experimentação para um novo modelo de cidade. Um modelo que se desenvolvia a partir de uma nova realidade económica e social, mas que também reforçava esta realidade.

Hideyoshi partiu de éditos e da sua força militar, mas conseguiu alterar a morfologia das cidades de forma a adaptarem-se à nova dinâmica social que impunha.

---

<sup>224</sup> “His [Hideyoshi] second major step was to concentrate the city's religious establishments in Teramachi and Tera no Uchi, areas set apart specifically for that purpose. By this measure he intended to demonstrate firmly that the new secular power would henceforth prevail over religious authority, the relic of the medieval world. Hideyoshi especially wanted to discipline the main temples of the Hokke sect, those old centers of machishu spiritual life and resistance. Finally, Hideyoshi decreed the construction of an earthen wall, the Odoi, about the circumference of Kyoto, and he limited the avenues of traffic with the outside to the customary seven exits. These measures were parts of a plan to turn Kyoto into a fortress city. The focal point of the new jokamachi (castle town) was to be the castle known as the Juraku no Tei, into which the Imperial Regent, Grand Chancellor, and Hideyoshi had officially moved in 1587.” HAYASHIYA, Tatsusaburo; ELISON, George- Kyoto in the Muromachi Age. In: HALL, John; TAKESHI, Toyoda, ed. – *Japan in the Muromachi Age*. Berkeley: University of California Press, 1977. p. 36.

A separação de classes, o surgimento de uma nova classe urbana, e a imobilidade entre classes, eram reforçados por um modelo urbano que promovia os enclaves e não permitia a interação entre diferentes personagens sociais.

Os templos, partes maiores da antiga cidade eram mais uma vez expulsos do centro da cidade, à semelhança da iniciativa de *Kanmu* na fundação de *Heiankyou*. A sua influência, passados 800 anos ainda era perniciosa para o poder instituído. Eram agora os militares que governavam a cidade e acabaram por ocupar os postos dos antigos *Kuge*, mas mantendo as suas iniciativas culturais, como forma de demarcação de uma população menos instruída.

As cidades contemporâneas ainda apresentam esta forma urbana, tendo, com o tempo, sobreposto construções a esta matriz. Considerando a tendência natural dos japoneses a estabelecerem-se em vários centros dentro da mesma cidade <sup>225</sup>, cidades como Tóquio, apresentam-se hoje como cidades polinucleadas, mas com um tecido urbano ainda a apontar para um centro: o antigo castelo de Edo, hoje palácio e residência dos imperadores.

Talvez venha daqui a confusão ou estranheza apresentada por investigadores <sup>226</sup>, que, confrontados com uma leitura diferente a nível do traçado e da utilização, não conseguem explicar o fenómeno urbano da capital de Tóquio. Na verdade, o centro do tecido urbano aponta para o grandioso castelo, representação do poder xogunal e militar. Todavia, com a evolução natural alicerçada no pensamento japonês, surgiram novos centros e ocorreu uma dispersão desse centro.

---

<sup>225</sup> Ver Introdução e “4.3 | Horizontalidade - Os Ikki e as novas associações”

<sup>226</sup> Roland Barthes, no seu “O Império dos Signos” falha completamente na análise do centro em Tóquio, entendendo-o como algo vazio, como algo que não agrega as pessoas. Percebe-se daqui a importância que uma análise histórica e morfológica tem no estudo das cidades. Também João Silva Leite na tese de Doutoramento “Ruas Emergentes”, de 2016, não entende a profusão de centros que não coincidem com o centro no desenho urbano.

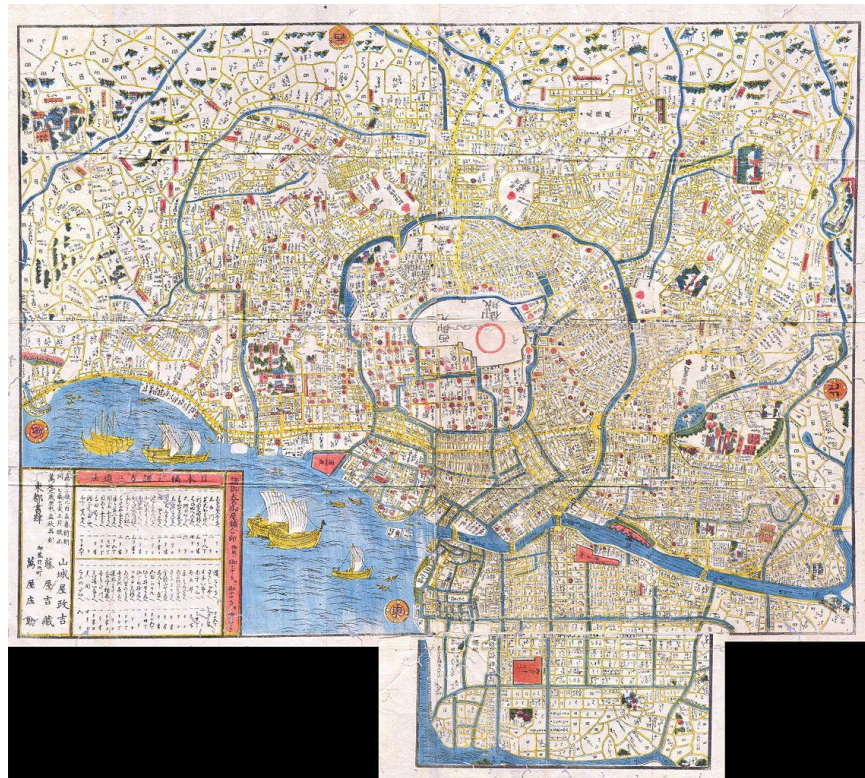


FIGURA 56 – EDO (TÓQUIO) DURANTE A DÉCADA DE 1840. OS CÍRCULOS CONCÊNTRICOS QUE IRRADIAM DA CIDADE REVELAM O SEU CENTRO E A IMPORTÂNCIA DADA A ESTE NO DESENHO DA CIDADE. FONTE: WIKIPEDIA (BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE DO TEXAS).



FIGURA 57 – O CASTELO DE HIMEJI. ESTE CASTELO ERGUIA-SE BASTANTE ACIMA DO RESTO DA CIDADE, PROCURANDO EXALTAR-SE O CARÁCTER VERTICAL DA CONSTRUÇÃO, QUE ERA REFLEXO DO DOMÍNIO DO SENHOR DA CIDADE. FONTE: WIKIPEDIA.

## 5.6 | VERTICALIDADE E CIDADES CASTELO

Um novo modelo de caracterização do espaço emergiu. O centro promulgado pelo poder militar voltava a ser exacerbado. O castelo erguia-se tal montanha divina, verdadeiro *axis mundi* de intermédio entre o imperador divino e separado do mundo, recluso, sem importância prática no mundo terreno, e a população. O Xogum será o poder efectivo no país, o verdadeiro líder e os seus diferentes daimios, submissos a ele, irão representá-lo por todo o país nos seus castelos por cima das cidades.

Até ao surgimento dos castelos e das suas torres de vários andares e elevadas alturas, nenhum edifício se erguia muito acima do piso térreo. A única excepção eram os pagodes que se erguiam vários níveis acima do solo, contudo não eram originais dos japoneses, mas sim dos chineses. Realmente, o pagode tinha já desde a sua concepção na Índia e transformação na China ideais de altura, de ligação terra e céu. Todavia, o modelo não influenciou determinantemente a arquitectura japonesa, sendo estes sempre relegados para funções secundárias e nunca centrais. Os pavilhões principais dos antigos templos budistas japoneses eram de pequena estatura e não se elevavam acima dos dois andares.

O padre Luis Fróis, ele próprio acostumado com as edificações verticais ocidentais, surpreende-se com estas construções, destacando a sua altura e como se assemelhavam às construções europeias.

*“As paredes e os muros, sendo de tão grande altura, forão fabricadas com tão acomodado artificio que, posto que, erão de pedra emsossa, estavam tão firmes e na vista tão lustrosas, que quazi não discrepavão do que as nossas obras de cantaria mostram por de fora sendo feitas de pedra e cal.”<sup>227</sup>*

---

<sup>227</sup> FROIS, Luís – História do Japam. Anot. José Wicki. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa, 1981. Vol. 2. p. 255.



**FIGURA 58 – O CASTELO DE OSACA CONSTRUÍDO POR HIDEYOSHI. ESTA CONSTRUÇÃO SOBREPÕE-SE ACIMA DE TODA CIDADE DE OSACA. SÍMBOLO DA SUPREMACIA DO SEU CHEFE. FOTO DO AUTOR.**





FIGURA 59 – CASTELO AZUCHI. O BASTIÃO DE NOBUNAGA CONSTRUÍDO EM AZUCHI. AS NOVAS FORTIFICAÇÕES MAIS ALTAS E IMPOSITIVAS ERAM OS NOVOS CENTROS QUE EMERGIAM POR TODO O PAÍS, RECENTRANDO TODA A POPULAÇÃO SOB A LIDERANÇA DE UM SENHOR. FONTE: WIKIPEDIA.

Mesmo os palácios imperiais e dos xoguns eram rasteiros e de proporções horizontais, nunca se projectando para o céu.

Na nossa perspectiva, foi só com o advento do poder hegemónico dos três unificadores, que houve necessidade de afirmar o poder através de construções verticais. A cultura arquitectónica japonesa, até aí tinha-se desenvolvido em planta, pelo tamanho da sua área, ou da sua largura, mas nunca se tinha expandido para a terceira dimensão.

Sadler (2009) também sugere que as construções verticais personificadas pelos castelos, tiveram a sua origem na introdução de armas de fogo pelos portugueses. O poder superior das novas armas necessitava de melhores estruturas defensivas. Sugere também que podem ter sido portugueses a introduzir este tipo de construção.<sup>228</sup>

Por tudo isto, acreditamos que a verticalidade não é uma característica natural do pensamento japonês. Contudo, foi aplicada e teve uma importância fundamental na morfologia urbana, sendo ainda fundamental para perceber a forma das cidades contemporâneas.

## **5.7 | REPRESENTAÇÕES *UKIYOE* E UMA NOVA CLASSE BURGUESA**

Com a pacificação do país, as novas classes emergentes das novas cidades começavam a adquirir riqueza que nunca tinha estado tão distribuída. Os habitantes da cidade permitiam-se a participar na vida cultural do país e, como antes no surgimento do Suki-yazukuri, vão influenciá-la demarcadamente.

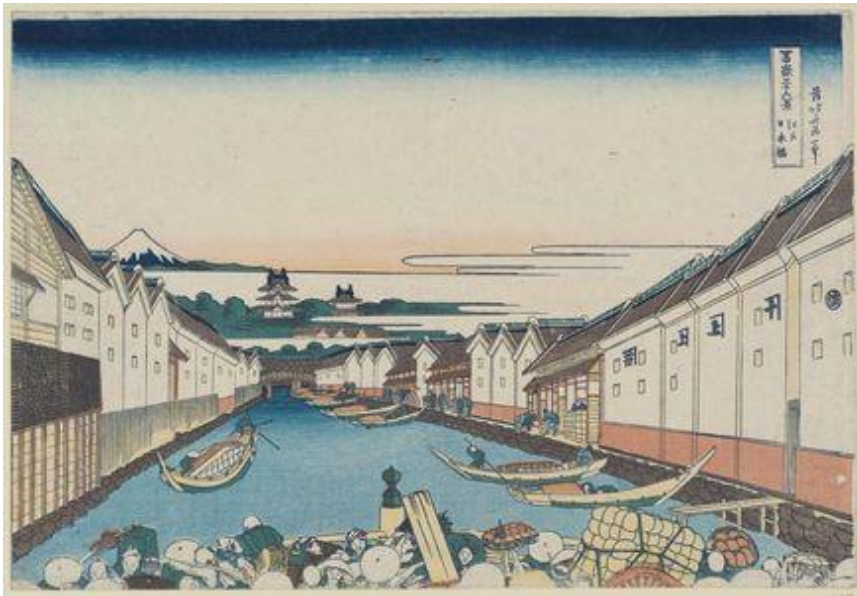
O novo conceito de um único centro, erguido tal *axis mundi* a governar a extensão horizontal composta pelos seus súbditos, marcou indelevelmente o pensamento japonês.

---

<sup>228</sup> SADLER, Arthur L. – Japanese Architecture: A Short History. Vermont: Tuttle Publishing, 2009. pp. 76-88.



Além do desenho urbano e da arquitectura monumental dos castelos que apareceriam por todo o país, nas cidades aparece uma nova forma de representação do fenómeno arquitectónico.



**FIGURA 60 – NIHOMBASHI EM EDO DURANTE A DÉCADA DE 1830, PELO ARTISTA HOKUSAI. O MONTE FUJI NÃO PODERIA APARECER NESTA VISTA, CONTUDO É INCLUÍDO AO LADO DO TENSUU DO XOGUM, COMO AFIRMAÇÃO DA AUTORIDADE DESTE. FONTE: WIKIPEDIA (METROPOLITAN MUSEUM OF ART).**



**FIGURA 61 – JURAKUDAI BYOBOZU. COMPARE-SE A REPRESENTAÇÃO NESTE BIOMBO DO JURAKUDAI COM A REPRESENTAÇÃO ANTERIOR. O ELEMENTO VERTICAL É ACENTUADO E A PERSPECTIVA É FEITA DE UM PONTO MAIS HUMANO. FONTE: STAVROS (MITSUI MEMORIAL MUSEUM).**



Se nos lembrarmos das anteriores representações feitas por comissão dos grandes senhores aristocráticos ou militares, o seu ponto de vista era sempre a partir do topo. Era como uma visualização de uma cena de um ponto privilegiado e mais alto do que as personagens ou os edifícios. As perspectivas eram ortogonais e os edifícios não sofriam deformação, porque o ponto de vista era superior. As pessoas apresentavam posturas rígidas e apareciam a realizar rituais ou a representar cenas de contos, sem grande realismo.

As novas formas de representação foram feitas a pensar num novo gosto. Num gosto mais popular, inserido no urbano, que procurava representações mais naturais, de cenas do quotidiano. Ruas, ladeadas por lojas de todo o tipo de produtos, pontes, multidões azafamadas, todas estas cenas são temas deste novo estilo de representações, os *Ukiyoe*. Mais baratos e, portanto, mais acessíveis ao público em geral, terão cores mais vivas e serão feitos em grandes tiragens, através do método da gravura.

O cenário urbano representado nestas gravuras, tomará um novo ponto de vista, o do cidadão comum. Já não vista de um ponto alto, a cidade aparecerá desenhada com uma perspectiva cónica, imitando o olhar da pessoa comum.

A pintura aproxima-se da população, contudo estas representações urbanas ainda apontam para um centro, para um ponto vertical. Mais um ponto a comprovar que a verticalidade vai ficar gravada no pensamento japonês é a representação do Monte Fuji nos *Ukiyoe*.

Muitas vezes exagerado na sua altura, outras vezes desenhado onde não poderia ser visto, o Monte Fuji vai adquirir o estatuto de um templo ou de um castelo, na cidade de Edo. Um verdadeiro símbolo de verticalidade, do erguer da terra em direcção ao céu.

A montanha que as pirâmides ou os zigurats, a acrópole ou o monte Palatino procuravam imitar, os japoneses têm-na nos seus castelos e nas próprias montanhas.

## 5.8 | REFLEXÕES PARCIAIS

A unificação do país permitiu a recriação de um estado central. Hideyoshi necessitou não só de políticas que estabilizassem a população, como também de instituições que controlassem a mesma. Para além desta dimensão política e administrativa, reedificou a capital, o antigo assento de poder e centro tradicional do poder no Japão.

Em Quioto, fundará uma nova cidade, assente ainda em algumas avenidas antigas, mas com um desenho urbano drasticamente diferente. Não era já o palácio imperial o foco principal do plano, mas sim a sua residência, o *Jurakudai*. Este era o foco central de vários círculos concêntricos, que organizavam a cidade.

Esta organização urbana cedo se espalhou para o resto do Japão, tornando-se o modelo de urbanidade de grande parte das novas cidades, como Edo ou Nagoya.

Também nestas novas cidades-castelo, ou *Joukamachi*, à semelhança do *Jurakudai*, eram erigidas residências fortificadas. Estas eram o símbolo da supremacia do seu senhor que se erguia acima de toda a cidade.

O que era uma sociedade horizontal, com todos os seus edifícios com pouca altura e esmagados por grandes telhados, tem agora imposto um centro vertical. Os senhores exploram esta verticalidade como forma de demonstração do seu poder, numa época em que a guerra já não é um método possível de demonstração.



## REFLEXÕES FINAIS

---

O Japão constituiu-se como um fenómeno cultural único no Mundo, devido principalmente ao seu carácter insular.

A presente dissertação procurou perceber como os diferentes fenómenos socio-históricos e culturais influenciaram a construção de uma identidade urbana e arquitectónica única.

Através da evolução morfológica da cidade de Quioto, capital e centro de poder de toda a nação, podemos perceber não só as principais dinâmicas sociais, mas o seu impacto definitivo na expressão arquitectónica. O que começou por ser uma cidade regrada, com um desenho rigoroso, local de representação do poder do imperador, cedo se desmorona e transforma. A idealização herdada dos chineses não se coadunou com o espírito japonês. Aquilo que nasceu ideal, transformou-se pela realidade.

A forma da cidade e dos seus edifícios e, principalmente a sua evolução ao longo do tempo, foram indicadores claros de uma essência do pensamento japonês. O estudo das características manifestadas desta essência é fundamental para conseguir adequar o desenho em intervenções em contexto japonês.

Do estudo presente, concluímos quatro características da arquitectura e da forma da cidade que se mostram imprescindíveis para compreender a cidade e os edifícios japoneses:

Sombra/Luz: a preferência pela sombra é algo que contrasta profundamente com o gosto ocidental, mas os japoneses, ao longo da história, mostraram uma preferência por espaços que um ocidental chamaria sombrio. A sombra que vela, traz a segurança daquilo que não se vê e que não tem preocupações de se mostrar. A luz característica dos rituais importados da China foi um dos principais factores de afastamento dos modelos cerimoniais chineses. As estruturas imperiais, os grandes e abertos locais de rituais na cidade e os pátios herdados do

pensamento chinês não foram mantidos devido à sua grande abertura para a luz. Espaços escondidos que filtravam a luz e protegiam os seus habitantes foram preferidos, revelando esta característica.

*Hare/Ke*: a forma como os japoneses entendem o espaço público é fundamentalmente diferente da chinesa e da ocidental. Esta dualidade do *Hare* – o brilhante e impoluto mundo público, dos rituais e da presença social; e do *Ke* – o mundo confortável e descomprometido do privado; teve uma influência na evolução urbana de Quioto. A divisão entre o *Rakuchu* e *Rakugai* foi a manifestação deste aspecto e a evolução do espaço *Shinden* para o espaço *Shouin* foi uma procura pelo mundo privado, sem a pressão dos rituais imperiais. Estabelece-se também no espaço *Shouin* a ligação entre o mundo privado e a sombra.

Horizontalidade: a desagregação de um poder central revelou uma tendência, que se tinha vindo a manifestar discretamente desde a fundação de Quioto: a horizontalidade. Os japoneses tendem a organizar-se em extensão e não numa hierarquia vertical. Preferindo organizações de pares, os japoneses associaram-se (como ainda hoje<sup>229</sup>) em grupos horizontais, fazendo-se representar por um deles. As associações de *Machi* progrediram para o mundo contemporâneo, em que algo muito semelhante às unidades de vizinhança propostas por Perry, se verifica. Um tecido social bastante coeso, manifestado no que se pode referir como manta de retalhos da cidade japonesa<sup>230</sup>: diferentes zonas habitacionais, fortemente unidas. A horizontalidade é um elemento imensamente forte no desenho urbano e arquitectónico japonês. Os edifícios são baixos e largos, desenvolvendo-se em planta e não atingindo grandes alturas. As cidades espriam-se por vários quilómetros e a sociedade organiza-se horizontalmente, fazendo-se representar por delegados.

---

<sup>229</sup> LEBRA, Takie Sugyama - *The Japanese Self in Cultural Logic*. Honolulu: Hawai'i, 2004. pp. 37-98.

<sup>230</sup> MAKI, Fumihiko – *Nurturing dreams: collected essays on architecture and the city*. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology, 2008. pp. 150-153.

Verticalidade: a sobrepor-se à tendência para a horizontalidade, surgiu a verticalidade imposta artificialmente por Hideyoshi. Os grandes castelos e o modelo urbano concêntrico que implementou foram impostos a uma matriz horizontal da cidade antiga. Os japoneses nunca construíram em altura e só com Hideyoshi é que as grandes construções em altura surgiram. Põe-se a questão do impacto dos contactos com os recém-chegados ocidentais nesta formulação, pela coincidência de datas. As grandes construções em pedra e um modelo com um centro bem definido não tinham paralelo no pensamento japonês e as suas origens podem ter sido exógenas.

Através das análises aqui apresentadas foi possível reconhecer claramente um padrão de ocidentalização do desenho urbano, ainda mais cedo do que é comumente apontado na historiografia japonesa. O impacto dos portugueses e restantes povos europeus, não pode ter sido circunscrito à religião e à ciência que introduziram, tendo-se certamente estendido às construções militares. Os castelos, a imposição de um centro único e a criação de limites físicos na cidade, onde não havia história deste fenómeno, são manifestações muito difíceis de ignorar desta aculturação. Ainda que não tenhamos encontrado literatura sobre este aspecto, ou documentos sobre este acontecimento, surge daqui uma questão a prosseguir futuramente.

Não se pretende, com esta dissertação exaltar o pensamento japonês, mas sim entendê-lo. Os aspectos observados mostram-se imprescindíveis para o entendimento da cidade e arquitectura japonesas. A questão do Nihonjiron é fracturante nos estudos japoneses, contudo pensamos ter encontrado características únicas japonesas, mostrando como estas foram aplicadas ao longo da história, tendo ainda importância no pensamento actual. A presente tese procurou também ser mais um ponto nesta discussão, adoptando uma visão de singularidade do fenómeno japonês.

Apesar de termos respondido a todas as questões propostas, outras perguntas surgiram e estas partem do questionamento dos pressupostos que mantivemos ao longo desta dissertação.

Se não afirmarmos o urbano sob o espectro ocidental, será que podemos constatar como Morris<sup>231</sup> que a única cidade do Japão, até à cidade-castelo foi Quioto?

Quais são, de facto, e numa visão universal, os elementos que caracterizam uma cidade? Será que todas elas surgem da imposição de um poder central acima de uma população submetida?

Este foi um estudo que tendo partido do fenómeno urbano e arquitectónico japonês, ajudou a formular questões sobre a própria cidade e a sua morfologia. Importa perceber a cidade, nas suas diferentes manifestações ao longo do tempo e do espaço, de modo a adquirir uma teoria universal das suas origens e evolução.

---

<sup>231</sup> MORRIS, Anthony – *History of Urban Form: Before the Industrial Revolution*. 3ªed. Londres: Longman Scientific & Technical, 1994. pp. 404-409.







Quioto do plano histórico à cidade real

Este documento contém 46698 palavras.



## BIBLIOGRAFIA

### HISTÓRIA DA CIDADE

ELIADE, Mircea – *Cosmos and History: The Myth of the Eternal Return*.

Trad. Willard Trask. Nova Iorque: Harper Torchbooks, 1959.

KOSTOF, Spiro – *The City Assembled: The Elements of Urban Form*

*Through History*. Londres: Thames and Hudson, 1992.

MORRIS, Anthony – *History of Urban Form: Before the Industrial*

*Revolution*. 3ªed. Londres: Longman Scientific & Technical, 1994. ISBN – 0-582-30154-8.

MUMFORD, Lewis – *The City in History: its origins, its transformations,*

*and its prospects*. Nova Iorque: Houghton Mifflin Harcourt, 1989.

RYCKWERT, Joseph – *The Idea of a Town*. Nova Jérsei: Princeton

University Press, 1976.

### CHINA

COTTERELL, Arthur – *The Imperial Capitals of China*. Londres: Pimlico,

2007. ISBN 9781845950101.

FENG, Jiren - *Chinese architecture and metaphor: Song culture in the*

*Yingzao fashi building manual*. Honolulu: Hawai'i University Press, 2012.

ISBN 978-0-8248-3363-3.

KONG, Mário – *Harmonia e Proporção: Um Olhar sobre o Desenho*

*Arquitetónico no Ocidente e no Oriente*. Lisboa: Insidecity, 2012. 978-

989-8388-04-9.

SICKMAN, Laurence; SOPER, Alexander – *The Art and Architecture of*

*China*. 3ªed. Londres: Penguin Books, 1968.

SIT, Victor – *Chinese City and Urbanism: Evolution and Development*.

Singapura: World Scientific Publishing Company, 2010. 978-

9814293723.

SKAFF, Jonathan - *Sui-Tang China and Its Turko-Mongol Neighbors: Culture, Power, and Connections, 580–800*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2012. ISBN 978-0-19-973413-9

STEINHARDT, Nancy – *Chinese Imperial City Planning*. Honolulu: University of Hawaii Press, 1990.

WRIGHT, Arthur – The Sui Dynasty. In TWITCHETT, Denis – The Cambridge History of China. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1979. vol. 3. Parte 1.

#### HISTÓRIA DO JAPÃO

AKIRA, Imatani; YAMAMURA, Kozo - Not for Lack of Will or Wile: Yoshimitsu's Failure to Supplant the Imperial Lineage. In *The Journal of Japanese Studies*. Vol. 18, Nº 1 (1992), pp. 45-78. [Consult. 07-09-2018]. Disponível internet:<URL: <https://www.jstor.org/stable/132707>>.

AKIYAMA, Teruzaku [et al.] - *Dictionnaire historique du Japon* [em linha]. [Consult. 07-09-2018]. Disponível na internet:<URL: <https://www.persee.fr/collection/dhjap>>.

ASAKAWA, K. – *The early Institutional Life of Japan: A Study in the Reform of 645 A.D.* Tóquio: Tokyo Shueisha, 1903.

ASAKAWA, K. - The Origin of the Feudal Land Tenure in Japan. In *The American Historical Review*. Vol. 20. Nº 1 (Oct., 1914), pp. 1-23. [Consult. 13-06-2018]. Disponível internet:<URL: <http://www.jstor.org/stable/1836114>>.

HALL, John - Foundations Of The Modern Japanese Daimyo. In: HALL, John; JANSEN, Marius - *Studies in the Institutional History of Early Modern Japan*. Nova Jersey: Princeton University Press, 1968. pp 65-78.

HALL, John – The Muromachi Bakufu. In: YAMAMURA, Kozo – *The Cambridge History of Japan*. 6ª ed. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2006. vol.3. ISBN-13 978-0-521-22354-6. pp. 175-231

JIRO, Iwamoto - Jori system-division of cultivated land in Ancient Japan. In: *Dialogues d'histoire ancienne*. Vol. 12. (1986). pp. 471-478. [Consult. 16 Mai. 2018]. Disponível na internet:<URL: [https://www.persee.fr/doc/dha\\_0755-7256\\_1986\\_num\\_12\\_1\\_1736](https://www.persee.fr/doc/dha_0755-7256_1986_num_12_1_1736)>.

KEENE, Donald – *Yoshimasa and the Silver Pavilion: The Creation of the Soul of Japan*. Nova Iorque: Columbia University Press, 2003. ISBN 0–231–13056–2.

KIDDER, J. Edward - *Himiko And Japan's Elusive Chieftdom Of Yamatai : Archaeology, History, And Mythology*. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2007. ISBN 978-0-8248-3035-9.

KOZO, Yamamura - Introduction. In YAMAMURA, Kozo – *The Cambridge History of Japan*. 6ª ed. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2006. ISBN-13 978-0-521-22354-6.

MASS, Jeffrey – The Emergence of The Kamakura Bakufu. In HALL, John; MASS, Jeffrey org. – *Medieval Japan : Essays in Institutional History*. Palo Alto: Stanford University Press, 1988. ISBN 9780804715119. pp. 127-157.

MCCULLOUGH, William - The Heian court, 794-1070. In MCCULLOUGH, William; SHIVELY, Donald – *The Cambridge History of Japan*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1999. ISBN 0-521-22353-9. vol. 2. ISBN 0-521-22353-9.

MITSUSADA, Inoue – The Century of Reform societies. In HALL, John et al, org. – *Cambridge History of Japan*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1993. vol. 1.

NOBUHIKO, Nakai - Commercial change and urban growth in early modern Japan. In: HALL, John; MCCLAIN, James, eds – *The Cambridge History of Japan*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2006. vol. 4. pp. 519-596.

OSAMU, Wakita - The social and economic consequences of unification. MCCLAIN, James, trad. In: HALL, John; MCCLAIN, James, eds – *The*

*Cambridge History of Japan*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2006. vol. 4.

SANSOM, George - *A History of Japan to 1334*. 7ªed. Tóquio: Tuttle, 1990.

SANSOM, George - *A History of Japan, 1334-1615*. 7ªed. Tóquio: Tuttle, 1990.

SUSUMO, Ishii - The decline of the Kamakura bakufu. In YAMAMURA, Kozo – *The Cambridge History of Japan*. 6ª ed. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2006. vol. 3. ISBN-13 978-0-521-22354-6. pp. 131-160.

TOBY, Robert - Why Leave Nara?: Kammu and the Transfer of the Capital. In *Monumenta Nipponica*. [Em linha]. Vol. 40, nº3 (1985), p. 343. [Consult. 15 Abr. 2018]. Disponível na internet:<URL: <http://www.jstor.org/stable/2384764> .>.

#### URBANISMO JAPONÊS

BERRY, Mary Elizabeth – *The Culture of Civil War in Kyoto*. Berkeley: University of California Press, 1991.

CARMO, Filipe – Castle Cities and their effect on Modern Japan. In KONG, Mário; MONTEIRO, Maria; Neto, Maria João - *Modernity, Frontiers and Revolutions: Proceedings of the 4<sup>th</sup> International Multidisciplinary Congress*. Leiden: CRC PRESS, 2018. ISBN 978-0-367-02397-3.

HALL, John – Kyoto as Historical Background. In HALL, John; MASS, Jeffrey – *Medieval Japan: Essays in Institutional History*. Palo Alto: Stanford University Press, 1988.

HAYASHIYA, Tatsusaburo; ELISON, George- Kyoto in the Muromachi Age. In: HALL, John; TAKESHI, Toyoda, ed. – *Japan in the Muromachi Age*. Berkeley: University of California Press, 1977. ISBN 0-520-02888-0.

GAY, Suzanne – *The Moneylenders of Late Medieval Kyoto*. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2001. ISBN 0-8248-2461-X.

MCKELWAY, Matthew - *Capitalscapes: folding screens and political imagination in late medieval Kyoto*. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2006. ISBN 978-0-8248-2900-1.

PONSOBY-FANE, Richard – *Kyoto: The Old Capital of Japan (794-1869)*. Quioto: The Ponsoby Memorial Society, 1956.

SAND, Jordan - *Tokyo vernacular: common spaces, local histories, found objects*. Berkeley: University of California Press, 2013.

STAVROS, Matthew - The Sanjō bōmon Temple-Palace Complex: The First Locus of Ashikaga Authority in Medieval Kyoto. In *Journal of the International Research Center for Japanese Studies*. [Em linha]. Vol. 22. (2010). pp. 3-29 [Consult. 30 Abr. 2018]. Disponível na internet:<URL: <http://doi.org/10.15055/00000202>>.

STAVROS, Mathew – *Kyoto: An Urban History of Japan's Premodern Capital*. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2016. ISBN 978-0-8248-6788-1.

WINTERSTEEN, Prescott – The Early Muromachi Bakufu in Kyoto. In HALL, John; MASS, Jeffrey – *Medieval Japan: Essays in Institutional History*. Palo Alto: Stanford University Press, 1988. pp. 201-210.

#### ARQUITECTURA JAPONESA

DANIELL, Thomas; SEKI, Akihiko – *Houses and Gardens of Kyoto*. Vermont: Tuttle Publishing, 2010. 978-1-4629-0590-4.

HALL, John – Introduction. In: HALL, John; MCCLAIN, James, eds – *The Cambridge History of Japan*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2006. vol. 4. pp. 1-40.



INAJI, Toshirō – *The Garden as Architecture*. Trad. Pamela Virgilio. Tóquio: Kodansha International, 1998.

NISHI, Kazuo; HOZUMI, Kazuo – *What is Japanese Architecture*. Tradução de de H. Mack Horton. Nova Iorque: Kodansha USA, 2012. ISBN 978-1-56836-412-4.

PARENT, Mary Neighbour – Japanese Architecture and Art Net Users System (JAANUS) [em linha]. (2001). [Consult. 15 set. 2018]. Disponível em na internet:<URL: <http://www.aisf.or.jp/~jaanus/>>

SADLER, Arthur L. – *Japanese Architecture: A Short History*. Vermont: Tuttle Publishing, 2009. ISBN 978-4-8053-1043-4.

SCHONAUER, Norbert – *6000 Years of Housing*. Nova Iorque: W.W. Norton & Company, 2000. ISBN 0-393-73052-2.

TEIJI, Ito; NOVOGRAD, Paul – The Development of Shoin-Style Architecture. In In: HALL, John; TAKESHI, Toyoda, ed. – *Japan in the Muromachi Age*. Berkeley: University of California Press, 1977. ISBN 0-520-02888-0. pp. 227-240

YASUHARA, M; SAKIYAMA, T. - Characterization of space around Japanese traditional buildings. In *Transactions on The Built Environment*. Vol. 109, (2009). pp.47-58.

YASUHARA, Morihiko; IIBUCHI, Koichi; OKAZAKI, Muneyazu - Space of SHINDEN Residential Complex: Part 1. Lighting from the Side. *Forma*. Vol. 16, nº4 (2001), p. 367- 374. [Consult. 07-09-2018]. Disponível na internet:<URL:<http://www.scipress.org/journals/forma/pdf/1604/16040367.pdf>>.

## PENSAMENTO JAPONÊS

BENEDICT, Ruth – *The Crysanthum and The Sord*. Massachusetts: Houghton Mifflin Company, 1989.

HENDRY, Joy - Understanding Japanese society. 3ª ed. Londres: RoutledgeCurzon, 2003.

KAZUFUMI, Manabe; BEFU, Harumi - Japanese Cultural Identity. In *Japanstudien*. Vol 4. Nº1 (1993). pp. 89-102.

LEBRA, Takie Sugyama - *The Japanese Self in Cultural Logic*. Honolulu: Hawai'i, 2004. ISBN 0-8248-2840-2.

MAKI, Fumihiko – *Nurturing dreams: collected essays on architecture and the city*. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology, 2008.

SUGIMOTO, Yoshio – Na Introduction to Japanese Society. 4ª ed. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2014. ISBN 978-1-107-62667-6.

TANIZAKI, Junichirou – *Elogio da Sombra*. Trad. (do francês) Margarida Gil Moreira. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2016. ISBN 978-989-641-586-0.

VARLEY, Paul - Japanese Culture. 4ª ed. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2000. ISBN 0-8248-21 52-1.